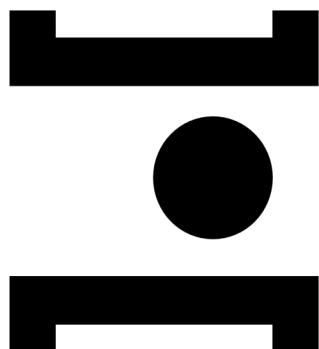


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**A gestão do acolhimento e da inclusão de Alunos Migrantes de
PLNM numa Escola no distrito de Santarém**

Trabalho de Projeto

Mestrado em Administração Educacional

Manuela da Conceição Farinha

Orientação:

Orientadora: Professora Doutora Isabel Alexandra Damasceno Piscalho

Coorientadora: Professora Doutora Maria Inês Almeida Cardoso

Fevereiro, 2025

Dedicatória

À minha filha, Sofia, e ao meu filho, Tiago, que são o meu farol e o meu porto de abrigo, que as minhas conquistas sejam também vossas e que nunca desistam dos vossos sonhos!

À memória do meu querido pai, Manuel, homem simples, que me ensinou a ser perseverante e a não desistir de fazer sempre mais e melhor.
À minha irmã, Cristina, à minha mãe, Maria, e à minha afilhada, Laura, que são parte importante da minha vida.

Agradecimentos

Às Professoras Doutoradas Isabel Piscalho e Inês Cardoso pelo valoroso contributo na orientação deste trabalho e pelo apoio académico e profissional nesta etapa do percurso.

Ao Professor Doutor David Beirante pelos momentos de apoio e pelas conversas profícuas durante a execução deste trabalho.

Às minhas amigas, Isabel, Raquel, Sandra, Marina e Risoleta por serem o meu apoio constante.

Aos meus colegas deste curso de mestrado, por termos vivido esta aventura juntos.

A todos os que aceitaram participar na etapa de investigação deste trabalho de projeto, pela disponibilidade e amabilidade com que me receberam.

Índice

Dedicatória	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Lista de figuras	viii
Lista de quadros.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
1 – Abordagem à evolução histórica das migrações e a imigração em Portugal	5
2 – A evolução do conceito de Escola Inclusiva	9
3 – O processo de acolhimento e a inclusão de alunos migrantes no Sistema Educativo Português	14
II – METODOLOGIA DO TRABALHO DE PROJETO.....	23
1. Contextualização do Trabalho de Projeto.....	23
2. Etapa Diagnóstica/Exploratória	26
2.1. Questões de investigação e objetivos que fundamentam o Trabalho de Projeto	26
2.2. Tipo e pertinência do estudo	27
2.3. Contexto e participantes	29
2.4. Processos de recolha e tratamento de dados	32
2.4.1. Instrumentos.....	32
2.4.2. Procedimentos de recolha de dados	34
2.4.3. Procedimentos de tratamento de dados.....	35
2.5. Considerações Éticas.....	37
2.6. Apresentação e análise dos resultados da Etapa Diagnóstica/Exploratória.....	38
2.6.1. Caracterização dos participantes na investigação.....	38
2.6.2. Caracterização das turmas de PLNM.....	41
2.6.3. O processo de acolhimento.....	43
2.6.4. O processo de inclusão promovido por docentes e outros elementos educativos	46
2.6.5. O papel dos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão.....	50
2.7. Principais constatações: identificação de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças.....	55
3. Desenvolvimento da Proposta de Projeto de Intervenção	56
3.1. Justificação da Proposta.....	56

3.2. Objetivos do Projeto de Intervenção	57
3.3. Descrição das Ações Propostas	57
3.4. Cronograma	61
3.5. Recursos Necessários.....	62
3.6. Proposta de Avaliação do Projeto de Intervenção	63
III – Conclusões e Recomendações.....	65
Referências Bibliográficas	67

Acrónimos/Siglas

CEE – Comunidade Económica Europeia

CT – Conselho de Turma

UE – União Europeia

MIME – Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PAA – Plano Anual de Atividades

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PAPI – Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual

PLNM – Português Língua Não Materna

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

TE – Tempo de estabelecimento

UNESCO – acrónimo de Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Resumo

Equacionar o novo contexto escolar, que se altera e redefine progressivamente devido à intensificação dos fluxos migratórios, é crucial para promover uma escola que valorize a inclusão, equidade e acolhimento da diversidade. Este trabalho de projeto baseia-se num estudo de caso que examina a inclusão de alunos migrantes de Português Língua Não Materna (PLNM) numa escola portuguesa, com o objetivo de identificar a perceção e eficácia das práticas de acolhimento e inclusão implementadas. Durante a etapa diagnóstica/exploratória, realizámos entrevistas semiestruturadas com docentes de PLNM, professores de outras disciplinas, alunos migrantes e alunos portugueses. Explorámos, nestas entrevistas, a dinâmica das aulas, o acolhimento dos alunos migrantes de PLNM e o contributo de cada interveniente no processo de inclusão. Os resultados desta fase revelaram fragilidades na articulação de estratégias e implementação do acolhimento e inclusão, sugerindo a necessidade de desenvolver um plano escolar abrangente e de sensibilizar toda a comunidade educativa para estas questões. Como proposta de intervenção, recomendamos a criação de uma rede de "*buddies*", a adoção de medidas práticas para o envolvimento da comunidade escolar e o estabelecimento de um grupo de trabalho responsável por coordenar, promover e monitorizar as mudanças necessárias para acomodar o crescente número de alunos migrantes de PLNM. Este projeto contribui para o debate sobre a importância de respostas educacionais adaptadas e inclusivas face à diversidade cultural e linguística nas escolas.

Palavras-chave: inclusão escolar, alunos migrantes, diversidade, Português Língua Não Materna (PLNM), acolhimento escolar

Abstract

Addressing the new school context, which is progressively changing and redefining itself due to the intensification of migratory flows, is crucial to promote a school that values inclusion, equity and welcomes diversity. This project work is based on a case study which analyses the inclusion of migrant Portuguese non-native language students in a Portuguese school, with the aim of identifying the perception and effectiveness of the hosting and inclusion practices implemented. During the diagnostic/exploratory stage, we conducted semi-structured interviews with teachers who teach the Portuguese non-native language subject, teachers of other subjects, migrant students and Portuguese students. In these interviews, we explored the dynamics of the classes, the hosting of migrant Portuguese non-native language students and the contribution of each element in the inclusion process. The results of this stage revealed weaknesses in the interaction of strategies and implementation of the hosting and inclusion processes, suggesting the need to develop a wider school plan and to raise the awareness of the entire educational community towards these issues. As a proposal for an intervention, we recommend the creation of a network of 'buddies', the adoption of practical measures to involve the school community and the creation of a working group responsible for coordinating, promoting and monitoring the needed changes to accommodate the growing number of migrant Portuguese non-native language students. This project contributes to the debate upon the importance of adapted and inclusive educational responses to cultural and linguistic diversity in schools.

Key-words: school inclusion, migrant students, diversity, Portuguese as a Non-Mother Tongue, school hosting

Lista de figuras

Figura 1 - Gráfico 1 - População de imigrantes a residir em Portugal entre 2011 e 2021 de acordo com dados recolhidos pelo SEF

Figura 2 - Gráfico 2 - Número de alunos migrantes de PLNM na escola em estudo de 2020/21 a 2023/24

Lista de quadros

Quadro 1 - Total de alunos migrantes de PLNM inscritos nos diversos anos de escolaridade (do 5.º ao 9.º anos) a 20 de outubro de 2023. Fonte: Programa Inovar Alunos

Quadro 2 - Caracterização dos docentes entrevistados que lecionam a disciplina de PLNM

Quadro 3 - Caracterização dos docentes entrevistados que lecionam outras disciplinas

Quadro 4 - Caracterização dos alunos migrantes de PLNM entrevistados

Quadro 5 - Caracterização dos alunos portugueses entrevistados

Quadro 6 - Categorias e subcategorias de análise

Quadro 7 - Identificação de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças

Quadro 8 - Cronograma de atividades do Projeto de Intervenção

INTRODUÇÃO

O Mundo está em constante mudança, seja esta provocada por conflitos bélicos, por crises económicas ou sociais, seja a mudança motivada pela procura de melhores condições de vida ou pela simples curiosidade de querer saber mais, de querer conhecer outros lugares e outras pessoas. Estas são as questões centrais do fenómeno crescente das migrações. Com efeito, a migração “questiona significativamente as sociedades contemporâneas, criando espaços sociais que extravasam os estados nacionais, moldando as estruturas económicas, políticas, culturais e sociais das sociedades e possibilitando a construção de identidades e formas de convivência plurais” (Vieira et al., 2020, p.7).

A globalização leva a que os fluxos migratórios se intensifiquem e que, inevitavelmente, os tecidos sociais se alterem e estejam em contínuo reajuste e em progressiva adaptação. Em última análise, este efeito da globalização leva a que se imprima um grau de complexidade crescente à sociedade e ao desenvolvimento do tecido social.

O fenómeno estende-se, obviamente, às escolas e leva a que o contexto escolar assuma novas formas, bem como nos apresente novos desafios dada a confluência de alunos provenientes de diferentes origens sociais e culturais, diferentes modos de vida e, sobretudo, portadores de diferentes competências linguísticas.

A miscigenação de culturas leva a que a escola tenha de encontrar novas formas de fazer valer o seu papel universal que materializa o direito à educação de todas as crianças. A este respeito, Duarte (2019) afirma que:

“a escola atual é ponto de encontro de uma população com culturas, linguagens e códigos de comportamento variados, o que requererá dela uma postura de aceitação e valorização das diferenças individuais, com base no princípio de ser diferente, o que não significa, necessariamente, ser pior ou melhor.” (p.2).

É precisamente neste ponto, que reflete a diversidade e conseqüentemente as alterações sociais e culturais nas escolas, que se coloca a questão de partida: como

está a ser gerido o processo de inclusão dos alunos migrantes, cuja língua materna não é o Português, no sistema educativo? Será que o processo de inclusão destes alunos específicos nos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico é bem-sucedido? Será que as medidas promotoras da inclusão que a Escola tem vindo a desenvolver e a aplicar se coadunam com as reais necessidades dos alunos migrantes, cuja língua materna não é o Português?

Para respondermos a estas questões equaciona-se igualmente aprofundar o conhecimento acerca da gestão formal do processo de acolhimento dos alunos migrantes de Português Língua Não Materna (PLNM) na escola, perceber que medidas e projetos pedagógicos estão a ser implementados no sentido de promover a inclusão desses alunos no contexto escolar, bem como se processa, para este público, a flexibilização do currículo. Estas questões compõem o leque de objetivos subjacentes à questão de partida.

A legislação contempla a promoção de uma escola inclusiva, capaz de se adaptar às necessidades específicas dos seus alunos e de adequar os contextos educativos mediante uma gestão autónoma de currículo, com a publicação dos Decretos-lei n.º 55/2018 de 6 de julho e n.º 54/2018 de 6 de julho, bem como com a publicação de um conjunto de portarias – que adiante referiremos - que visam a adoção de medidas que contribuam para se alcançarem as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017). No entanto, em termos práticos, como se estão a implementar, na escola, as necessárias medidas, flexibilizando os currículos, e de que modo se está a processar a efetiva inclusão dos alunos migrantes, cuja língua materna não é o Português?

Portugal é considerado “um país exemplar na forma como aborda as migrações, com uma sociedade acolhedora e tolerante e que conta com décadas de políticas públicas” (Alto Comissariado para as migrações, 2022, p.3); de facto, a questão da integração de alunos migrantes nas escolas estava já prevista na Lei de Bases do Sistema Educativo, de 1986, e tem sido reforçada ao longo do tempo, orientando-se atualmente pelos Decretos-lei n.º 55/2018 e 54/2018 de 6 de julho e, muito especificamente, pelo Despacho 2044/2022, a par de outras portarias e documentos oficiais já produzidos. Todo este aparelho legislativo foi, de alguma forma, procurando dar uma resposta cada vez mais completa e abrangente a um fenómeno que foi progressivamente crescendo e alterando o contexto escolar português; aliás, “os sistemas educativos de hoje não podem estar organizados para acolher apenas alguns

que serão a elite escolar e social; devem antes adaptar-se às necessidades de todos e de cada criança e jovem” (Meireles-Coelho et al., 2007, p. 290) de modo a criarem-se respostas educativas que possibilitem a igualdade de oportunidades.

Movendo-se pelas questões e contexto enunciados, este trabalho de projeto está estruturado em três partes principais.

A primeira parte deste trabalho de projeto foca-se no enquadramento teórico, realizando uma revisão da literatura sobre questões essenciais para a compreensão do tema. Esta revisão inclui a evolução histórica das migrações a nível global e em Portugal, a análise do conceito de Escola Inclusiva, o processo de inclusão de alunos migrantes no Sistema Educativo Português, e aborda ainda a autonomia das escolas e a flexibilização curricular na integração de alunos migrantes de PLNM.

A segunda parte centra-se na etapa diagnóstica/exploratória, que envolve o estudo empírico para identificar necessidades e oportunidades no contexto analisado. São definidas as questões de investigação principais e secundárias, discutido o tipo de estudo adotado e a seleção dos participantes. Detalham-se os processos de recolha e tratamento de dados, incluindo os instrumentos utilizados, culminando na apresentação e análise dos resultados obtidos.

Por fim, na terceira parte, são apresentadas as considerações finais, em que se discutem as conclusões e se propõem intervenções práticas. Avança-se com uma proposta de projeto de intervenção que visa oferecer soluções práticas para os problemas identificados, estabelecendo uma base sólida para futuras ações no contexto escolar.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nota Prévía

A evolução do processo educativo levado a cabo pelas sucessivas civilizações e épocas baseou-se na necessidade humana de dar significado à mera existência, de tal modo que a estimulação do desenvolvimento cognitivo permitiu progressivamente que se dotassem os indivíduos de ferramentas que lhes permitissem questionar e racionalizar o que os envolve. Com base nos pressupostos elencados, o papel da escola foi sendo debatido, analisado e alterado, de modo a fazer face aos desafios impostos pela sociedade e pelo seu processo evolutivo e transformador.

No âmbito da consciencialização da importância da escola e da educação, em 1948, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 26.º, consagra-se o direito de todos os seres humanos à educação e, em cada país, envidam-se os esforços que permitam a concretização efetiva desse mesmo direito.

De acordo com Silveira (2005) há uma preocupação de “educar para o desenvolvimento humano” (p.25) de tal forma que, como refere o autor, a escola:

encontra-se no centro da ação humana cuja complexidade só pode ser entendida, como afirmou Morin, pela renovação paradigmática e não programática, no quadro de uma sociedade do conhecimento que abre novas oportunidades a todos os países, independentemente dos níveis de capacitação económica” (Silveira, 2005, p.25).

Tendo em conta quer o paradigma de evolução económica e social, potenciado pelo aumento dos fluxos migratórios, quer o papel universal da escola que materializa o direito à educação de todas as crianças, verifica-se cada vez mais uma alteração crescente na população escolar que tende a integrar progressivamente mais alunos de diferentes origens, alteração essa que está na base de um contexto que se torna, a cada dia, cada vez mais multicultural.

Torna-se, assim, imperativo abordar algumas questões prévias à investigação no sentido de clarificar conceitos e enquadrar o contexto.

Desta forma, decidimos proceder a uma contextualização em termos históricos que nos permita refletir acerca do fenómeno das migrações num sentido lato, bem como, posteriormente, centralizando-o na realidade portuguesa. Criam-se, assim, as bases que nos permitem, de algum modo, analisar as políticas migratórias na União Europeia e o modo como os migrantes são integrados.

Esta escolha de enquadramento permitir-nos-á refletir acerca de conceitos-chave que surgem no âmbito desta investigação em contexto escolar, como são os processos de acolhimento e inclusão dos alunos migrantes, muito particularmente os alunos migrantes cuja língua materna não é o Português, bem como equacionar a forma como o ensino do Português Língua Não Materna se configura como elemento potenciador no processo de inclusão.

1 – Abordagem à evolução histórica das migrações e a imigração em Portugal

“Os movimentos migratórios são uma das características mais proeminentes das sociedades contemporâneas.”
(Padilla & Ortiz, 2012, p.159)

Ainda que Portugal tenha sido um país de navegadores que partiram em busca de outras terras e outros povos, de homens que tenham colonizado tantos territórios em partes tão diversas do globo, e, posterior e ainda atualmente, um país com forte propensão emigratória - aliás, segundo dados das Nações Unidas (Observatório da Emigração, 2024), estima-se que, no ano de 2020, cerca de 2 milhões de portugueses fossem emigrantes -, contudo, por oposição, o fenómeno da imigração é relativamente recente. O início deste fenómeno remonta, de modo mais óbvio, a meados dos anos de 1970 (Padilla & Ortiz, 2012), já que, até aí, Portugal era sobretudo um país de emigrantes.

As diferentes necessidades sentidas por uma parcela da população portuguesa, assentes em questões de ordem económica, social ou de outra natureza, levavam a que alguns cidadãos portugueses saíssem do país e se instalassem em países estrangeiros, tal como afirma Casa-Nova (2005): “Durante vários séculos, com especial incidência no século XIX, Portugal foi basicamente um país exportador de mão-de-obra não qualificada para diversos países do mundo” (p.182).

No entanto, a tendência migratória haveria de se começar a alterar e, ao invés de se manterem os fluxos emigratórios, o país começou a receber progressivamente mais imigrantes sendo que “a partir de meados da década de 1980 (...) o país, para além desta componente de saída, passou a receber um quantitativo importante de imigrantes” (Vieira et al., 2020, p.17).

Os movimentos de pessoas, fossem numa tendência de entrada ou de saída do país, levaram a que Portugal se tornasse “um país de migrações. Entre o retorno ou repatriamento de muitos nacionais portugueses e o acolhimento de centenas de milhares de estrangeiros, a demografia nacional ganhou diversidade e complexidade” (Góis & Marques, 2018, p.125).

Segundo Padilla e Ortiz (2012, p.160), podemos considerar que a emigração portuguesa se divide em fases: a transatlântica, até fim da Segunda Guerra Mundial, representada pela emigração para o Brasil; a primeira vaga europeia, a partir da década de 1960 até 1974, em que os emigrantes procuravam sobretudo dois países, França e Alemanha; e a segunda vaga europeia, após a adesão à União Europeia, em que os países preferidos eram Suíça, Espanha e Andorra. Ainda de acordo com Padilla e Ortiz (2012, p.162), esta última tendência haveria de, posteriormente, com a globalização e a tendência anticrise, alterar-se e as deslocações começaram a fazer-se para vários destinos e também de mão de obra qualificada.

Estes movimentos migratórios tiveram por base uma diversidade de fatores que motivaram as pessoas a procurar outras formas de vida fora do seu país. Ora é precisamente essa multiplicidade de fatores que marca os movimentos migratórios em direção a Portugal.

Após a Revolução de 1974, data em que se dá o início da independência das colónias portuguesas em África, começa o movimento da descolonização, sendo que cerca de meio milhão de portugueses retorna progressivamente a Portugal, e surgem, deste modo, “as primeiras comunidades imigrantes com algum significado numérico” (Baganha et al., 2009, para.2).

A entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, e as grandes obras públicas que, posteriormente, haviam de se iniciar, na sequência do recebimento de montantes financeiros providos de fundos estruturais de coesão, levou a que surgisse a necessidade de muita mão de obra com uma baixa qualificação. Este facto acabaria por estar na origem de novos fluxos de imigrantes, principalmente oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), para Portugal.

A par da conjuntura descrita, a assinatura da Convenção Schengen, que criou um espaço de circulação europeu, potenciou igualmente os fluxos migratórios, trazendo a Portugal, no início do século XXI, segundo Góis e Marques (2018, p.130), imigrantes do Leste da Europa.

Os movimentos oriundos do Leste da Europa mantiveram-se, quase até à viragem do século, quer para colmatar as necessidades de mão de obra pouco qualificada, acrescentando aos imigrantes que vinham em grande número dos PALOP, quer trazendo imigrantes qualificados que procuravam outras oportunidades de emprego que foram surgindo.

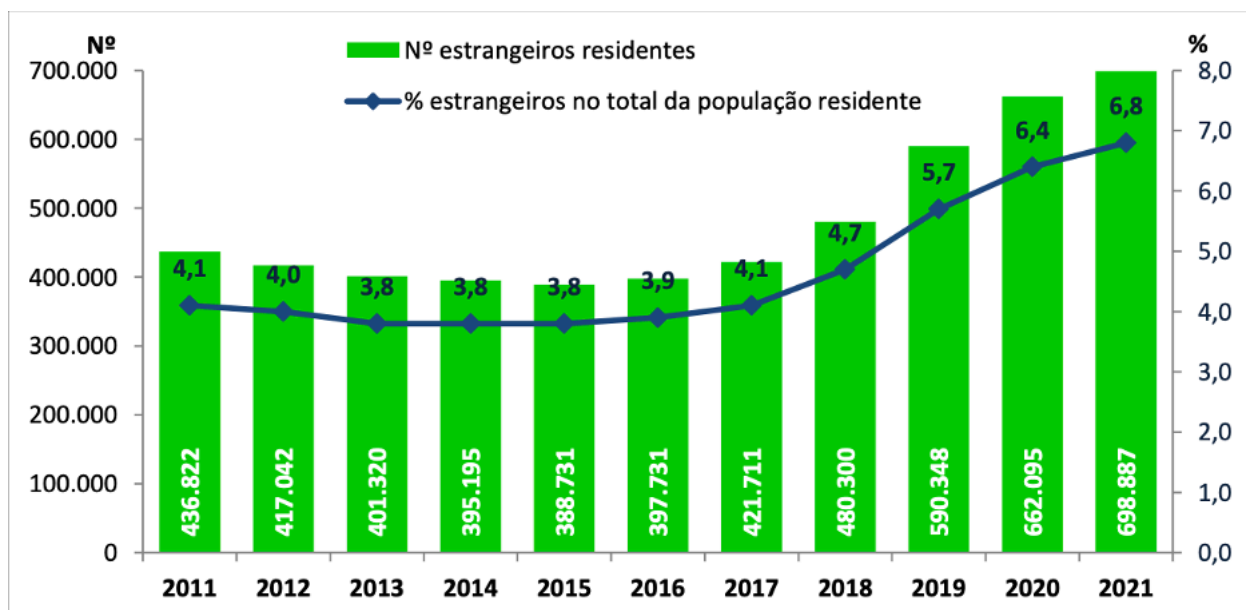
No entanto, constata-se que a presença de imigrantes em Portugal até final do século XX era “relativamente fraca e a maioria dos movimentos que ocorriam podia atribuir-se diretamente ao nosso passado colonial, às nossas relações históricas e culturais bem como as nossas relações económicas” (Baganha et al., 2009, para.5).

Contudo, a conjuntura económica e o investimento público potenciado por grandes obras, como foram a Expo’98, a ponte Vasco da Gama ou os estádios para o Euro 2004, a título de exemplo, haveriam de abrir portas não apenas aos fluxos de imigrantes que já se verificavam, mas também a mais pessoas vindas de países do leste da Europa, não pertencentes à União Europeia (UE). Por esta altura, começaram igualmente a chegar imigrantes oriundos da Ásia, de países como a China e o Paquistão.

De acordo com Oliveira (2022), que sistematizou os dados recolhidos junto dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e procedeu aos cálculos, tal como apresentados no Gráfico 1 (Oliveira, 2022, p.50) entre 2010 e 2015, a população de imigrantes a residir em Portugal baixa. No entanto, de acordo com o mesmo relatório de 2022, do Observatório das Migrações, de 2019 a 2021, o país recupera posições face aos restantes países da União Europeia. Esta subida representa o aumento da população imigrante que, segundo a autora, passam a ser 6 estrangeiros em cada 100 residentes a partir de 2019, quando até 2017 eram cerca de 4.

Figura 1

População de imigrantes a residir em Portugal entre 2011 e 2021



Nota. Elaborado pelas autoras de acordo com dados recolhidos pelo SEF

Segundo Oliveira (2022), as dez nacionalidades estrangeiras numericamente mais representadas em Portugal mantiveram-se no ano de 2021, embora sofrendo algumas alterações de ordenação, refletindo um ligeiro abrandamento da evolução dos cidadãos do Reino Unido (-9,3% residentes em 2021) e da China (com -6,8% residentes), e um novo incremento de nacionais da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP (e.g. Brasil com +11,3% residentes, Angola com +5,1%), da União Europeia (e.g. Itália com +2,6%, França com +7,2%) e de alguns países da Ásia (e.g. Índia com +5,7% de residentes).

Finalmente, ainda de acordo com Oliveira (2022), nota-se que a população estrangeira residente é tendencialmente mais jovem que a população portuguesa, concentrando-se nos grupos etários mais jovens, em idades ativas e férteis, embora esteja em crescimento o universo de estrangeiros nos grupos etários mais envelhecidos com o reforço de um fluxo de imigrantes reformados para Portugal.

Oliveira (2022) constata, ainda, que nem todos os distritos de Portugal atraem da mesma forma a população estrangeira. Em 2020, mantendo a tendência de crescimento dos últimos anos, todos os distritos aumentaram a sua população estrangeira sendo que os distritos que apresentaram as maiores taxas de variação positiva foram o de Viana do Castelo (+28,8% de residentes estrangeiros), Porto (+18,6%), Viseu (+18,4%), Setúbal (+17,2%), Braga (+15,8%), Beja (+15,8%), Leiria (+15,6%) e Santarém (+15,5%).

Atualmente, o fenómeno da globalização bem como toda uma envolvência de contingências económicas e sociais de diversa ordem levam a que o número de imigrantes aumente de modo generalizado em virtude de Portugal ser, nas palavras de Vieira da Silva, “um país exemplar na forma como aborda as migrações, com uma sociedade acolhedora e tolerante e que conta com décadas de políticas públicas que procuram responder a este desafio de forma participada, descentralizada e inclusiva” (Guia de Acolhimento Para Migrantes, 2022, p.3).

2 – A evolução do conceito de Escola Inclusiva

“Há dois termos que se alimentam mutuamente: igualdade e diversidade.”

(Nóvoa in Rodrigues, 2013, p.12)

As questões da diversidade e da igualdade estão presentes no quotidiano de qualquer escola, seja pela diversidade de raças, culturas e personalidades, seja pela necessidade de que todos e todas sejam igualmente considerados/as de acordo com as características que os/as tornam indivíduos únicos. Ora, neste ponto, percecionamos o que muitos autores referem como o cerne da escola inclusiva.

Segundo Nóvoa (2013), a escola inclusiva deve assegurar a formação de todos, adotando princípios que permitam responder de maneira diferente às diferentes necessidades e possibilidades de cada um. O autor refere igualmente que mediante a valorização da diversidade se dá o processo de transformação da igualdade em equidade, tal como se atesta nas palavras de Mantoan e Prieto (2006): “Reconhecer a igualdade de aprender como ponto de partida e as diferenças no aprendizado como processo e ponto de chegada”. (p.10)

Ao longo dos tempos foram diversos os documentos e os acontecimentos que marcaram o rumo da Educação e, por inerência, a preocupação em torná-la cada vez mais abrangente e inclusiva.

Destaca-se, neste contínuo processo construtivo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, nomeadamente o seu artigo 26.º, que determina que “toda a pessoa tem direito à educação”. Mais tarde, em 1959, sob a alçada da ONU, surge a Declaração dos Direitos da Criança, bem como, em 1989, se promove a Convenção dos

Direitos da Criança, entre vários outros documentos e marcos significativos em que se reflete acerca dos caminhos da educação.

Em 1994, a abordagem ao conceito da inclusão assume-se como um objetivo importante para a educação em muitos países, sendo de destacar como um ponto de viragem nesta caminhada a emissão da Declaração de Salamanca, na conferência da UNESCO.

Na Declaração de Salamanca, reafirma-se o direito à educação de todos os indivíduos, decorrente da Declaração Universal dos Direitos do Homem, e assegurado na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em 1990, fazendo-se notar que cada criança é única em termos de capacidades, interesses e necessidades educativas e sublinhando, uma vez mais, a orientação de inclusão que deve ser adotada por cada escola. Ainda que o documento faça uma clara menção à inclusão das pessoas com necessidades educativas individuais, estava obviamente lançada a referência à necessidade de se apoiar e dinamizar a ideia de escola inclusiva para cada criança. Aliás, segundo Ainscow (2009), “a inclusão começa a partir da crença de que a educação é um direito humano básico e o fundamento para uma sociedade mais justa”. (pp.11-12)

Em 2015, a menção à educação inclusiva é reforçada na Declaração de Lisboa sobre Equidade Educativa e destacada na definição dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável para 2030. Estes objetivos abordam diversos domínios, mas, particularmente, o objetivo 4 centra-se na Educação de Qualidade, destacando-se o sentido inclusivo que deve pautar a educação. Nesta definição reforça-se a necessidade de cada criança ter acesso a uma educação livre, de igual acesso, equitativa, inclusiva e de qualidade. Aponta-se igualmente a necessidade de se entenderem as diversidades de cada criança como uma oportunidade para melhorar e tornar o ensino mais democrático. Entende-se que a inclusão poderá atuar sobre as barreiras que se colocam à aprendizagem dos alunos e promover o sucesso e a participação das crianças no seu percurso de aprendizagem. Aqui também se percebe o conceito de equidade sabendo-se que os sistemas educacionais que promovem a dialética equidade/inclusão são os que alcançam melhores resultados.

Segundo Moreira (2022):

“equidade na educação significa que circunstâncias pessoais ou sociais, como sexo, origem étnica ou origem familiar, não são obstáculos para alcançar o

potencial educacional (justiça) e que todos os indivíduos alcancem pelo menos um nível mínimo básico de habilidades (inclusão).” (p.144)

Em Portugal, a democratização da Educação, que se dá na década de 70, permitiu que mais crianças a ela tivessem acesso, traduzindo-se esta iniciativa na progressiva aposta em infraestruturas escolares, na criação de políticas educativas, na formação de profissionais da educação bem como, mais tarde, na universalização dos três ciclos do ensino básico. De modo construtivo, o processo gradualmente alcança, numa fase posterior, o alargamento da escolaridade obrigatória para os 18 anos de idade com a aprovação da Lei n.º85/2009 de 27 de agosto.

Ora, esta contínua aposta na Educação leva a que, em 2017, se comecem a lançar progressivamente documentos e orientações fundamentais que se constituem como basilares para a promoção da inclusão em contexto escolar: o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) (Martins et al., 2017), os documentos das Aprendizagens Essenciais (AE) (DGE, 2018), a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) (DGE, 2017) e, mais tarde, completa-se o regime jurídico com a aprovação do Decreto-lei n.º 54/2018, com as alterações introduzidas pela Lei n.º116/2019, de 13 de setembro, seguido do Decreto-lei n.º 55/2018, de 6 de julho, retificado pelo Decreto-lei n.º70/2021, de 3 de agosto, tendo ambos os Decretos-lei n.º54/2018 e n.º 55/2018 sido alterados pelo Decreto-lei n.º62/2023, de 25 de julho.

Deparamo-nos com o lançamento de premissas legais que têm por objetivo virem a potenciar a inclusão de todos os alunos, independentemente das suas condições sociais, das suas potencialidades, das suas expectativas e dificuldades.

No preâmbulo do Decreto-lei n.º 54/2018 refere-se que uma das prioridades será “a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social.”. E estabelecem-se, assim, como princípios orientadores, plasmados no artigo 3.º do mesmo Decreto:

a) Educabilidade universal, que se traduz no entendimento de que todos “têm capacidade de aprendizagem e de desenvolvimento educativo”, logo, a educação é para todos;

b) Equidade, em que se assume que todas as crianças e alunos têm de igual modo “acesso aos apoios necessários de modo a concretizar o seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento”;

c) Inclusão, entendendo-se “o direito de todas as crianças e alunos ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos”;

d) Personalização, ou seja, o direito de cada criança de estar no centro do planeamento educativo de forma a garantir “que as medidas sejam decididas casuisticamente de acordo com as suas necessidades, potencialidades, interesses e preferências, através de uma abordagem multinível”;

e) Flexibilidade, promovendo-se “a gestão flexível do currículo, dos espaços e dos tempos escolares” para que se garanta que a ação educativa tenha como foco a individualidade de cada criança, atendendo à sua singularidade;

f) Autodeterminação, equacionando-se a necessidade de ter em linha de conta a autonomia e singularidade de cada criança, “tomando em consideração não apenas as necessidades do aluno, mas também os seus interesses e preferências, a expressão da sua identidade cultural e linguística, criando oportunidades para o exercício do direito de participação na tomada de decisões”;

g) Envolvimento parental, reconhecendo e valorizando a participação dos pais ou encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos;

h) Interferência mínima, considerando que “a intervenção técnica e educativa deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja ação se revele necessária à efetiva promoção do desenvolvimento pessoal e educativo das crianças ou alunos e no respeito pela sua vida privada e familiar”.

Em março de 2022, o relatório, da responsabilidade da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), *Educação Inclusiva em revista: perspetiva geral sobre Portugal*, reporta melhorias significativas no estado da Educação em Portugal, no que concerne às percentagens de jovens que concluem o ensino secundário, na diminuição das taxas de abandono escolar, bem como na melhoria das competências no âmbito da leitura, da matemática e das ciências, sendo que a média dos resultados dos alunos portugueses se aproxima da média da OCDE. Reconhece-se também que Portugal tem feito grandes progressos no campo da inclusão escolar, sendo que promoveu leis de educação inclusiva que abrangem todos os alunos (Moreira, 2022), não obstante existirem ainda áreas de melhoria a curto e a longo prazo.

Constata-se que “as escolas com orientação inclusiva são o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, criando comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando uma educação para todos” (Messiou, 2019, cit. por Moreira, 2022, p.147).

Segundo Cerna (2021), a inclusão é um processo que ajuda a ultrapassar barreiras que limitam a presença, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes. Ainda de acordo com o mesmo autor, existe a necessidade de mudanças no sistema de ensino de modo a torná-lo acolhedor e ajustado aos estudantes, devendo ultrapassar-se a ideia de que é o estudante que se deve adaptar ao sistema de ensino. Aliás, o objetivo central é o de que todos os estudantes são importantes e a sua importância é exatamente igual.

Por outro lado, a noção de escola inclusiva deve também ter em conta que «ao evitar segregações e estigmas, um sistema de educação inclusiva não pode providenciar uma educação “indiferenciada”, que negligencie as diferenças e que opere sobre “o mínimo denominador comum” (Abrantes, 2021, p.33), o que implica dotar as escolas de “um conjunto de recursos e disposições que permitam acompanhar todos os alunos, na sua singularidade, e encontrar as soluções mais adequadas para garantir o bem-estar, o desenvolvimento e a aprendizagem de cada um” (Abrantes, 2021, p.33-34).

Em tempos profícuos para o caminho da Educação e, muito particularmente, para a construção de uma escola que se pretende cada vez mais inclusiva, surge, também, o Desenho Universal para a Aprendizagem como uma abordagem curricular que assenta em pressupostos baseados na singularidade e na individualidade de cada aluno (Piscalho et al., 2022). Desta forma, defende-se a ideia de que é necessário reequacionar-se o planeamento da aprendizagem, assente na diversidade de cada aluno, a adoção de práticas pedagógicas flexíveis e acessíveis, a remoção intencional de barreiras à aprendizagem e uma abordagem multinível personalizada e flexível.

Ainda que o início do caminho da Escola Inclusiva remonte há alguns anos, a promoção e a aposta na Educação Inclusiva tem sido progressivamente apoiada e reforçada por políticas educativas e pela comunidade educativa, pelo que se constata que uma boa parte do caminho já foi percorrida; no entanto, é necessário um reforço sistemático e consistente dos seus princípios para que, cada vez mais, se mudem mentalidades e se abram portas para que todos os alunos possam alcançar o seu potencial educacional.

Em 2009, Ainscow já assinalava a perceção de se ter percorrido um longo caminho desde a Declaração de Salamanca, não obstante ainda serem necessárias mudanças e esforços de modo a implementar-se a escola inclusiva uma vez que “uma escola inclusiva é aquela que está evoluindo, e não aquela que já atingiu um estado perfeito” (p.20).

3 – O processo de acolhimento e a inclusão de alunos migrantes no Sistema Educativo Português

A diversidade é um fator de valorização da comunidade educativa e da aprendizagem. Para que este propósito se cumpra, os alunos migrantes devem ser abrangidos por medidas de integração efetiva no sistema educativo e, simultaneamente, na sociedade em geral.

(Inclusão de Alunos Migrantes Em Meio Educativo, 2024, p.5)

Atendendo ao fenómeno cada vez mais marcante e crescente das migrações, efeito da globalização, a escola inclusiva, a escola para todos, tem de ter cada vez mais em consideração a diversidade de alunos que compõem o tecido escolar. Assim, conceitos como inclusão, diversidade e equidade (Pappámikail et al., 2022) tornam-se, a cada dia, mais preponderantes num ensino para todos todas e que visa o sucesso educativo de todos os alunos.

Como referem Colaço e Piscalho (2022), Portugal tem evoluído na criação e promoção de práticas de inclusão tendo cada vez mais em conta as necessidades educativas de cada aluno, passando de “uma escola segregadora para uma escola onde todos participam e aprendem de acordo com as suas potencialidades, adequando as respostas às necessidades educativas de cada aluno – inclusão” (p.14).

No relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2022), é referido que as escolas são “ambientes de aprendizagem inclusivos e colaborativos (...) que acolhem os estudantes na sua diferença e diversidade”. (UNESCO, 2022, p. 95). Destaca-se, assim, a ideia de que a escola deve potenciar as mudanças necessárias no seu processo organizativo de modo a promover a inclusão no sentido de dar oportunidades em vez de gerar desigualdade e marginalização.

Com efeito, devemos ter em conta que as escolas são, atualmente, cada vez mais compostas por alunos de diferentes e diversas origens que estão na base da

diversidade cultural, linguística, religiosa e mesmo socioeconómica, pelo que, segundo Helena Fonseca, Subinspetora-Geral da Educação e Ciência, “as comunidades educativas devem assegurar a equidade” (Pappámikail, et al., 2022, p.4).

O processo de inclusão de alunos migrantes na escola, especificamente aqueles cuja língua materna não é o Português, bem como o seu desempenho académico, afigura-se como uma situação que carece de uma atenção e cuidado específico tendo em conta que estes alunos se deparam com uma língua, com regras e procedimentos de um sistema de ensino diferente dos sistemas de ensino de origem. Desta forma, necessitam de se adaptar a novos objetivos escolares, bem como necessitam de aprender uma nova língua no sentido de alcançarem esses objetivos. Todas estas contingências representam desafios ou dificuldades para estes alunos e, obviamente, influenciam os respetivos desempenhos académicos. Tais situações constituem-se como desafios adicionais ao processo de inclusão dos alunos na escola.

Tal como reportado numa publicação da OCDE, “foreign-born students who have spent several years in an education system abroad with a different curriculum and teaching methods face additional hurdles” (Young People with Migrant Parents, 2021, p.11). Constata-se, pois, que não apenas a barreira linguística, mas, também, um novo ambiente de aprendizagem, dificultam o processo de inclusão dos alunos. No entanto, sabemos que a compreensão e a aprendizagem da língua do país de acolhimento assumem-se como um requisito fundamental no processo de inclusão de migrantes, muito particularmente dos alunos migrantes cuja língua materna ou a língua de escolarização não foi o português.

Segundo Oliveira (2018), de acordo como um Eurobarómetro Qualitativo (2011) acerca da integração de imigrantes, os inquiridos declararam percecionam a língua como uma das principais barreiras à inclusão nas sociedades europeias e, conseqüentemente, a aprendizagem ou domínio da língua da sociedade de acolhimento pelos migrantes como um aspeto fundamental de inclusão. Percecionamos a questão da integração neste ponto, tal como se encontra definida por Santos et al. (2022), como “o processo de adaptação dos alunos a um contexto, atitudes e estruturas pré-existentes” (p.3).

Ainda que a língua se possa afigurar como uma das primeiras dificuldades na inclusão dos alunos migrantes, o direito à inclusão destes está plasmado no n.º 1 do artigo 73.º da Constituição da República Portuguesa, em que se refere que “todos têm direito à educação e à cultura”, sendo ainda este direito reforçado, de modo particular,

para os alunos migrantes, pelo que se encontra preconizado no n.º 2, alínea j, do artigo 74.º, em que se declara como incumbência do Estado assegurar aos filhos de imigrantes apoio adequado para efetivação do direito ao ensino.

Desta forma, o primeiro passo para o processo de inclusão dos alunos migrantes no Sistema Educativo Português é dar início ao procedimento da matrícula escolar, que se concretiza tendo por base um processo prévio de equivalência de habilitações, conforme estabelecido pelo Decreto-lei n.º 227/2005, e a apresentação dos documentos pessoais solicitados.

Tendo-se efetivado o processo burocrático, equaciona-se o acolhimento formal dos alunos no meio escolar a que se segue o processo de inclusão dos mesmos no sistema educativo. Ou seja, de acordo com Santos et al. (2022), “a inclusão pressupõe a alteração do próprio sistema para se adaptar ao/à aluno/a e não a adaptação do/a aluno/a para se enquadrar no sistema.” (p.5).

Assim, em todos estes primeiros passos e no decurso do percurso educativo que cada aluno migrante irá desenvolver aplicam-se princípios de acolhimento, equidade e inclusão conforme plasmados no Decreto-lei n.º 54/2018 de 6 de julho, retificado pela Lei n.º 116/2019, de 13 de setembro, e no Decreto-lei n.º 55/2018 de 6 de julho, retificado pelo Decreto-lei n.º 70/2021 de 3 de agosto, tendo ambos os Decretos-lei n.º 54/2018 e 55/2018 sido alterados pelo Decreto-lei n.º 62/2023, de 25 de julho, e ainda conforme orientações do Despacho 2044/2022 de 16 de fevereiro. Assim, é ponto assente que:

“o caminho para a inclusão é um processo inacabado, em constante mudança e reconfiguração. Para promover mudanças profundas, os princípios de organização da escola do futuro devem centrar-se na inclusão e colaboração. Excelência, realização, qualidade, medição e progresso também são compromissos valiosos que podem ser realinhados de forma a incluir em vez de marginalizar” (UNESCO, 2022).

Centrando-se todo o processo de inclusão dos alunos migrantes nestes princípios e nos pressupostos legais, o Decreto-lei n.º 54/2018 preconiza, no seu preâmbulo, a garantia de todos os alunos terem acesso à educação inclusiva de qualidade proporcionando “a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas

condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.”.

A tónica na Educação Inclusiva vem reiterar a necessidade de “dar voz a cada aluno e respeitar os seus interesses e aptidões, por forma a construir percursos curriculares que aumentem os seus níveis de participação e lhes permitam experienciar efetivamente o sucesso educativo e pessoal” (Pedroso, Pereira, et al., 2018, p.14).

Tais princípios aplicam-se, igualmente, aos estudantes migrantes, que se integram no Sistema Educativo Português, sendo reforçados, na especificidade do processo, pelo Despacho 2044/2022 de 16 de fevereiro, que refere no preâmbulo que “a política educativa pretende garantir a igualdade de oportunidades e promover o sucesso educativo de todos os alunos”. Consideram-se muito objetivamente os alunos oriundos de contextos migratórios de forma a que possam usufruir de medidas de inclusão efetiva no sistema educativo. Aliás, tal como preconizado no preâmbulo do Decreto-lei n.º 54/2018, de 6 de julho:

“apostar numa escola inclusiva, onde todos os alunos, e cada um, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de informação e educação facilitadores da sua plena inclusão social, exige que a escola reconheça a mais-valia da diversidade e que se reorganize de modo a responder às potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença” (p. 2918).

Com o crescente número de alunos migrantes de PLNM e a preocupação com a lecionação da língua portuguesa a alunos migrantes, cuja língua materna não é o português, criou-se, em 2005, o documento orientador intitulado Português Língua Não Materna no Currículo Nacional (Perdigão et al, 2005) sob a coordenação do Ministério da Educação e da Direção-Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular. Na génese deste documento orientador encontra-se a referência à necessidade de se promover o diagnóstico da situação de cada aluno, à data do ingresso no Sistema Educativo Português, bem como a necessidade de se definirem medidas de acolhimento e de escolarização de forma a intervir junto dos alunos de modo profícuo.

O vazio legislativo que existia naquela altura e o crescente número de alunos migrantes a integrarem o Sistema Educativo Português levou a que se intensificasse a necessidade de se definirem orientações, uma vez que começava a encarar-se o aluno de PLNM “como um aluno com necessidades linguísticas e de integração específicas” (Pereira, 2017, p. 105).

Tentava ultrapassar-se, assim, os diferentes processos de inclusão que cada escola, por falta de orientações, levava a cabo e reconhecia-se que “o desconhecimento da língua portuguesa, veículo de todos os saberes escolares, é um dos maiores obstáculos à integração destes alunos e ao acesso ao currículo” (Leiria et al., 2008, p.3).

Para além desta noção, entendia-se a necessidade de uma ação conjunta e partilhada dos vários intervenientes na comunidade educativa de forma a promover-se “a construção de uma Cultura de Escola aberta à diversidade” (Ministério da Educação et al., 2005, p.10) sendo que os Projetos Educativos e Curriculares deviam conter “objetivos e estratégias de acolhimento e de inclusão” (Ministério da Educação et al., 2005, p.10). As medidas previstas no documento orientador remetiam para a organização do processo individual e escolar do aluno, de modo a facilitar a sua inclusão, bem como para a criação de uma equipa multidisciplinar e multilingue, em que se envolvessem diversos elementos da escola, desde o professor titular, os professores tutores, os professores de línguas e o eventual recurso ao psicólogo, para além das possíveis ligações externas à escola. O trabalho conjunto desta equipa potenciaria a inclusão dos alunos pois seria responsável pelos respetivos procedimentos formais: a aplicação de teste diagnóstico e posterior inclusão num grupo de nível em PLNM, a definição de um plano de integração curricular, o processo de informar alunos e encarregados de educação acerca de toda a dinâmica da escola e do sistema educativo, bem como a promoção de atividades que dessem visibilidade às línguas de origem dos alunos.

A preocupação com o crescente número de alunos migrantes nas escolas levou a que se criassem Orientações Nacionais que visavam abordar os princípios, objetivos e competências linguísticas a ter em conta, bem como fornecer sugestões e estratégias de organização e atividades de trabalho a implementar, não apenas na sala de aula, mas, de modo generalizado, na escola e na comunidade, tendo em conta que:

Numa sociedade multicultural, como é a portuguesa, o reconhecimento e o respeito pelas necessidades individuais de todos os alunos e, em particular, das

necessidades específicas dos alunos recém-chegados ao sistema educativo nacional devem ser assumidos como princípio fundamental através da construção de projetos curriculares que assegurem condições equitativas de acesso ao currículo e ao sucesso educativo (Ministério da Educação, 7/2006, p. 903).

O reconhecimento da transversalidade e do papel da língua portuguesa enquanto língua de escolarização levou a que se sentisse a necessidade de formalizar procedimentos através da criação de orientações oficiais, que listaremos de seguida. A estas orientações associa-se a o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), publicado em 2001, pelo Conselho da Europa, que define linhas de orientação e de abordagem metodológica bem como seis níveis comuns de referência.

Tais pressupostos basilares que, por inerência da flexibilização e adaptabilidade a cada aluno, se conectam com o conceito de escola inclusiva, mantêm-se subjacentes à dinâmica da inclusão dos alunos PLNM migrantes até à atualidade e patentes na criação da legislação que surgiu mais recentemente.

Em 2018, a aprovação dos Decretos-lei 54/2018 de 6 de julho e 55/2018 de 6 de julho, com as respetivas retificações, clarificaram, em termos de matéria legal, as premissas da Escola Inclusiva de e para todos/as os/as alunos/as sendo que, progressivamente, se publicaram outros diplomas legais no sentido de regulamentar e materializar a execução dos princípios consagrados nos Decretos-lei. Seguiram-se alguns diplomas legais que remetem diretamente para a questão da inclusão de todos/as os/as alunos/as:

a) a Lei n.º 116/2019, de 13 de setembro, que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva;

b) o Despacho n.º 2044/2022, de 16 de fevereiro, que estabelece as normas destinadas a garantir o apoio aos alunos cuja língua materna não é o Português;

i) o Decreto-lei n.º 62/2023, de 25 de julho, que altera as regras de adaptação do processo de avaliação no âmbito do regime jurídico da educação inclusiva e as regras relativas ao processo de avaliação externa das aprendizagens;

Ora, tendo presente que os alunos, cuja língua materna não é o Português, trazem para a escola toda uma cultura própria, a sua língua e os seus hábitos e

costumes, toda a legislação criada visa promover medidas de inclusão quer no sistema escolar como na comunidade educativa.

Deste modo, tendo bem clara a bagagem específica desses alunos, como ponto de partida, no Despacho 2044/2022 de 16 de fevereiro, aprovam-se medidas específicas que visam a inclusão destes alunos considerando-se que “em prol de uma verdadeira inclusão humanista, não se pode rejeitar as línguas e as culturas dos sujeitos pois isso é rejeitar (e desprezar) as suas identidades” (Pappámikail et al., 2022, p.93).

Atendendo ao facto de se tratar da inclusão no Sistema Educativo Português de alunos cuja língua materna não é o Português, ou que não tenham frequentado o Português como língua de escolarização, reconhece-se a necessidade de a escola promover o posicionamento dos alunos num nível de proficiência fundamentado por um processo de avaliação diagnóstica do seu conhecimento da língua portuguesa, com base num modelo de teste disponibilizado pela Direção-Geral da Educação, tal como referido nos n.º 3 e 4 do artigo 12.º da portaria n.º 223-A/2018 de 3 de agosto.

O posicionamento num nível de proficiência poderá implicar a frequência da disciplina de PLNM como equivalente à disciplina de Português para os alunos cujo nível de proficiência se situe entre o nível de iniciação (A1 e A2) e o nível intermédio (B1) ou a frequência da disciplina de Português na turma em que os alunos se encontram inseridos quando a criação da disciplina de PLNM se mostre inviável. Na verdade, tal como previsto na legislação, a criação da disciplina de PLNM nas escolas tem por base a existência de um número mínimo de 10 alunos cuja língua materna não seja o português, de modo a existirem condições para se criar uma turma e alocar os recursos necessários ao seu funcionamento.

Aliás, a disciplina de PLNM surge como uma das medidas de apoio aos alunos cuja língua materna não é o Português, como forma de se criarem condições equitativas que possam promover o acesso desses alunos ao currículo e ao sucesso educativo.

Mantendo a filosofia subjacente às primeiras orientações emanadas em 2005, a escola deve, ainda, disponibilizar respostas educativas que visem facilitar o acesso ao currículo destes alunos promovendo, tal como plasmado no n.º 8, alíneas a) e b) da Portaria n.º 223-A/2018 de 3 de agosto, medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão bem como adaptações ao processo de avaliação interna e externa.

A legislação publicada surge no sentido de se atribuir autonomia às escolas de modo a poderem flexibilizar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM no sistema de ensino, permitindo a frequência inicial de atividades mais profícuas em prol da inclusão,

promovendo a flexibilização do currículo, bem como a possibilidade de integração desses mesmos alunos em projetos de intervenção aprovados e dinamizados quer pela escola como por entidades competentes na área.

Tal como preconizado, para todos os alunos, no Decreto-lei n.º 55/2018, “é fundamental que o currículo seja equacionado como um instrumento que as escolas podem gerir e desenvolver localmente de modo que todos os alunos alcancem as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”.

A autonomia na gestão curricular das escolas, bem como a necessidade de se promover a escola inclusiva, mobilizando todos para a promoção do sucesso educativo dos alunos, tendo em conta a diversidade dos mesmos e da comunidade educativa, constituem-se como princípios orientadores abordados de modo muito claro no artigo 4.º do Decreto-lei n.º 55/2018.

O Despacho n.º 2044/2022 veio, posteriormente, estabelecer normas que visam promover a necessidade de flexibilização de currículo para os alunos migrantes de PLNM bem como garantir medidas de apoio que lhes possam ser vantajosas no processo de inclusão. Assim, tal como referido no n.º 10 do Despacho, o desenvolvimento das atividades e dos projetos no âmbito da inclusão dos alunos de PLNM deve, designadamente:

- a) Promover a familiarização com o espaço escolar, fomentando a utilização de espaços comuns;
- b) Incentivar o contacto com falantes nativos de português, do mesmo grupo etário;
- c) Valorizar o conhecimento da realidade e história da comunidade local, assim como o contacto com as suas instituições;
- d) Valorizar a língua materna e a cultura do aluno;
- e) Fomentar a participação dos alunos e o sentido de pertença à comunidade;
- f) Valorizar a diversidade como oportunidade e como fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade da comunidade escolar, desenvolvendo o conhecimento da língua e cultura portuguesas e as ligações com os aspetos culturais dos países de origem dos alunos;
- g) Promover o envolvimento dos pais ou encarregados de educação.

A escola e os seus agentes educativos têm, assim, um papel decisor na criação e implementação das medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão escolar dos

alunos migrantes de PLNM, podendo flexibilizar o currículo inicial desses alunos de forma a promover a sua inclusão progressiva nas atividades letivas de cada ano de escolaridade.

O Conselho Nacional de Educação, em 2022, através da *Recomendação sobre o acolhimento de migrantes e a construção de uma escola mais inclusiva*, dá a conhecer um documento que congrega “um conjunto de recomendações que visam contribuir para o desenvolvimento do processo de criação de uma escola inclusiva” (p. 2). Abordam-se os papéis interventivos de um conjunto de entidades responsáveis na questão da escola inclusiva cuja interrelação com os primeiros é essencial. Assim, referem-se: o papel do poder local e associações mediante a implementação dos Planos Municipais para a Integração de Imigrantes (PMIM); o papel das escolas, frisando o papel decisor dos diretores escolares, “na promoção de uma abordagem escolar integrada que seja sensível às necessidades holísticas dos/as alunos/as migrantes” (p. 11); o papel determinante dos docentes para o sucesso da inclusão e o papel dos alunos, considerando-se de modo particular as necessidades destes. As recomendações propostas no documento enunciado, assentes na abordagem às interrelações das entidades acima, apontam para a necessidade de se atenderem a questões específicas: a “operacionalização das medidas de política educativa para a inclusão” (p. 16), “um desenvolvimento curricular que sustente a inclusão” (p.17), a intervenção de “uma comunidade educativa ampla e diversificada para a inclusão” (p. 18), “uma formação pensada e direcionada para a inclusão” (p.19) bem como nas “línguas como meios indispensáveis à inclusão” (p.20).

II – METODOLOGIA DO TRABALHO DE PROJETO

1. Contextualização do Trabalho de Projeto

“O pluralismo e a diversidade são cada vez mais visíveis.”

(Souta & Iturra, 1997, p.18)

Verifica-se, atualmente, uma progressiva alteração na habitual aceção que existia da comunidade escolar uma vez que o tecido social que caracteriza a escola tende a integrar cada vez mais alunos de diferentes origens, levando a um redesenhar do próprio contexto social e cultural da escola.

Conforme já reiterámos, a tendência crescente de integração, fruto da evolução económica e social, potenciada pelo aumento de fluxos migratórios, leva a que a escola tenha de encontrar novas formas de fazer valer o seu papel universal que materializa o direito à educação de todas as crianças.

De modo a desenvolver o presente trabalho de projeto, escolheu-se uma escola básica dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, também frequentada por alunos migrantes cuja língua materna não é o Português, em que a diversidade crescente de raças e culturas na comunidade escolar é bastante notória. Para além deste gradual aumento de alunos migrantes, a escolha recaiu numa escola dos 2.º e 3.º ciclos pelo facto de os próprios alunos já serem autónomos no que concerne à questão da comunicação.

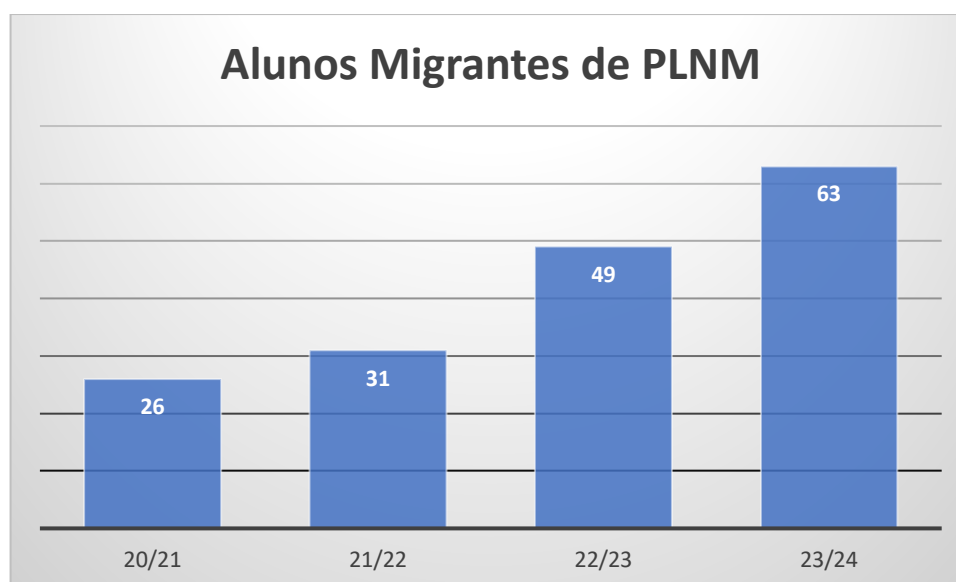
Começou por se levar a cabo um estudo exploratório, que, numa fase inicial, se baseou na recolha de dados no Programa Inovar¹ em uso na escola estudada. Esta instituição situa-se numa área predominantemente urbana, num dos distritos que recebe mais migrantes de acordo com os dados recolhidos por Oliveira (2022) junto do SEF, o distrito de Santarém. O estudo exploratório teve como primeiro objetivo aferir o número de alunos migrantes de PLNM a frequentar a escola. Como tal, começou por observar-se, no início do ano letivo, a constituição da população escolar da Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos para o ano letivo 2023-24, e verificou-se que 63 são crianças cuja língua materna, ou a língua de escolarização, não é o português (dados recolhidos do Programa Inovar em utilização na escola). Este conjunto de alunos é composto por

¹ O Inovar é um programa desenvolvido para apoiar a gestão pedagógica e administrativa dos estabelecimentos de ensino, onde está em uso.

crianças com origem em países tais como a Índia, o Paquistão, a Geórgia, a Moldávia, a Ucrânia, a Roménia, a China, a Venezuela, a Bélgica, a Indonésia, o Reino Unido, a Arábia Saudita, África do Sul e o Bangladesh.

Seguiu-se uma análise das grelhas de distribuição dos alunos pelas turmas de PLNM, iniciando-se esta pesquisa em grelhas que datam do período pós-covid. Assim, por se considerar que, gradualmente, a escola retomou a sua normalidade, recolheram-se dados a partir do ano letivo 2020-21.

Figura 2 – Alunos migrantes de PLNM na escola em estudo de 2020/21 a 2023/24



Nota – Elaborado pelas autoras com dados recolhidos do Programa Inovar Alunos a 24 de novembro de 2023.

De acordo com os dados recolhidos, verifica-se um aumento progressivo de alunos migrantes de PLNM a frequentar a escola no decorrer dos anos letivos identificados. À exceção do ano 2023/24, cujos dados se reportam a novembro de 2023, data em que se procedeu à pesquisa documental do estudo exploratório, os dados respeitantes aos restantes anos letivos reportam-se aos meses de maio de 2021, 2022 e 2023.

Em 2020/21 estavam matriculados 26 alunos migrantes de PLNM; no ano de 2021/22 o número aumentou para 31 alunos; no ano de 2022/23 estavam matriculados

49 alunos e, de acordo com os dados recolhidos a 24 de novembro de 2023, respeitante ao ano letivo 2023/24, encontravam-se matriculados, à data, 63 alunos migrantes de PLNM.

Os aumentos graduais de alunos migrantes de PLNM levaram a que, no ano letivo 2021-22, num contexto de pós-pandemia, se verificassem as condições necessárias à constituição de turmas para a frequência da disciplina de PLNM. Tais condições encontram-se previstas na alínea a) do número 5, do artigo 12.º da Portaria n.º 223-A/2018 de 3 de agosto; na referida alínea prevê-se a possibilidade de os alunos frequentarem a disciplina de PLNM, desde que posicionados nos níveis de proficiência linguística A1, A2 ou B1, tal como referido na alínea citada: “em grupos constituídos, no mínimo, por 10 alunos, podendo, caso tal se revele necessário, ser agrupados alunos dos níveis A1, A2 e B1”.

No início do ano 2021-22, tendo-se verificado as condições previstas na lei e existindo recursos humanos capazes de assegurar a lecionação das aulas às respetivas turmas, criaram-se 2 grupos, cujos alunos passaram a frequentar oficialmente a nova disciplina.

Até aí, na Escola, aplicava-se o previsto na alínea b) do número 5, do artigo 12.º da Portaria n.º 223-A/2018 de 3 de agosto, dado que o número de alunos não cumpria os requisitos mínimos previstos por lei e, ainda que frequentassem de forma oficial a disciplina de Português, eram igualmente integrados em pequenos grupos de apoio à aprendizagem da língua portuguesa. Assim, o apoio à aprendizagem da língua portuguesa acontecia num grupo restrito, que integrava de 1 a 4 alunos, sob a responsabilidade de um docente de português que apoiava o grupo semanalmente numa sessão com a duração de 90 minutos, de acordo com uma das medidas definidas como oferta educativa, com vista à promoção do sucesso no Projeto Educativo do Agrupamento.

À data da recolha de dados referentes ao ano letivo de 2023-24, os 63 alunos migrantes de PLNM encontravam-se divididos em 5 grupos e frequentavam de forma oficial a disciplina de PLNM num total de quatro aulas divididas em duas tardes. Os alunos frequentavam o currículo do ano de escolaridade em que estavam integrados e a disciplina de PLNM de acordo com o nível de proficiência linguística em que foram posicionados. Cada grupo estava sob a responsabilidade de um docente de Português que era assessorado, na aula de PLNM, por outros docentes da área das Línguas de forma a conseguir dar-se um maior apoio individualizado a cada aluno. O trabalho do

professor de Português é, efetivamente, nas palavras de Feytor Pinto, “um trabalho de mediação constante entre comunidades, discursos e normativas de diferentes ordens, de competências interlinguísticas e interculturais e de práticas pedagógico-didáticas de diferentes tradições” (Del Olmo et al., 2022, p. 18).

2. Etapa Diagnóstica/Exploratória

2.1. Questões de investigação e objetivos que fundamentam o Trabalho de Projeto

Tendo em conta o papel central da escola, como instituição agregadora de culturas e de diversidade, bem como a necessidade de se tornar o ensino cada vez mais inclusivo, atendendo às necessidades de todos, pretendemos refletir acerca de como estão as escolas a dar resposta às necessidades de inclusão dos alunos migrantes cuja língua materna não é o Português. Se pensarmos bem, contudo, “a inclusão de alunos/as de origem migrante numa escola que se pretende para todos e todas não é um objetivo novo” (Santos et al, 2022, p. 1).

Sabendo que a inexistência de uma base de comunicação, assente no desconhecimento da Língua Portuguesa por parte dos alunos cuja língua materna não é o Português, pode configurar-se como um entrave à inclusão desses mesmos alunos no contexto escolar, então surge-nos a questão: que estratégias de inclusão estão os órgãos de gestão das escolas a implementar e que medidas práticas adotaram, as quais visem acolher e incluir o paradigma cultural e social destes alunos?

Tendo por base tal questionamento, este trabalho de projeto visa alcançar os seguintes objetivos:

- Conhecer o processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM numa escola do distrito de Santarém;
- Compreender que medidas e estratégias da escola estudada visam alcançar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM no contexto escolar;
- Compreender como se processa, na escola estudada, a flexibilização do currículo para os alunos migrantes de PLNM;
- Apresentar algumas propostas de gestão pedagógica que visem facilitar o processo de inclusão dos alunos migrantes de PLNM no contexto escolar, particularmente na escola em estudo.

Tendo em conta estes objetivos, é nossa intenção encontrar respostas para as seguintes questões:

- Como está a ser gerido o processo de inclusão dos alunos migrantes de PLNM no contexto escolar da escola visada pelos diferentes intervenientes?

- Será que as medidas de inclusão que a escola em estudo tem vindo a desenvolver e a aplicar são suficientes para a promoção da inclusão dos alunos migrantes de PLNM?

- Que papel desempenham os professores de PLNM, os professores das disciplinas do ensino regular, os alunos migrantes de PLNM e os restantes alunos no processo de inclusão no caso em apreço?

A questão da inclusão de todos e todas numa “escola inclusiva, promotora de melhores aprendizagens” (Decreto-lei n.º 55/2018 de 6 de julho) aponta claramente para a tomada de consciência da diversidade e da multiculturalidade que cresce e que torna o contexto escolar diferente.

Como refere Martins (2020), “a educação representa um instrumento de coesão social e de luta contra a exclusão” (p.378) ; como tal, constituindo-se a escola como recetáculo da multiculturalidade, a instituição deve ser capaz de compreender o seu contexto e de promover, com sucesso, formas de inclusão, não apenas, mas também para os alunos migrantes de PLNM.

2.2. Tipo e pertinência do estudo

Adotámos uma investigação qualitativa, que é indispensável no processo científico, (...), pois só ela “permite discernir o complexo, o inesperado, só através dela é possível levantar hipóteses, a serem posteriormente verificadas por processos com estratégias quantitativas” (Rebolo et al., 2022, p.XIX).

A escolha do método qualitativo tem por base a pretensão de explorar o problema sobre o qual assenta este trabalho de projeto. Pretendemos alcançar um “entendimento complexo e detalhado do problema” (Rebolo et al., 2022, p.XXIII) para que, numa fase posterior, se possa verificar se não existe fundamento para se considerar a questão como um problema e se dê apenas um contributo de valorização mediante a apresentação de algumas medidas ou, por outro lado, constituindo-se a

questão como um problema que carece de alguma intervenção, sugerir-se a implementação de medidas de melhoramento enquadradas numa proposta de intervenção.

Sabendo que “a investigação qualitativa [se] centra (...) na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” (Sousa & Baptista, 2014, p. 56), o estudo da problemática em causa leva-nos a querer alcançar a compreensão da mesma, uma vez que “Este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados...” (Sousa & Baptista, 2014, p.56).

Assim, o primeiro passo consistiu na recolha de dados referentes à matrícula e integração de alunos migrantes de PLNM na Escola Básica do Agrupamento em estudo, nos últimos quatro anos letivos, de forma a observar e constatar quão gradual tem sido o aumento de alunos migrantes de PLNM no período de tempo estipulado. Tais dados conferem autenticidade à formulação da questão que se pretende investigar pois percebe-se que o aumento do número de alunos por si só levará a uma necessária adaptação de estratégias de inclusão em uso.

Desta forma, considerou-se pertinente estudar esta situação baseando este estudo numa investigação qualitativa, nomeadamente, por ser uma situação tão específica, num estudo de caso.

Sabendo que “o estudo de caso é o estudo da particularidade e complexidade de um único caso, conseguindo compreender a sua atividade no âmbito de circunstâncias importantes (Stake, 2009, p. 11)”, considera-se que a situação atrás descrita se inscreve neste tipo de estudo pois centraliza-se numa escola numa condição específica de inclusão de alunos claramente identificados. Aliás, como referem Bogdan e Bilken, ainda que num estudo de caso o investigador qualitativo deva considerar o todo, deve concentrar-se numa parte desse todo “pela necessidade de controlar a investigação” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 91) e, assim, conseguir alcançar os seus objetivos no que diz respeito à sua investigação.

Como referem Sousa e Baptista (2014), o estudo de caso consiste na “exploração de um único fenómeno, limitado no tempo e na ação, onde o investigador recolhe informação detalhada. É um estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida, um caso, que é único, específico, diferente e complexo”. (p.64)

De igual forma, tal como referido por Merriam, “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos

ou de um acontecimento específico (Merriam, 1988, cit. por Bogdan & Biklen, 2013, p.89).

Tendo em conta que se pretende estudar o processo de inclusão dos alunos migrantes de PLNM num dado estabelecimento de ensino e entender a gestão deste mesmo processo, o estudo de caso afigura-se como o método a aplicar à investigação uma vez que, tratando-se de uma situação muito específica que ocorre numa escola bem definida com alunos claramente identificados, segundo Stake (2009), “o verdadeiro objetivo do estudo de caso é a particularização” (p. 24), necessitamos de particularizar e estudar o fenómeno do aumento exponencial de alunos migrantes de PLNM para entendermos o caminho para a verdadeira inclusão destes alunos na escola portuguesa.

2.3. Contexto e participantes

A Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos em estudo faz parte de um Agrupamento de Escolas da Lezíria e Médio Tejo.

O Agrupamento é constituído por uma Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos, sede do Agrupamento, por mais 7 estabelecimentos do 1.º ciclo e por outros 7 jardins de infância, sendo que alguns deles se integram com as escolas de 1.º ciclo no mesmo espaço. Alguns destes estabelecimentos de ensino situam-se na área citadina e outros na zona rural.

Fundada há mais de trinta anos, a escola sede (doravante referida apenas como Escola) integra alunos do 2.º e 3.º ciclos de escolaridade e dispõe de uma oferta educativa diversificada. No âmbito das atividades extracurriculares, a escola oferece igualmente um vasto leque de opções desde diversos grupos-equipa de Desporto Escolar assim como vários clubes.

A Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos é constituída por 3 edifícios destinados exclusivamente à lecionação de aulas, e outros dois onde se localizam diversos serviços e, ainda, um pavilhão polidesportivo.

O conjunto dos Blocos está envolto por um amplo espaço verde, com campos de jogos exteriores e um anfiteatro ao ar livre. Todo este espaço está delimitado por um gradeamento, sendo a entrada acessível por uma portaria.

O corpo docente da escola dos 2.º e 3.º ciclos é constituído por cerca de 90 docentes e alguns técnicos especializados.

À data do início do estudo, estavam inscritas na escola cerca de 280 crianças do 2.º ciclo e cerca de 400 do 3.º ciclo. Do total de alunos do Agrupamento referidos, cerca de 150 alunos eram de origem estrangeira, oriundos de países dos PALOP, do Brasil ou outras nacionalidades (dados recolhidos no final do mês de outubro de 2023 no Programa Inovar Alunos em uso na Escola estudada). Destes, cerca de 63 alunos eram originários de países cuja Língua Materna, ou a língua de escolarização, não é o Português.

Tendo em conta a questão que se pretende investigar, foram feitas opções na seleção dos participantes a entrevistar tendo em mente que “o equilíbrio e a variedade são muito importantes e a oportunidade de aprender é de extrema importância.” (Stake, 2009, p.22). Assim, entendeu-se que uma prévia identificação dos possíveis participantes em categorias específicas permitiria alcançar uma visão mais completa da questão a estudar, razão pela qual se optou pelas seguintes categorias: docentes que lecionam o PLNM, docentes que lecionam outras disciplinas do ensino regular, alunos migrantes de PLNM e alunos de nacionalidade portuguesa.

Dado que se pretende entender a atual dinâmica no que respeita à inclusão dos alunos migrantes de PLNM na Escola, equacionou-se, assim, abordar a organização das aulas de PLNM bem como a inclusão desses mesmos alunos nas turmas de ensino regular. Tendo em conta o universo de alunos migrantes de PLNM que frequentam a Escola, na impossibilidade de trabalhar com os 63 alunos de PLNM e os restantes identificados nas categorias supra, urgia afunilar melhor a amostra. Decidimos, então, centrar o estudo de caso num dado ano de escolaridade uma vez que:

Se não puder ver tudo e falar com todos os sujeitos vai querer certificar-se de que a amostragem é suficientemente vasta, de modo a explorar a diversidade de tipos. Vai querer compreender a variedade de material e a variedade de perspectivas diferentes. (Bogdan & Biklen, 2013, p.95)

Como tal, procedeu-se a uma análise do número de alunos de PLNM por anos de escolaridade (cf. quadro abaixo) de forma a determinar em que ano se iria centrar a investigação. Concluiu-se que o nono ano era o que apresentava um maior número de alunos migrantes de PLNM, pelo que a escolha recaiu sobre este ano de escolaridade. Além disso, é o término do ensino básico.

Quadro 1

Total de alunos migrantes de PLNM inscritos nos diversos anos de escolaridade (do 5.º ao 9.º anos de escolaridade) a 20 de outubro de 2023.

Níveis de proficiência	5.º ano	6.º ano	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total
A1	11	1	7	5	10	34
A2	3	3	2	5	1	14
B1	2	4	1	1	7	15
TOTAIS	17	8	10	11	18	63

Nota: Dados do Programa Inovar Alunos (20 de outubro de 2023)

A escolha dos alunos migrantes de PLNM do 9.º ano de escolaridade levou a que a seleção dos docentes a entrevistar estivesse em relação direta, recaindo, portanto, sobre docentes a trabalhar com este nível ou com estes alunos. Assim, os “participantes não serão produto do acaso, do sorteio, da impessoalidade, mas sim de uma escolha deliberada, autoral, baseada em critérios determinados pelo investigador, fazendo-os corresponder ao seu objeto de estudo” (Rebolo et al., 2022, p.33).

Tal levou-nos à seleção dos docentes que lecionam a disciplina de PLNM uma vez que “têm mais experiência do contexto” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 95), tendo presente que os selecionados seriam professores responsáveis pela leção da Língua Portuguesa nas aulas de PLNM aos alunos migrantes de PLNM do nono ano. No contexto desta seleção e, na ótica do enriquecimento da amostra do estudo e da investigação das diversas componentes humanas que lhe dizem respeito, considerou-se a necessidade de que os participantes neste estudo se relacionassem com o elemento central, ou seja, os alunos migrantes de PLNM; desta forma estendeu-se a seleção de participantes a outros docentes que lecionam outras disciplinas aos alunos selecionados, uma vez que “a um mesmo objeto podem corresponder diferentes objetivos de pesquisa, e serão esses a conduzirem secundariamente a escolha de participantes específicos” (Rebolo et al., 2022, p.33).

Verificou-se que o grupo de docentes que lecionam PLNM naquela escola era composto por 5 docentes e, no caso da leção das restantes disciplinas, contabilizámos 25 docentes. Assim, objetivamente, pretendeu-se auscultar quer uma amostra dos docentes que lecionam as aulas de PLNM, selecionando, em função da

sua disponibilidade, 3 docentes, quer uma amostra dos restantes docentes que lecionam outras disciplinas para que fosse possível analisar as questões tendo por base diferentes respostas e perceções.

Fez-se chegar o convite aos docentes que lecionam a disciplina de PLNM, ao qual responderam, em função da sua disponibilidade, três docentes. No caso da amostra da segunda categoria – docentes que lecionam outras disciplinas –, os docentes foram selecionados após a realização das entrevistas quer aos docentes de PLNM quer aos alunos migrantes de PLNM. Em função destas entrevistas e mediante as referências apontadas pelos entrevistados no âmbito de algumas disciplinas, assim se convidaram docentes desses grupos disciplinares e se avançou com as entrevistas daqueles que se disponibilizaram a participar no estudo. Desta forma entrevistou-se um docente de Matemática, outro de Geografia e outros dois docentes de Português.

No que concerne aos alunos, selecionaram-se duas amostras: uma amostra de alunos migrantes de PLNM em função do universo total de alunos migrantes de PLNM do nono ano (18), e outra amostra de alunos de nacionalidade portuguesa para que, também, no que diz respeito às opiniões dos alunos, se pudessem ter visões específicas, mas que se complementem na abordagem das questões da investigação. Uma vez que o total de alunos migrantes de PLNM do nono ano (18 alunos) fazia parte de três turmas (num total de 77 alunos no conjunto das 3 turmas), lançou-se o convite, através dos Diretores de Turma, à participação no estudo aos alunos migrantes de PLNM. Os quatro primeiros alunos a responderem de forma positiva foram, então, entrevistados. Estando estes quatro alunos inseridos em duas turmas, procedeu-se, então, e em função dos primeiros, ao convite à participação no estudo aos restantes alunos, de nacionalidade portuguesa, das turmas (num total de 26 alunos) e adotou-se o mesmo procedimento de seleção da amostra: convite e seleção dos primeiros alunos que se disponibilizaram a participar no estudo.

2.4. Processos de recolha e tratamento de dados

2.4.1. Instrumentos

Baseando-se o estudo de caso numa situação tão específica, com uma amostra tão concreta, optamos por realizar entrevistas com vista à recolha de dados, uma vez

que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.”(Bogdan & Biklen, 2013, p. 134).

Iniciou-se o processo prévio à recolha de dados com a preparação de guiões de entrevista que obedeceram a uma organização em blocos. Uma vez que as questões de investigação se encontravam definidas, foi necessário organizar as questões da entrevista em blocos de modo a alcançar-se o entendimento necessário à prossecução do processo investigativo exploratório e foi igualmente necessário organizar os guiões de acordo com o público-alvo a que se destinava. Assim, a estrutura geral base para a construção dos guiões foi esta:

- a caracterização genérica do participante: no caso dos professores, focou-se a idade, a formação, o tempo de serviço e a ligação a PLNM; no caso dos alunos, questionou-se acerca da idade, o país de origem, o ano de escolaridade e a relação com a as línguas;

- a caracterização dos grupos de alunos migrantes de PLNM: as idades dos alunos, os níveis de proficiência linguística, as nacionalidades e a constituição dos grupos-turma de PLNM;

- a dinâmica das turmas de PLNM: como se constitui a equipa de professores que leciona PLNM, como se organiza o trabalho desses professores, como se constituem as turmas bem como se processa a dinâmica de trabalho dessas turmas;

- o processo de acolhimento: o processo inicial de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas bem como as ações educativas de integração processual nas turmas;

- as estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes de PLNM): as estratégias de inclusão em sala de aula, o apoio/diferenciação pedagógica prestado aos alunos em sala de aula, a flexibilização do currículo, a perceção da eficácia das estratégias utilizadas e as estratégias de inclusão fora da sala de aula;

- as facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM): percecionadas dentro e fora da sala de aula.

A partir desta estrutura adaptaram-se e selecionaram-se os blocos em função dos entrevistados.

Criaram-se guiões específicos para cada tipo de participantes: os docentes que lecionam as aulas de PLNM (anexo 1), os docentes que lecionam outras disciplinas no

ensino regular (nomeadamente, Português, Matemática e Geografia) e lecionam às turmas do nono ano em que os alunos estão inscritos (anexo 2), os alunos migrantes de PLNM do nono ano (anexo 3 e anexo 4) e os alunos portugueses do nono ano (anexo 5). Para cada tipo, embora se mantivesse a generalidade dos blocos, era necessário adequar de algum modo os guiões das entrevistas. Para todos os grupos, mantiveram-se blocos semelhantes, direcionados para os mesmos objetivos: o bloco 1, o bloco 4 e o bloco 6. Especificamente para os grupos dos professores, foram construídos guiões de entrevistas que abarcaram a totalidade, ou a quase totalidade, dos blocos. Assim, o guião de entrevista dos professores de PLNM incluiu todos os blocos, por se considerar que estes professores poderão ter uma relação de maior proximidade, num contexto diferente, se considerarmos as aulas específicas de PLNM, do que os restantes professores entrevistados. O guião de entrevista direcionado a estes últimos abarcou os blocos 1, 4, 5 e 6.

Os guiões de entrevista foram elaborados com base na análise sistemática do conteúdo apresentado no *e-book Diversidade, Equidade e Inclusão* (Pappámikail, Beirante & Cardoso, 2022), bem como em discussões aprofundadas com a Professora Doutora Inês Cardoso, coorientadora deste Trabalho de Projeto. A inclusão de uma figura crítica é desejável na construção de guiões de entrevista, como defendido por Marshall (2006), que enfatiza a importância da supervisão e do *feedback* coconstrutivo para a elaboração de instrumentos de pesquisa de qualidade.

2.4.2. Procedimentos de recolha de dados

Para cada tipo de participantes selecionou-se, de modo aleatório, um docente ou um aluno, consoante o participante que se pretendia inquirir, e entrevistaram-se para testar os guiões, de forma a proceder a ajustes e a conseguir aferir a validade dos guiões no sentido da aplicação posterior aos participantes neste estudo de caso. Durante esta fase, foi possível confirmar a pertinência dos blocos que constariam dos diversos guiões.

Procedemos de acordo com o estipulado por lei no que concerne à aplicação de questionários a alunos; como tal, instaurou-se um processo de autorização para a aplicação de um instrumento de inquirição em meio escolar na plataforma MIME, bem como se desenvolveram as diligências formais junto do órgão de gestão do Agrupamento de Escolas em estudo.

Previamente à aplicação de qualquer entrevista informaram-se os participantes no estudo, ou os respetivos Encarregados de Educação no caso dos alunos, uma vez que eram todos menores de idade, e solicitou-se a leitura atenta bem como a autorização formal da participação no estudo através do documento “Consentimento Informado” (anexo 7).

Após as etapas de testes e de todo o procedimento de autorização estar concluído, deu-se início às entrevistas que duraram entre 20 a 40 minutos, as entrevistas dirigidas aos docentes, e entre 10 a 20 minutos, as entrevistas dirigidas aos alunos. No caso destes últimos, particularmente dos alunos migrantes de PLNM, houve necessidade de se proceder à tradução do guião para a língua inglesa de forma a que todos pudessem participar e se sentissem mais confortáveis na apresentação das suas respostas (anexo 4). As entrevistas foram conduzidas em língua inglesa e a tradução dos conteúdos foi realizada pela investigadora principal, utilizando a aplicação DeepL como suporte no processo de tradução.

Todas as entrevistas foram levadas a cabo durante o mês de abril e a primeira quinzena de maio de 2024, de forma presencial e gravadas com recurso à aplicação Dictafone de um telemóvel. Previamente, os participantes foram informados desta situação bem como dos objetivos e da duração estimada da entrevista.

A entrevista semiestruturada apresentou-se como uma opção adequada, dado que a característica de flexibilidade levou a que todos os tópicos importantes fossem abordados e possibilitou, ainda, obterem-se outras informações relevantes acerca das questões apresentadas.

2.4.3. Procedimentos de tratamento de dados

Uma vez concluída a fase de recolha das entrevistas, estas foram transcritas utilizando a ferramenta de transcrição do *Microsoft Word*. As transcrições resultantes foram organizadas da seguinte forma: Docentes de PLNM (anexos 8, 9 e 10), Outros docentes dos CT (anexos 11, 12, 13 e 14), Alunos migrantes de PLNM (anexos 15, 16, 17 e 18) e Alunos portugueses (anexos 19, 20, 21 e 22). Posteriormente, essas transcrições foram submetidas a uma análise de conteúdo, cujos resultados se encontram nos anexos 23, 24 e 25.

As entrevistas realizadas em inglês a alguns alunos migrantes de PLNM foram transcritas nessa língua e, posteriormente, traduzidas para português com recurso à aplicação Deepl.

Durante o processo de transcrição, codificaram-se as identificações de cada participante, substituindo-se os nomes por nomenclaturas que remetem para a categoria em que os participantes se encaixam.

No tratamento dos dados estabeleceram-se categorias e subcategorias de análise, que se articularam com as dimensões base da etapa exploratória, de forma a obter resultados através da análise de conteúdo, tal como se apresenta no quadro abaixo.

As entrevistas aplicadas ao grupo dos docentes de PLNM abarcam todas as categorias e subcategorias. No caso dos docentes das restantes disciplinas, estes apenas foram questionados no âmbito das categorias B, C e D. No que concerne aos alunos, ambos os grupos foram apenas questionados quanto às categorias B e D.

Quadro 6

Categorias e subcategorias de análise

Categorias de análise	Subcategorias
A – Caracterização das turmas de PLNM	A.1. O grupo-turma de alunos migrantes de PLNM A.2. A dinâmica dos grupos-turma de alunos migrantes de PLNM A.2. A equipa de docentes A.3. A dinâmica de trabalho dos docentes
B - O processo de acolhimento	B.1. O acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do ensino regular B.2. O papel dos diferentes intervenientes no processo de acolhimento
C - O processo de inclusão promovido por professores e outros elementos educativos	C.1. As estratégias de inclusão na sala de aula C.2. A flexibilização do currículo C.3. A articulação com o professor de PLNM C.4. Perceção da receptividade das medidas por parte dos alunos migrantes de PLNM (atitudes e motivação)
D - O papel dos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão	D.1. Perceção da inclusão dos alunos migrantes de PLNM no espaço escolar D.2. As facilidades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM D.3. As dificuldades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM

2.5. Considerações Éticas

Em termos de questões éticas, foram acautelados os necessários procedimentos/medidas a ter em conta no que concerne a este aspeto durante a análise de documentos do Agrupamento em estudo, bem como no decorrer da etapa diagnóstica/exploratória. Assim, as identidades dos participantes foram devidamente protegidas, mantendo o anonimato em toda a informação recolhida. Foram ainda solicitados os necessários consentimentos aos participantes, ou, caso se tratassem de participantes menores, aos respetivos encarregados de educação. Tudo foi explicitado a todos os intervenientes de forma clara.

De forma a acautelar a participação dos alunos menores, foi instaurado um processo com vista à recolha de dados em meio escolar na plataforma MIME, tendo-se obtido a necessária autorização (anexo 6). Esta foi dada a conhecer à Direção do Agrupamento em estudo e solicitado formalmente o processo de inquirição dos participantes em meio escolar.

Por ocasião da realização das entrevistas, cada participante foi previamente informado dos objetivos e do procedimento que se iria adotar, tendo igualmente lido e assinado o documento “Consentimento informado” (anexo 7).

Antes de se iniciarem as entrevistas, foi solicitada autorização para gravação, informando que as gravações efetuadas seriam eliminadas após a finalização do estudo. No decorrer das entrevistas, todos os participantes foram tratados de modo respeitoso e afável, tendo-se alcançado um clima de cordialidade que motivou à sua cooperação, agindo-se assim de modo a “assegurar a neutralidade dos juízos e valorizar o respeito, a educação e o relacionamento, enquanto fatores éticos que estão associados às relações sociais” (Rebolo et al., 2022, p.73)

Na fase da transcrição das entrevistas, houve igualmente cuidado bem como na redação dos resultados e conclusões de modo a manter a informação anónima e fidedigna pois, tal como referem Bogdan e Bilken (2013), devemos ser autênticos quando escrevemos os resultados uma vez que “a característica mais importante de um investigador deve ser a sua devoção e fidelidade aos dados que obtém” (p.77).

2.6. Apresentação e análise dos resultados da Etapa Diagnóstica/Exploratória

A finalidade da análise dos dados é organizar, fornecer estrutura e extrair significado dos dados da pesquisa (Matheus & Fustinoni, 2006, p.141).

Após uma análise atenta dos dados recolhidos através das entrevistas realizadas aos participantes, passaremos a referir os aspetos mais relevantes em cada categoria de acordo com cada grupo de entrevistados. Uma vez que se entrevistaram quatro grupos de participantes que, de algum modo, se distinguem por se encaixarem em categorias específicas, passaremos a referi-los como: grupo D PLNM (grupo de docentes de PLNM), grupo D CT (grupo de docentes dos Conselhos de Turma cujas turmas integram alunos migrantes de PLNM), grupo AM PLNM (grupo de alunos migrantes de PLNM) e grupo AP (grupo de alunos portugueses).

2.6.1. Caracterização dos participantes na investigação

O quadro seguinte caracteriza de modo sucinto os docentes que lecionam a disciplina de PLNM ao 9.º ano; a caracterização é feita a partir das entrevistas:

Quadro 2

Caracterização dos docentes entrevistados que lecionam a disciplina de PLNM na escola em estudo

	D1 PLNM ²	D2 PLNM	D3 PLNM
Idade	44	63	55
Formação académica	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura
Formação especializada Se sim, em que área?	Não	Mestrado em Didática das Línguas	Não
Tempo de serviço docente	14 anos	40 anos	31 anos
Tempo de serviço na escola	2 anos	35 anos	6 anos
Vínculo à escola	Contratado	Quadro de Agrupamento	Quadro de Agrupamento
Fez formação especializada em PLNM	Não	Não	Não

² D1=Docente 1 de PLNM. Adotou-se o mesmo procedimento no que concerne a nomenclatura para os restantes docentes desta categoria.

Nota: Dados recolhidos das entrevistas realizadas nos meses de abril e maio de 2024

Em termos de experiência na lecionação de PLNM, o D1 PLNM refere que, antes de trabalhar nesta escola, teve uma experiência no ensino do Português a alunos estrangeiros num Instituto de Formação Profissional; o D2 PLNM descreve dois episódios de lecionação de Português, no estrangeiro, a adultos e o D3 PLNM menciona uma experiência numa escola anterior na lecionação de PLNM a crianças refugiadas.

Foram, ainda, questionados acerca da partilha bem como da frequência de ofertas formativas no âmbito do PLNM no seio da equipa de docentes que leciona PLNM na escola e constatamos que nenhum dos docentes se encontra a frequentar qualquer tipo de formação, tal como não existe uma estratégia de formação interna para o grupo, no entanto, todos foram unânimes em afirmar que existe uma articulação de trabalho entre os membros que inclui uma partilha de materiais. Por último, foram peremptórios em afirmar que não interagem com equipas de trabalho de outras escolas ou de instituições superiores.

O quadro 3, infra, apresenta-nos uma caracterização resumida dos docentes entrevistados das restantes disciplinas.

Quadro 3

Caracterização dos docentes entrevistados que lecionam outras disciplinas na escola em estudo

	D1 CT³	D2 CT	D3 CT	D4 CT
Idade	45	49	54	54
Formação académica	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura
Formação especializada Se sim, em que área?	Pós- graduação em Administração Escolar	Não	Não	Não
Tempo de serviço docente	22 anos	28 anos	30 anos	32 anos
Tempo de serviço na escola	3 anos	28 anos	15 anos	12 anos
Vínculo à escola	Quadro de Zona Pedagógica	Quadro do Agrupamento	Quadro do Agrupamento	Quadro do Agrupamento
Há quanto tempo leciona em turmas que integram alunos migrantes de PLNM?	6 anos	4 anos	6 anos	10 anos

³ D1 CT=Docente 1 de Conselho de Turma. Adotou-se o mesmo procedimento no que concerne a nomenclatura para os restantes docentes desta categoria.

Fez formação especializada em PLNM?	Não	Não	Não	Não
-------------------------------------	-----	-----	-----	-----

Nota. Dados recolhidos das entrevistas realizadas nos meses de abril e maio de 2024

O quadro seguinte caracteriza de modo sucinto os alunos migrantes de PLNM que foram entrevistados.

Quadro 4

Caracterização dos alunos migrantes de PLNM entrevistados

	A1 PLNM ⁴	A2 PLNM	A3 PLNM	A4 PLNM
Idade	16	14	15	16
País de origem	África do Sul	Índia	Índia	Arábia Saudita
Países em que já viveu	África do Sul	Índia e Alemanha	Índia e Ucrânia	Arábia Saudita
Língua que começou a falar em criança	Inglês	Gujarati	Hindi	Urdu
Ano que frequenta	9. ^o	9. ^o	9. ^o	9. ^o
Tempo de permanência em Portugal	4 anos	2 anos e meio	1 ano e meio	1 ano
Tempo de frequência de uma escola portuguesa	4 anos	2 anos e meio	1 ano e meio	1 ano
Nível de proficiência linguística	B1	B1	A1	A1

Nota. Dados recolhidos das entrevistas realizadas nos meses de abril e maio de 2024

O próximo quadro apresenta-nos uma caracterização resumida dos alunos portugueses que foram entrevistados.

Quadro 5

Caracterização dos alunos de nacionalidade portuguesa entrevistados

	A1 PT ⁵	A2 PT	A3 PT	A4 PT
Idade	14	14	14	14
País de origem	Portugal	Portugal	Portugal	Portugal
Países em que já viveu	Portugal	Portugal	Portugal	Portugal

⁴ A1 PLNM=Aluno 1 de Português Língua Não Materna. Adotou-se o mesmo procedimento no que concerne a nomenclatura para os restantes alunos desta categoria.

⁵ A1 PT=Aluno 1 de nacionalidade portuguesa. Adotou-se o mesmo procedimento no que concerne a nomenclatura para os restantes alunos desta categoria.

Língua que começou a falar em criança	Português	Português	Português	Português
Ano que frequenta	9.º	9.º	9.º	9.º

Nota: Dados recolhidos das entrevistas realizadas nos meses de abril e maio de 2024.

2.6.2. Caracterização das turmas de PLNM

A primeira categoria em análise, que abarca a caracterização dos grupos de alunos migrantes de PLNM, bem como a dinâmica das turmas de PLNM e do grupo de professores que lecionam a disciplina, foi inquirida apenas ao grupo D PLNM (anexo 23), uma vez que se entendeu ser esta uma categoria destinada à caracterização das turmas formadas na escola com o objetivo de lecionação da disciplina de PLNM aos alunos migrantes bem como à caracterização do grupo de docentes que leciona a disciplina. Como tal, os objetivos eram os de caracterizar os grupos e entender como funcionavam estas turmas de acordo com os dados fornecidos e as perceções dos docentes responsáveis pelas mesmas.

Com base nos dados recolhidos nesta primeira categoria, no que concerne à subcategoria “o grupo de alunos migrantes de PLNM e a dinâmica dos grupos-turma”, sabemos que os alunos migrantes de PLNM a frequentar a escola estão divididos por três níveis de proficiência linguística (A1, A2 e B1), organizados em cinco turmas e estas são compostas por um número variável de alunos, entre 10 a 16 alunos. A média de idades dos alunos ronda os 13 anos. Segundo a perceção dos entrevistados, as turmas estão bem organizadas sendo que o único constrangimento se prende com o horário das aulas, como refere o participante D2 PLNM:

“O único constrangimento é o facto de os alunos estarem distribuídos em várias turmas do ensino regular, com diferentes horários...é muito difícil organizar as aulas de PLNM sem ser à tarde.” (D2 PLNM, anexo 23, parte A.1.2.1.)

Não é perceptível a existência de critérios de seleção de turmas para integração dos alunos migrantes de PLNM, sendo que os docentes estão convictos de que as turmas serão selecionadas em função do nível de proficiência linguística que os alunos possam apresentar. O nível de proficiência linguística é aferido mediante a aplicação de um teste diagnóstico (no caso de alunos que chegam de novo à escola) ou decide-se em função do nível que o aluno alcançou no ano letivo anterior, no caso dos alunos que

permanecem na escola. No que concerne à seleção das turmas em que se colocam os alunos, há, inclusive, quem avance que os alunos que apresentem um bom nível de inglês poderão ser integrados nas turmas de ensino bilingue da escola, tal como constata o participante D2 PLNM:

“Pois as turmas bilingues, para quem sabe inglês, são o ideal. Só que as turmas bilingues já estão muito cheias. Principalmente os indianos, que já vêm com bom inglês, para eles é muito bom, eles aprendem mais depressa. Mas pronto, só há uma turma em cada ano. De preferência seriam turmas mais pequenas para terem mais acompanhamento...vinte e oito alunos e depois lá estão 2 estrangeiros, coitados.” (D2 PLNM, anexo 23, parte A.1.2.2.)

Verifica-se que não há um período de adaptação ao sistema de ensino quando os alunos migrantes de PLNM chegam à escola; ao invés integram de imediato, ou assim que possível, a turma, como refere o participante D3 PLNM:

“Integra imediatamente todas as disciplinas.” (D3 PLNM, anexo 23, parte A.1.2.4.)

Em termos de comportamento, ainda que se possam reportar algumas situações em virtude da falta de comunicação, na generalidade, os alunos migrantes de PLNM apresentam um bom comportamento nas aulas.

No que diz respeito à subcategoria “equipa de docentes” que lecionam a disciplina de PLNM, esta é constituída por professores cujos grupos de recrutamento se destinam ao ensino de línguas estrangeiras, uma vez que se estabeleceu, nesta escola, serem esses os grupos de docentes preferenciais para atribuição da leção da disciplina de PLNM. Combinam-se nesta equipa de docentes professores com mais experiência com professores com menos experiência, sendo que todos lecionam um conjunto de 4 tempos de 50 minutos semanais de PLNM aos alunos.

No âmbito da subcategoria “dinâmica de trabalho dos docentes”, sabemos que a tomada de conhecimento do nível de proficiência linguística por parte dos docentes é variável pois, se se tratar de um aluno que já frequentou a escola, no ano letivo anterior, a informação é facultada pelo professor que lecionou a disciplina a esse aluno ou há uma transmissão de informação por parte da Coordenadora de PLNM, se o aluno já tiver frequentado a escola. Não é, no entanto, claro o procedimento formal adotado na escola que visa dar a conhecer os perfis sociolinguísticos dos alunos aos docentes, entendeu-

se, apenas que a Coordenadora terá responsabilidades nesta tarefa, tal como referem os participantes D1 PLNM e D2 PLNM:

“Tivemos uma reunião no início do ano letivo em que a Coordenadora apresentou os alunos novos porque os restantes já tínhamos estado com eles durante o ano letivo, portanto à partida já havia essa aproximação, mas nada mais do que uma reunião” (D1 PLNM, anexo 23, parte A.3.1.)

“Isso é depois nas aulas. Nós para além de irmos aos conselhos de turma e conhecermos o perfil de cada aluno, falamos com os diretores de turma e, nas aulas, como qualquer professor da turma...não temos nenhuma diferença.” (D2 PLNM, anexo 23, parte A.3.1.)

No que concerne ao diagnóstico dos níveis de proficiência linguística dos alunos migrantes de PLNM que chegam, pela primeira vez, à escola, a estes é-lhes aplicado um teste de diagnóstico, se existir essa necessidade:

“Temos um teste. À partida, quando o aluno chega e nós interagimos com ele já sabemos. Olha este consegue ficar no A1, este consegue estar um bocadinho mais acima. Quando há alguma dúvida, ainda temos que aplicar um teste.” (D1 PLNM, anexo 23, parte A.3.2.)

A partir da análise desta categoria conseguimos caracterizar o grupo de alunos migrantes de PLNM que se encontra a frequentar a escola, bem como conhecer a dinâmica de organização, gestão e trabalho dos docentes que lecionam a disciplina de PLNM. Assim, estabelecemos um conhecimento prévio que nos servirá de base para o entendimento final das restantes categorias tal como para as considerações finais.

2.6.3. O processo de acolhimento

Esta categoria, que se subdividiu em duas subcategorias, pretendeu abordar o modo como se processa o acolhimento dos alunos migrantes de PLNM na escola, na expectativa de se focarem os pontos principais desse processo, bem como a perceção que dele têm os docentes e os alunos. Assim, inquiriram-se ambos os grupos de docentes (D PLNM e D CT) bem como os grupos de alunos (AM PLNM e AP).

No que concerne ao processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de ensino regular, procurou saber-se qual a perceção que os docentes têm acerca do processo de acolhimento dos alunos na turma quando estes chegam à escola, muito especificamente, à sala de aula. Com base nas respostas dadas, verificou-se que não existe um procedimento protocolado a nível de escola, aliás, as respostas dadas são algo díspares e vagas no que toca ao acolhimento inicial dos alunos migrantes de PLNM:

“O aluno apresenta-se na aula e é indicado o que é que ele precisa trazer para a aula. Não passa muito mais que isso.” (D3 PLNM, Anexo 24, parte B1)

“Formalmente, são incluídos na turma, tendo em conta as aprendizagens que trazem de trás e a idade, é a ideia que eu tenho. E é-lhes aplicado um teste de proficiência para ver o nível que trazem do português.” (D4 CT, Anexo 24, parte B1)

A perceção do papel que desempenham diferentes intervenientes no processo de acolhimento foi inquirida a todos os grupos de entrevistados.

No que concerne ao papel do Diretor de Turma, o grupo de professores (D PLNM e D CT) concorda quanto à importância e ao relevo que este assume no acolhimento dos alunos migrantes de PLNM:

“Nota-se quando eles têm um Diretor de turma que é muito presente e que os ajuda muito, corre muito melhor do que aqueles que os deixam soltos. Eles, ao princípio, não se orientam. Se não for o Diretor de Turma, eles perdem-se, pronto, não se orientam. Têm mesmo que os ajudar...” (D2 PLNM, Anexo 24, parte B.2.1.)

A generalidade do grupo de alunos (AM PLNM e AP) ratifica a importância do papel do Diretor de Turma e frisa a intervenção, que têm observado, no que lhes diz respeito:

“A minha Diretora de Turma mostrou-me a escola, fez-me uma visita guiada e disse-me onde estavam as coisas.” (AM 3 PLNM, Anexo 25, parte B.1.2.)

“No meu caso, a minha diretora de turma certificava-se de que eu era incluída nos grupos de alunos. Também veio ter comigo muitas vezes para me perguntar

se eu percebia tudo, para me perguntar se já tinha amigos. Se me via sozinha durante o intervalo, obrigava-me a falar com os meus colegas. Ela compreendia-me muito bem.” (AM 4 PLNM, Anexo 25, parte B.1.2.)

A importância do papel do professor de PLNM foi apenas questionada ao grupo de professores entrevistados (D PLNM e D CT). Constatamos, com base na análise das respostas, que os professores de PLNM entrevistados têm uma clara perceção das ações que devem desempenhar e que levam a cabo no sentido de facilitarem o acolhimento dos alunos migrantes de PLNM:

“Eu consigo ser a ponte. Eu acho que consigo isso com os meus alunos porque, muitas vezes, as miúdas vêm ter comigo e vêm-me pedir ajuda...” (D1 PLNM, Anexo 24, parte B.2.2.)

No entanto, a generalidade do grupo de professores entrevistados (D CT) demonstra desconhecer o papel do professor de PLNM no processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM. Ainda que um dos entrevistados refira a importância dos professores de PLNM, os restantes mostram-se quase alheios à eventual relevância do papel destes últimos:

“O que chega a nós, professores, é mesmo só nas reuniões de avaliação ou nas reuniões intercalares. Aí ficamos a saber aquilo que se passa nas aulas de PLNM. Não temos outra maneira de ter *feedback* dessas aulas. Não há outra perceção do papel deles.” (D1 CT, Anexo 24, parte B.2.2.)

Ao grupo de alunos entrevistados (AM PLNM e AP) inquiriu-se acerca da perceção que têm do papel dos professores, de um modo geral, e dos restantes alunos no processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM. Verificou-se que existe, na generalidade, uma perceção positiva quanto ao desempenho e interesse dos professores no processo de acolhimento:

“De uma forma agradável. Acolhem sempre bem os alunos e dizem-nos como ir para as salas, porque na Índia só temos uma sala de aula.” (A3 PLNM, Anexo 25, parte B.1.1.)

“Os professores dão-lhes as boas-vindas e, pelo que tenho vivenciado, mesmo que não saibam falar em inglês, os professores tentam fazer o seu melhor para

nos fazer compreender, mostram-nos a matéria.” (A4 PLNM, Anexo 25, parte B.1.1.)

No entanto, os alunos entrevistados (AM PLNM e AP) têm igualmente a perceção de que se verificam dificuldades por parte dos professores neste processo de acolhimento que, como referem, se prendem muitas vezes com a comunicação verbal:

“(…) eu noto que, quando estes alunos aparecem nas aulas, os professores ficam desorientados, não sabem bem o que fazer porque metade dos professores não explicam as coisas em Inglês.” (AP 4, Anexo 25, parte B.1.1.)

Quanto à perceção que os alunos entrevistados (AM PLNM e AP) têm dos seus pares, no processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM, verifica-se que, de forma geral, a perceção assenta na noção de que há uma boa receptividade aos alunos migrantes, mencionando-se a entajuda e o acolhimento cordial:

“Eles ajudaram-me, mostraram-me a escola e não me deixaramsozinha.” (A2 PLNM, anexo 25, parte B.1.3.)

“No caso da minha turma, acho que nós os acolhemos muito bem. Neste momento, já fazem parte da turma e já é igual. Sabemos que há a questão da fala para alguns alunos, mas nisso nós também ajudamos. (...)” (AP 2, anexo 25, parte B.1.3.)

2.6.4. O processo de inclusão promovido por docentes e outros elementos educativos

Relativamente a esta abordagem ao processo de inclusão, pretendeu-se recolher resultados acerca da perceção de promoção das estratégias de inclusão na sala de aula, promovidas quer pelos docentes, a título individual, bem como pelo Conselho de Turma em articulação entre os seus membros. A par desta perceção pretendeu-se, também, clarificar o modo como se equaciona e se efetiva a flexibilização do currículo para os alunos migrantes de PLNM e, simultaneamente, a forma de articulação desta flexibilização com o professor de PLNM. Considerou-se que seria igualmente importante perceber a receptividade por parte dos alunos migrantes de PLNM abordando a questão dos comportamentos que apresentam em sala de aula, a

sua postura face às estratégias de diferenciação pedagógica bem como a sua motivação para a aprendizagem. Assim, entendemos que as questões no âmbito desta categoria seriam dirigidas apenas aos grupos de docentes (D PLNM e D CT).

No que diz respeito às estratégias de inclusão na sala de aula e com base nas respostas recolhidas, constatamos que a maioria dos inquiridos afirma que não existem estratégias articuladas entre todos os membros do Conselho de Turma que possam conduzir a modos de atuação idênticos, muito embora se refira um documento intitulado Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual (PAPI) que consistirá numa súmula de estratégias que cada professor seleciona conforme as considere adequadas para cada aluno migrante de PLNM:

“A diretora de turma informa-nos do aluno e das suas características. Pronto, informa-nos do que também sabe, o que, às vezes, não é muito. Entre os docentes não existem estratégias articuladas.” (D 2 PLNM, anexo 24, parte C.1.1.)

“Os professores tentam acompanhar, mas estratégia articulada não existe.” (D1 CT, anexo 24, secção C.1.1.)

No que diz respeito à promoção de estratégias de inclusão promovidas por cada docente na sua sala de aula, verificamos que existe uma preocupação por parte de todos os professores de equacionarem e aplicarem as que melhor se adequam quer aos alunos quer à dinâmica da sua sala de aula, tais como estratégias de gestão dos alunos no espaço da sala ou no modo de agir:

“Eles normalmente sentam-se na última cadeira, porque não conhecem ninguém, puxo-os para a frente e sento-os na primeira cadeira. No início, explico-lhes como é que funciona, têm que trazer o manual, que os cadernos são essenciais, o material de escrita é essencial e, depois, vou muitas vezes ao aluno perguntar se precisa de alguma coisa. Faço traduções de Português, Francês e Inglês. Tento ajudar ao máximo no que eu consigo.” (D 3 PLNM, anexo 24, parte C.1.2.).

No que respeita à flexibilização do currículo, começou por se inquirir acerca da flexibilização que é levada a cabo para os alunos migrantes de PLNM enquanto estratégia articulada entre os membros do CT e as respostas obtidas indicam que não

existe articulação. Contudo, alguns professores entrevistados consideram que a flexibilização é colocada em prática pelos docentes; não é, no entanto, feita uma articulação entre todos de modo a uniformizar procedimentos:

“A nível de flexibilização de currículo, nunca me apercebi de nenhum colega dizer que passava por ali.” (D 1 PLNM, anexo 24, parte C.2.1.)

“Não. Ou seja, eu acho que os professores fazem isso, mas não articulam entre si, não falam sobre isso, mas fazem.” (D 2 CT, anexo 24, parte 2.1.)

Numa reflexão mais individualizada acerca da flexibilização de currículo que promovem nas suas aulas, os professores consideram que a promovem junto dos alunos migrantes de PLNM, promovendo a adaptação de materiais ou estratégias destinadas àqueles alunos, tal como referem os participantes D1 PLNM e D1 CT:

“Portanto cada professor deve tentar perceber como é que funciona a sua turma, o que é que é melhor para a sua turma e, se calhar, até, às vezes, há coisas que não damos consoante o currículo ou passamo-las lá mais para a frente...” (D 1 PLNM, anexo 24, parte C.2.2.)

“(...)Depois vamos tentar perceber a realidade que esse aluno tem e se aquilo que estamos a lecionar se enquadra na realidade que eles já sentiram, ou seja, através do construtivismo, se não for assim, torna-se mais difícil.” (D 1 CT, anexo 24, parte 2.2.)

Na subcategoria que foca a articulação de trabalho com o professor de PLNM, analisou-se a perceção que existe da interação entre o professor de PLNM e os restantes membros do Conselho de Turma e concluímos que a maioria dos entrevistados, grupo onde se incluem professores de PLNM e professores de outras disciplinas, considera não existir articulação entre ambos. Há quem avance que a articulação entre estas duas entidades acontece aquando do preenchimento do PAPI, no entanto, resume-se a esse documento, tal como afirmam alguns participantes:

“Muitos professores de PLNM não os conheço, sem ser nas reuniões de avaliação.” (D1 CT, anexo 24, parte C.3.1.)

“Quando fazemos o PAPI, planeamos um pouco, falamos do nível do aluno, o que é que será melhor para ele, como é que ele aprende melhor, se é a oralidade, se é a escrita.” (D2 PLNM, anexo 24, parte C.3.1.)

No que concerne a possibilidade de articulação dos professores de PLNM e a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva(EMAEI), todos afirmam que não existe articulação entre ambas as entidades:

“Não. Que eu tenha conhecimento, não. Cada um faz o seu trabalho.” (D4 CT, anexo 24, parte C.3.2.)

Na subcategoria em que se analisa a noção de recetividade, de modo geral, por parte dos alunos migrantes de PLNM às ações, atitudes e estratégias promovidas em prol da sua inclusão na sala de aula, abordou-se: a recetividade às estratégias de diferenciação pedagógica por parte dos alunos migrantes de PLNM, os comportamentos que adotam no seio das turmas regulares e a motivação que demonstram perante a aprendizagem do Português bem como perante as restantes disciplinas.

Deste modo, verificamos que a generalidade dos entrevistados afirma que os alunos migrantes de PLNM reagem de modo muito positivo às estratégias de diferenciação pedagógica, embora haja quem considere que alguns alunos poderão nem se aperceber dessa diferenciação, como referem alguns participantes:

“Normalmente reagem de maneira muito positiva, porque nós tentamos traduzir a realidade que lecionamos e aproximá-la da realidade que eles já sentiram ou ainda estão a sentir.” (D1 CT, anexo 24, parte C.4.1.)

“Há várias...há várias respostas, uns ficam contentes, outros ficam aborrecidos, outros, às vezes, nem percebem o que é aquilo, dizem só “Thank you, thank you...” depende da sua motivação.” (D1 PLNM, anexo 24, parte C.4.1.)

No que concerne ao comportamento dos alunos migrantes de PLNM, enquadrados nas turmas de ensino regular, constatamos que, de forma unânime, todos os entrevistados afirmam que os alunos se portam bem, não obstante ressaltar-se, de certa forma, a formação de grupos por parte dos alunos, situação que pode fomentar algumas atitudes menos positivas, tal como refere o participante D3 CT:

“De uma forma geral, eles até se portam bem. Às vezes, há situações pontuais em que eles tendem a formar um grupo à parte.” (D3 CT, anexo 24, secção C.4.2.)

A questão da motivação que demonstram para a aprendizagem seja do Português, de modo muito específico, seja, de forma generalizada, das restantes disciplinas, leva-nos a constatar que varia, em ambas as situações, de acordo com os alunos. Os entrevistados referem que alguns alunos estão motivados, sendo que outros, por diversas razões, não demonstram interesse: seja por estarem de passagem para outro país, seja pela dificuldade em entender o Português ou seja, inclusivamente, por nutrirem perspetivas de um futuro escolar ou não pretenderem continuar estudos. Estas situações são constatadas por vários participantes:

“Uns mais que outros. (...) Mas a exceção no interesse, a exceção é não estarem interessados porque a maior parte está motivada para aprender e quer aprender.” (D4 CT, anexo 24, parte C.4.3.1. no que se refere à motivação para a aprendizagem do Português).

“É igual como o Português, enfim, não é muito, muito diferente. Temos desde o melhor ao pior.” (D 2 PLNM, anexo 24, parte C.4.3.2. no que se refere à motivação para a aprendizagem das restantes disciplinas).

“Aqueles alunos que querem continuar a estudar, sim, os que querem muito ir para o secundário e que sabem que vão ficar no nosso país. (...) Os outros não se motivam, sobretudo, porque os interesses deles também estão muito limitados porque, às vezes, eu penso que eles pensam que estão aqui de passagem.” (D3 CT, anexo 24, parte C.4.3.2. no que se refere à motivação para a aprendizagem das restantes disciplinas).

2.6.5. O papel dos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão

No âmbito desta categoria, pretendeu-se recolher resultados que nos permitiram inferir acerca da inclusão dos alunos migrantes de PLNM no espaço escolar, bem como as facilidades e as dificuldades que são percecionadas dentro e fora da sala de aula por parte destes. Assim, inquiriram-se todos os grupos de entrevistados no âmbito do estudo

de caso (D PLNM, D CT, AM PLNM e AP) de modo a cruzarem-se dados e conseguir-se uma leitura mais objetiva da efetiva inclusão dos alunos migrantes de PLNM.

No que concerne à perceção da inclusão dos alunos migrantes de PLNM no espaço escolar, verificamos que os docentes (D PLNM e D CT) consideram que este processo, dentro da sala de aula, está dependente de vários elementos: dos docentes que se encontram dentro da sala de aula, dos alunos migrantes e dos restantes alunos que compõem a turma. As opiniões divergem quanto ao empenho que os alunos, quer os migrantes quer os restantes, devotam ao processo da inclusão, constatando-se que umas turmas conseguem ser mais inclusivas que outras, assim como alguns alunos migrantes conseguem estar mais abertos e predispostos a envolverem-se ativamente no processo de inclusão com todos os alunos do que outros, que procuram sobretudo os seus pares, oriundos dos mesmos países:

“Não é fácil. O que eu acho, do que eu vejo, muitas vezes deixam-nos um bocado de lado. Aliás, quando se diz que aquela turma é muito boa porque integra bem os meninos estrangeiros, tenho uma que realmente consegue, preocupa-se imenso e ajudam. Mas, é raro, é uma exceção. Normalmente, deixam-nos um pouquinho de lado.” (D 2 PLNM, anexo 24, parte D.1.1.)

“Acho que os alunos os integram... ou integram melhor os alunos que os recebem do que eles próprios. Eu acho que eles preferem estar entre pares, com os pares deles, e não tanto estar, neste caso, com os portugueses.” (D 2 CT, anexo 24, parte D.1.1.)

Fora da sala de aula, os professores afirmam peremptoriamente que, salvo raras exceções, os alunos migrantes de PLNM formam grupos por nacionalidades, não se verificando uma verdadeira inclusão no contexto escolar. As exceções são sobretudo potenciadas pelo nível de proficiência linguística, ou seja, quanto maior o nível, mais facilidade por parte dos alunos em incluírem-se com os demais:

“No meu caso, na minha turma do B1, eles relacionam-se com os colegas da turma, da escola, da comunidade escolar, não têm problemas de inclusão. Os outros alunos, por aquilo que vejo lá fora, juntam-se muito, centram-se muito uns com os outros e fecham-se muito.” (D 3 PLNM, anexo 24, parte D.1.2.)

“Ainda é pior fora da sala. Parece-me ser consoante as nacionalidades.” (D2 CT, anexo 24, parte D.1.2.)

Em termos de facilidades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula que potenciem o processo de inclusão, constatamos que o grupo de docentes entrevistado (D PLNM e D CT) não reconhece que existam muitas, aliás, o cerne da questão coloca-se na personalidade de cada aluno que poderá facilitar ou não o processo de inclusão, assim como o objetivo destes perante a escola e o ensino. No entanto, a vontade de quererem aprender demonstrada por alguns alunos é apontada como um fator que facilita o processo de inclusão:

“É assim: depende do aluno. Alguns mostram-se interessados e são extremamente esforçados. Há outros, principalmente aqueles que nós dizemos que “estão em trânsito”, ou seja, que eles sabem que estão aqui, mas que a nível familiar lhes dizem que isto é só mais uma etapa, o empenho é muito fraco.” (D1 CT, anexo 24, parte D.2.1.)

Os alunos entrevistados (AM PLNM e AP) reportaram, de uma forma geral, que, se não houver um domínio básico do Inglês, não há sequer o mínimo de facilidades para se promover a inclusão. No entanto, caso haja uma base mínima de comunicação, a maior facilidade encontrada poderá residir no acolhimento feito pelos restantes alunos:

“Não é fácil porque os alunos não falam Português. A facilidade é o acolhimento dos colegas.” (A2 PLNM, anexo 25, parte D.1.1.)

Questionou-se, ainda, relativamente à intervenção dos alunos migrantes de PLNM na sala de aula por solicitação dos docentes ou de modo voluntário. Os docentes (D PLNM e D CT) afirmaram que os alunos migrantes de PLNM são naturalmente solicitados a intervir como qualquer outro aluno da turma, no entanto, de acordo com alguns entrevistados, a intervenção voluntária poderá estar dependente de certos condicionalismos: a personalidade de cada aluno, por um lado, ou a temática que se esteja a abordar:

“Sim, há uns que gostam de pôr o dedo no ar, responder e ir ao quadro. Tem a ver com o ser extrovertido ou não, é igual. Tem a ver com o feitio de cada um.” (D 2 PLNM, anexo 24, parte D.2.1.2.)

“Sim, se a temática lhes interessar, eles próprios arranjam maneiras de participar.” (D 1 CT, anexo 24, parte D.2.1.2.)

Os alunos (AM PLNM e AP) têm a perceção de que os professores solicitam a intervenção dos seus colegas migrantes de PLNM, no entanto, no que concerne à intervenção voluntária destes nas aulas, contudo, tal está condicionada ao nível de proficiência de Português que cada aluno apresenta, à disciplina, bem como à personalidade de cada um:

“Só alguns. Os alunos migrantes de PLNM que já sabem falar mais Português, os outros não.” (AP 1, anexo 25, parte D.1.1.2.)

No que diz respeito às facilidades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão fora da sala de aula, quer os professores quer os alunos entrevistados reconhecem, de forma geral, que não existem pois estes juntam-se em grupos por nacionalidades, o que dificulta o processo de inclusão com os restantes alunos. Apontam igualmente a dificuldade de comunicação como um entrave, bem como o acolhimento que recebem dos alunos portugueses como uma facilidade tal como constata os participantes D1 CT, D2 CT e A1 PLNM:

“Eles fora da sala de aula procuram os pares, ou seja, tentam através da nacionalidade fazer a sua inclusão, é muito mais fácil para um aluno que não domina a língua, que não domina o inglês estar com alguém que o possa ajudar do que ele próprio impor-se.” (D1 CT, anexo 24, parte D.2.2.)

“Penso que os colegas os incluem, portanto eles têm facilidade em serem incluídos, assim eles queiram, muitas vezes são eles que não querem.” (D2 CT, anexo 24, parte D.2.2.)

“Os indianos, eles andam com os amigos deles, outros alunos indianos, não com os portugueses. É uma espécie de separação dos outros. Têm os seus próprios grupos e não se dão com os amigos portugueses.” (A1 PLNM, anexo 25, parte D.1.2.)

Auscultaram-se os entrevistados quanto às dificuldades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro e fora da sala de aula. Quer

os docentes quer os alunos entrevistados apontaram a língua como a maior dificuldade em ambos os contextos:

“A mais importante, que é a maior de todas, é a língua.” (D3 CT, anexo 24, parte D.3.1.)

A par da dificuldade da língua que coloca em causa a comunicação com os alunos migrantes de PLNM, são ainda apontadas outras dificuldades pontuais por parte de ambos os grupos de entrevistados: a personalidade mais introvertida de alguns alunos, a falta de motivação, os conhecimentos prévios adquiridos num sistema de ensino diferente do Português ou, até mesmo, a eventual falta de higiene da parte de alguns alunos.

“As maiores dificuldades são não entenderem aquilo que é pedido na sala de aula por causa da língua, não entenderem as tarefas e, às vezes, tenho perceção das dificuldades não só por causa da língua, mas porque, por exemplo, na aula de TIC, vejo que alguns não sabem, não é por causa da língua, não sabem mexer em certos *softwares*.” (AP 1, anexo 25, parte D.2.1.)

Sendo a comunicação apontada como uma grande dificuldade ao processo de inclusão dos alunos migrantes de PLNM, questionou-se se são usadas estratégias no sentido de ultrapassar essa dificuldade específica. A estratégia mais reconhecida por parte dos entrevistados é o recurso à tradução, seja através de um tradutor digital, recorrendo às novas tecnologias, seja pedindo ajuda a outros alunos, tal como refere o participante D3 CT:

“Andam sempre a traduzir no telemóvel. Eles comunicam muito pelo telemóvel ou então há uns que são mais desenrascados, que arranjam alguém que traduz e que venha ter com eles e que ajude.” (D3 CT, anexo 24, parte D.3.3.1.)

Reconhece-se, no entanto, que outros fatores podem condicionar o recurso a uma estratégia que ajude a ultrapassar as dificuldades de comunicação como são a personalidade de alguns alunos e a situação escolar de outros:

“Aqueles que estão em trânsito, ou que lhes é transmitido que estão em trânsito, não. (...) Aqueles que lhes é transmitido que este é o novo país, é uma nova realidade e que se vão fixar aqui, esses aí esforçam-se mais.” (D1 CT, anexo 24, parte D.3.3.1.)

2.7. Principais constatações: identificação de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças

Neste trabalho de projeto, no âmbito da etapa diagnóstica/exploratória, após o processo de caracterização dos participantes e do contexto em estudo, focaram-se três aspetos fundamentais: 1) o processo de acolhimento, 2) o processo de inclusão, 3) o papel que assumem os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão.

No âmbito da investigação, centrada nos três aspetos enumerados e face aos resultados obtidos, identificaram-se, de acordo com os participantes do estudo, algumas fraquezas e ameaças bem como forças e oportunidades que se apresentam no quadro seguinte:

Quadro 7

Identificação de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças

Fraquezas	Forças
<ul style="list-style-type: none"> - A falta de procedimentos protocolados/articulados que visem o acolhimento de alunos migrantes de PLNM a nível de escola; - A falta de conhecimentos linguísticos básicos de Português por parte dos alunos migrantes de PLNM; - A falta de conhecimentos linguísticos potenciadores da comunicação em Inglês por parte de alguns docentes e outros alunos, bem como de alguns alunos migrantes de PLNM; - A falta de estratégias articuladas entre os membros do CT no que concerne o acolhimento e a inclusão dos alunos migrantes de PLNM; - A falta de articulação na flexibilização do currículo para os alunos migrantes de PLNM ao nível de diferentes estruturas na escola; - A falta de articulação entre os docentes de PLNM e os restantes docentes bem como a equipa EMAEI. 	<ul style="list-style-type: none"> - A noção de responsabilidade face à necessidade, por parte dos diferentes elementos no processo, em se alcançar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM; - O papel do Diretor de Turma que assume uma relevância preponderante no acolhimento dos alunos migrantes de PLNM; - A preocupação individual de cada docente em promover quer estratégias de inclusão como uma diferenciação pedagógica para os alunos migrantes de PLNM; - A motivação e as facilidades demonstradas por alguns alunos migrantes de PLNM; - O sentido de acolhimento por parte de alguns alunos portugueses.
Ameaças	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> - Os conhecimentos linguísticos insuficientes, no âmbito de uma língua comum, colocam em causa a criação de uma base de comunicação; 	<ul style="list-style-type: none"> - A receptividade demonstrada por alguns alunos migrantes de PLNM face à implementação de adequações e estratégias de flexibilização curricular;

<ul style="list-style-type: none">- Atuações distintas por parte dos diferentes intervenientes no acolhimento e na inclusão dos alunos migrantes de PLNM podem criar situações de desigualdade;- O desconhecimento por parte de alguns docentes quanto ao eventual impacto do professor de PLNM no processo de acolhimento;- Constrangimentos externos a nível de motivação e empenho dos alunos migrantes de PLNM: estar de passagem para outro país, a dificuldade em entender o Português, não nutrirem perspetivas de um futuro escolar;- Constrangimentos inerentes a alguns alunos migrantes de PLNM: a personalidade e a falta de vontade de alcançar o sucesso educativo.	<ul style="list-style-type: none">- A capacidade de saber estar numa sala de aula demonstrada pelos alunos migrantes de PLNM;- O empenho na promoção do acolhimento e da inclusão por parte dos Diretores de Turma.
--	--

Conclui-se com este estudo exploratório que existe vontade e interesse por parte dos docentes e dos alunos em efetivamente se promover o acolhimento e a inclusão dos alunos migrantes de PLNM, ultrapassando dificuldades de comunicação e colocando em prática estratégias promotoras da flexibilização do currículo para aqueles alunos. Todavia, acreditamos que algumas ações articuladas entre todos os intervenientes poderão melhorar quer o acolhimento inicial quer o processo de inclusão dos alunos migrantes de PLNM na escola.

3. Desenvolvimento da Proposta de Projeto de Intervenção

3.1. Justificação da Proposta

Após a etapa diagnóstica/exploratória e tendo em conta as forças, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças identificadas, acreditamos que os processos de acolhimento e de inclusão dos alunos de PLNM no Agrupamento em estudo podem ser melhorados. Como tal, considera-se adequado avançar-se com a proposta de um projeto de intervenção apresentando medidas de gestão do acolhimento e da inclusão dos alunos migrantes de PLNM passíveis de se implementarem no contexto escolar em estudo.

A tendência de aumento do número de alunos migrantes de PLNM, bem como as fraquezas detetadas, levaram-nos a desenhar um projeto de intervenção que possa

satisfazer as necessidades específicas destes alunos bem como da comunidade escolar envolvente. Assim, projetou-se um conjunto de ações passíveis de serem implementadas naquele agrupamento específico, mas cujo teor adaptável se pode ajustar a outras comunidades educativas com similares necessidades.

3.2. Objetivos do Projeto de Intervenção

Com este projeto de intervenção pretende-se alcançar três objetivos:

1. Dar a conhecer os resultados deste estudo de modo a promover uma reflexão conjunta acerca desta temática por parte dos diferentes elementos educativos, promovendo, assim, a autoreflexão construtiva;
2. Sugerir estratégias de atuação articuladas comuns a todo o Agrupamento no que concerne ao acolhimento dos alunos migrantes de PLNM;
3. Sugerir estratégias articuladas que promovam a inclusão dos alunos migrantes de PLNM no contexto escolar.

3.3. Descrição das Ações Propostas

No sentido de se alcançarem os objetivos atrás delineados para este projeto de intervenção recorreu-se à análise do documento ***Inclusão de Alunos Migrantes em Meio Educativo***⁶ da autoria da Direção-Geral de Educação. Teve-se, igualmente, em consideração o documento ***Recomendação sobre o acolhimento de migrantes e a construção de uma escola mais inclusiva***, publicado pelo Conselho Nacional da Educação (2022), bem como se levaram em linha de conta as sugestões dadas, durante a etapa exploratória, pelos entrevistados, e que se consideraram exequíveis tendo em conta o contexto escolar estudado. Não se pretende criar uma lista exaustiva de sugestões a implementar, mas tão-somente uma base que possa constituir-se como um ponto de partida para outras medidas e ações que se venham, posteriormente, a considerar vantajosas e exequíveis para aquele contexto escolar específico.

Assim, este Projeto de Intervenção assenta num conjunto de atividades que visam alcançar os objetivos atrás elencados:

⁶ Direção-Geral da Educação. (2024). *Inclusão de alunos migrantes em meio educativo*.

1. “Dar a conhecer os resultados deste estudo de modo a promover uma reflexão conjunta acerca desta temática por parte dos diferentes elementos educativos.”

Atividade 1 – De forma a promover o objetivo 1, pretende-se levar a cabo a apresentação da análise de resultados, obtidos durante a etapa exploratória, bem como das propostas deste projeto de intervenção numa reunião de Conselho Pedagógico do Agrupamento, de forma a que os elementos que compõem este órgão possam promover a discussão e análise deste projeto em reuniões de departamento. Pretende-se, assim, dar início à construção colaborativa de um projeto de intervenção focado em estratégias de acolhimento e inclusão articuladas por todos os elementos educativos no Agrupamento em estudo.

2. “Sugerir estratégias de atuação comuns no que concerne o acolhimento dos alunos migrantes de PLNM no Agrupamento.”

Atividade 2.1 - No âmbito do objetivo 2 entende-se existir a necessidade de reforçar um trabalho de articulação entre todos os elementos do Conselho de Turma (onde naturalmente se inclui o professor de PLNM) de forma a estabelecer modos de atuação especificamente destinados ao acolhimento dos alunos migrantes de PLNM. Estes modos de atuação, no seio de uma turma, poderão centrar-se em estratégias de gestão da dinâmica da turma dentro e fora da sala de aula, tais como: organização da planta da sala de aula, promoção de atividades de quebra-gelo, promoção de atividades de mentoria entre alunos, ...

Monitorização: é feita mediante a verificação dos registos deixados em ata de reunião de Conselho de Turma.

Atividade 2.2 - criar uma rede de “buddies”, alunos integrados na escola, com conhecimentos linguísticos adequados a cada situação (para além do Inglês, averiguar a possibilidade de outros alunos proficientes em português conhecerem outras línguas que possam ser compatíveis com as necessidades) e em regime de voluntariado. O aluno *buddy* teria como funções: apresentar a escola, bem como os respetivos serviços e valências, a um aluno migrante de

PLNM, e promover o acolhimento deste, levando-o a criar conexões com os restantes alunos.

Esta rede de “buddies” estaria sob a alçada e responsabilidade de um Coordenador de um Grupo de Trabalho de Apoio à inclusão de alunos migrantes de PLNM (estratégia explicitada no ponto 3, alínea d) deste projeto de intervenção).

Atividade 2.3 - criar um banco de folhetos explicativos do espaço escolar e das regras do mesmo em diversas línguas, em suporte digital e disponibilizados no *site* do Agrupamento;

Atividade 2.4 - promover uma sessão de reconhecimento do espaço e da dinâmica dos serviços escolares, no início do ano letivo, contando com a colaboração dos “buddies” e de outros alunos migrantes de PLNM.

Monitorização das atividades 2.2, 2.3 e 2.4 : preenchimento por parte dos envolvidos nos processos descritos de um questionário de *feedback*. A leitura dos dados é da responsabilidade do Coordenador do Grupo de Trabalho de Apoio à inclusão de alunos migrantes de PLNM referido no ponto 3, alínea d).

3. “Sugerir estratégias que promovam a inclusão dos alunos migrantes de PLNM no contexto escolar.”

Atividade 3.1 - Criar um grupo de trabalho de apoio à inclusão, composto por docentes de várias áreas e técnicos que desempenhem funções no Agrupamento (Psicólogo escolar, Educador social,...) que possa ir analisando a evolução do processo de inclusão dos alunos migrantes de PLNM, criando um plano de monitorização e verificando-o trimestralmente. A par desta função, e em articulação com a equipa EMAEI, o grupo de trabalho fornece sugestões de atividades/estratégias aos docentes de acordo com os dados obtidos através da monitorização.

Monitorização: os registos feitos no decorrer do tempo pelo Coordenador, e resultantes de reuniões de trabalho, acerca dos progressos realizados e dos eventuais retrocessos que motivem a reformulação de estratégias.

Atividade 3.2 - Organizar salas de tutoria para alunos migrantes de PLNM, abrindo espaço para que os alunos possam passar tempo útil com um docente que os consiga orientar, em termos de inclusão na escola e de orientação nos estudos. Diversificar este grupo de docentes tutores (de várias disciplinas) de modo a que o contacto entre os docentes e os alunos permita a estes últimos colocar algumas dúvidas mais específicas de dada disciplina. Este serviço fará parte do horário dos docentes, contabilizado na vertente de Tempo de Estabelecimento (TE), e como tempos de apoio extra no horário dos alunos migrantes de PLNM. Os alunos serão encaminhados, sob proposta dos CT, para estas salas de tutoria.

Monitorização: os docentes tutores incluídos neste grupo reportam, com uma frequência trimestral, a atividade destas salas, abordando a frequência por parte dos alunos bem como o sucesso do trabalho desenvolvido ao Coordenador do Grupo de Trabalho referido na alínea a).

Atividade 3.3 - Promover sessões de trabalho colaborativo (com a frequência que se considere exequível) envolvendo os docentes que lecionam a disciplina de PLNM, os docentes do Conselho de Turma (que se considerem necessários em momentos específicos) e elementos da EMAEI.

Monitorização: registos deixados em atas de reuniões de articulação.

Atividade 3.4 - Promover sessões de formação destinadas a docentes e assistentes operacionais acerca de estratégias de acolhimento e inclusão dos alunos migrantes de PLNM. Para além de dotar os formandos com ferramentas que se revelem exequíveis com as tarefas de acolher e incluir os alunos, fornecer-lhes também estratégias de comunicação que lhes permitam, de algum modo, promover a comunicação com os alunos e com os respetivos pais e encarregados de educação. O levantamento das necessidades apontadas quer por professores como por assistentes operacionais será alvo de tratamento pela secção de formação do Agrupamento que, em articulação com o Centro de Formação e com os serviços de Recursos Humanos da Câmara Municipal, entidade que tutela os assistentes operacionais, desenha um plano de formação que possa ajudar a suprir as necessidades dos formandos.

Monitorização: no final do ano letivo, preenchimento de um inquérito de monitorização por parte dos professores e assistentes operacionais, que frequentaram a formação, quanto à implementação e eficácia das estratégias adquiridas.

Atividade 3.5 – Incluir na planificação da disciplina de Cidadania a temática da Educação Intercultural com o objetivo de levar os alunos a consciencializarem-se das diferentes culturas que se reúnem numa sala de aula e a encetar pequenos projetos que visem o conhecimento do outro e das suas vivências. A dinamização destes pequenos projetos pode levar-se a cabo mediante a articulação com outras disciplinas, podendo equacionar-se a sua apresentação formal dos mesmos de modo restrito à turma ou, de modo mais alargado, à comunidade escolar.

Monitorização: em reunião de CT, o docente que leciona Cidadania apresenta uma avaliação qualitativa dos alunos referente à temática trabalhada e os docentes envolvidos na concretização do projeto refletem acerca dos resultados alcançados a nível de produto(s) final(is) bem como da evolução comportamental dos alunos durante a execução do projeto.

3.4. Cronograma

No quadro seguinte apresenta-se uma sugestão de cronograma do Projeto de Intervenção, figurando neste cada uma das atividades propostas, em direta conexão aos objetivos propostos.

Quadro 8

Cronograma de atividades do Projeto de Intervenção

		Ano: 2025									
Objetivo	Atividades	Mai	Jun	Jul	Ago	Set.	Out.	Nov.	Dez.		
1	1.1. Dar a conhecer este Trabalho de Projeto em reunião de CP	x									
2	2.1. Criar estratégias de atuação comuns visando o acolhimento de alunos migrantes de PLNM			x							
	2.2. Criar uma rede de “buddies”						x				

	2.3. Criar um banco de folhetos explicativos em diversas línguas	x
	2.4. Promover uma sessão de reconhecimento do espaço e da dinâmica dos serviços escolares destinada a alunos migrantes de PLNM	x
3	3.1. Organizar um grupo de docentes que visa o apoio à inclusão de alunos migrantes de PLNM	x
	3.2. Organizar salas de tutoria para alunos migrantes de PLNM	x
	3.3. Iniciar sessões mensais de trabalho colaborativo entre vários docentes	x
	3.4. Promover sessões de formação destinadas a docentes e assistentes operacionais	x
	3.5. Abordar a Educação Intercultural na disciplina de Cidadania, promovendo a articulação entre as disciplinas na construção de pequenos projetos decorrentes da abordagem à Educação Intercultural	x

De frisar que algumas atividades terão uma duração limitada no tempo, diretamente relacionada com a gestão da própria atividade, tais como são as atividades 1.1., 2.3. e 2.4.. No entanto, a duração das restantes atividades não é limitada a um período de tempo específico; elas iniciam-se na data sugerida no cronograma e estendem-se no tempo. Ou seja, ainda que se possa apontar um momento de início, as atividades vão sendo geridas, alteradas, reformuladas ou melhoradas com a sua execução temporal. No final do ano letivo, procede-se a uma avaliação do Projeto de modo a dar-lhe continuidade nos anos seguintes nos moldes que se considerarem os mais ajustados.

3.5. Recursos Necessários

Tendo presentes os objetivos propostos para a implementação do Projeto de Intervenção, bem como as atividades que se pretende concretizar, os recursos necessários com vista à sua consecução centram-se sobretudo em recursos humanos, envolvendo, por etapas, diferentes intervenientes.

No que concerne ao objetivo 1, os elementos do Conselho Pedagógico, a par dos elementos da Direção do Agrupamento, afiguram-se como recursos humanos essenciais na promoção quer dos resultados da investigação como do Projeto de Intervenção e na agilização dos necessários procedimentos com vista à discussão e análise crítica da proposta por parte dos docentes e demais elementos decisores que compõem a comunidade educativa.

No âmbito do objetivo 2, os recursos humanos voltam a ser fundamentais: por um lado, a necessidade de se gerirem reuniões de docentes, por outro, motivar grupos de alunos a voluntariarem-se para se criar a rede de “buddies”. Afigura-se, ainda, a necessidade do uso de recursos digitais de modo a criar-se um banco de folhetos informativos que possam ser disponibilizados aos alunos e à comunidade educativa em papel e em formato digital.

Nas atividades que se enquadram no objetivo 3, verifica-se a necessidade de se gerirem docentes em diversas vertentes, seja na intervenção em reuniões de trabalho colaborativo, seja na criação de um grupo de apoio à inclusão de alunos migrantes de PLNM, na gestão de salas de tutoria específicas bem como na dinamização de pequenos projetos decorrentes da articulação de disciplinas. No âmbito da formação, assume-se a necessidade de articulação com o Centro de Formação e com a Câmara Municipal.

A Direção do Agrupamento assume um papel preponderante na gestão e implementação de todas as atividades e do alocamento dos recursos necessários à execução de cada uma delas.

3.6. Proposta de Avaliação do Projeto de Intervenção

No que concerne à avaliação das atividades que compõem o Projeto de Intervenção e que visam a melhoria das fraquezas e das “ameaças” identificadas durante a fase exploratória deste Trabalho de Projeto, estabelecem-se como indicadores de sucesso:

- a percentagem de sucesso escolar alcançado pelos alunos migrantes de PLNM após o término do primeiro ano letivo de implementação das atividades propostas para o objetivo 3. No final do ano letivo, mediante análise dos resultados escolares e do sucesso educativo alcançado pelos alunos migrantes de PLNM nos seus PAPI, perceber

qual a percentagem de alunos que alcançou o sucesso escolar necessário à sua progressão;

- o número de alunos migrantes de PLNM que frequentou, com regularidade, as salas de tutoria específica, previstas no objetivo 3, no final do primeiro ano de implementação do projeto de intervenção;

- o número de alunos migrantes de PLNM que participou ativamente na semana cultural, prevista no objetivo 3;

- o número de alunos que se voluntariou para ser *buddy*, atividade proposta no objetivo 2;

- o balanço da atividade referida no ponto anterior feita pelos participantes;

- o balanço final da implementação das atividades previstas no conjunto dos objetivos. Este balanço deve refletir a análise do grau de satisfação obtido nos diversos momentos de monitorização do Projeto de Intervenção, o nível de participação dos participantes, as mudanças de comportamento que se verificaram, por parte de alunos, professores e assistentes operacionais, bem como o impacto das atividades.

Com base na recolha dos dados atrás elencados, recolhidos na etapa final da implementação do Projeto de Intervenção ou durante as etapas de monitorização das atividades, o Coordenador do grupo de trabalho referido no objetivo 3, atividade 3.1, elabora um relatório final global. Este relatório é submetido à análise e discussão dos elementos do Conselho Pedagógico de forma a que se avalie e pondere acerca do impacto da implementação das atividades constantes do Projeto de Intervenção, da sua manutenção e/ou reformulação nos anos letivos subsequentes.

III – Conclusões e Recomendações

É premente compreender este novo redesenho do contexto educativo e das escolas da atualidade em função dos movimentos migratórios e, a par destas mudanças, perceber as estratégias necessárias de forma a tornar a escola cada vez mais inclusiva uma vez que:

As escolas, principais organizações educativas do território, são hoje espaços de significativos intercâmbios culturais e, como tal, devem desempenhar em articulação com outras instituições locais um papel importante na criação e sustentabilidade de uma sociedade multicultural tolerante. Quando localizadas em territórios de imigração, as escolas são, por excelência, palcos de encontro de comunidades diversas e, como tal, desempenham perante o bairro e em articulação com este um papel fundamental na viabilização de oportunidades que assegurem os percursos de integração do seu público (Hortas et al., 2014, pp.12-13).

Durante a fase exploratória deste Trabalho de Projeto, e face às questões que pautaram o estudo de caso, entendeu-se que as medidas que visam quer o acolhimento quer a inclusão dos alunos migrantes de PLNM, bem como o próprio processo, necessitam de uma abordagem diferente. Constatou-se que existe empenho e vontade de promover a inclusão por parte dos professores que lecionam a disciplina de PLNM, dos restantes professores bem como dos alunos, contudo, as dificuldades de comunicação entre os elementos, sejam por questões de desconhecimento de uma língua comum, seja por falta de articulação de estratégias, leva a que o crescente número de alunos migrantes de PLNM não esteja verdadeiramente a ser incluído em toda a aceção do termo. Assim, constata-se que os órgãos de gestão devem adotar outras estratégias e dinamizá-las de modo a dar resposta às novas necessidades de inclusão em contexto escolar.

Considera-se que as propostas do projeto de intervenção podem contribuir para a melhoria dos processos de acolhimento e inclusão de alunos, que se estudaram durante a fase exploratória, sugerindo-se, para estudos futuros, e de modo a perceber toda a realidade do contexto escolar, desenvolver-se uma investigação que analise a situação dos alunos migrantes oriundos dos PALOP e do Brasil. Tal

alargamento em termos de objeto de estudo permitirá entender-se até que ponto as propostas do projeto de intervenção são adaptáveis àqueles alunos de acordo com as suas necessidades, uma vez que também estes alunos são alunos migrantes.

A abrangência do tema, a par da investigação realizada durante a etapa exploratória, permite-nos tomar consciência, por um lado, das fraquezas e ameaças existentes face à inclusão dos alunos migrantes de PLNM no sistema de ensino, e, por outro lado, perceber as forças e oportunidades que já existem na Escola de modo a potenciar o processo de inclusão dos referidos alunos. Permite-nos, simultaneamente, sugerir modos de atuação e estratégias, reunidos sob a forma de um Projeto de Intervenção, que possam melhorar o processo, na expectativa de que o mesmo venha a evoluir no âmbito da inclusão plena dos alunos migrantes de PLNM bem como do seu sucesso educativo. Obviamente que tal não se consegue sem o empenho e a dedicação de todos os elementos educativos que se cruzam no contexto de uma escola, desde o órgão de gestão, os professores, os assistentes operacionais, os encarregados de educação e os alunos, mas acreditamos que, a par da necessidade, exista a vontade de que o sistema se aprimore e que a escola seja cada vez mais acolhedora e inclusiva para todos os alunos:

Uma inclusão bem-sucedida é um processo contínuo que requer, por um lado, flexibilidade e adaptação às necessidades individuais dos alunos e, por outro, preparação e mudanças nas dinâmicas e cultura da escola. Por conseguinte, atualmente, este desafio implica que a escola se organize e estruture a sua atuação, de forma intencional e integrada, para que a diversidade seja um fator de união entre toda a comunidade educativa, como garantia do direito de todos à educação e à igualdade de oportunidades preconizado na Convenção dos Direitos da Criança (Inclusão de Alunos Migrantes Em Meio Educativo, 2024, p.5).

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2021). Inclusive education: Analytical framework and application to the Portuguese case. *Revista Portuguesa de Educaçao*, 34(2), 25–41. <https://doi.org/10.21814/RPE.18677>
- Ainscow, J. (2009). Tornar a educação inclusiva: como essa tarefa deve ser conceituada? Tornar a Educação Inclusiva. UNESCO
- Alto Comissariado para as migrações. (2022). *Guia de Acolhimento para Migrantes*.
- Baganha, M. I., Marques, J. C., & Góis, P. (2009). Imigrantes em Portugal: uma síntese histórica. *Ler História*, 56, 123–133. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1979>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Casa-Nova, M. J. (2005). *(I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas*. www.ine.pt
- Cerna, L., Mezzanotte, C., Rutigliano, A., Brussino, O., Santiago, P., Borgonovi, F., Guthrie, C. (2021). Promoting inclusive education for diverse societies: A conceptual Framework. *OECD Education Working Papers*. N.º260 <https://dx.doi.org/10.1787/94ab68c6-en>
- Colaço, S., Piscalho, I., Correia, M., Pappámikail, L., Silva, P. S., Novo, C., Portelada, A., Uva, M. (2022). Conjunto de Materiais: Educação Inclusiva. Módulo 5: Ambientes de Aprendizagem Inclusivos. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Country Background Report: Portugal* (2022). Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação
- Decreto-lei n.º54/2018 do Ministério da Educação e Ciência. (2018). Diário da República: I Série, n.º129/2018. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>
- Decreto-lei n.º55/2018 do Ministério da Educação e Ciência. (2018). Diário da República: I Série, n.º129/2018. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>
- Decreto-lei n.º227/2005 do Ministério da Educação e Ciência. (2005). Diário da República: I Série A, n.º248/2005. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/227-2005-469001>

- Del Olmo, F., Melo-Pfeifer, S., & Souza, S. (2022). *Português Língua Não Materna: contextos, estatutos e práticas de ensino numa visão crítica* (U.Porto Press, Ed.).
- Despacho nº2044/2022 do Ministério da Educação e Ciência. (2022). Diário da República:II Série, nº33/2022. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/2044-2022-179188085>
- Duarte, U. (2019). Integração e inclusão escolar de alunos cabo-verdianos no 1º. CEB: Estudo de Caso num Agrupamento da Amadora. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Direção-Geral da Educação. (2024). *Inclusão de alunos migrantes em meio educativo*.
- Góis, P., & Marques, J. C. (2018). Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. *E-Cadernos CES*, 29. <https://doi.org/10.4000/eces.3307>
- Hortas, M., Martins, C., & Dias, A. (2014). Escola, comunidade e território: dinâmicas educativas locais na integração de populações imigrantes na área metropolitana de Lisboa. *Revista Interações*, 10(29).
- I CONGRESSO IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL [DIVERSIDADE-CIDADANIA-INTEGRAÇÃO]. (2003).
- Leiria, I., Martins, A., Cordas, J., Mouta, M., & Henriques, R. (2008). *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) Ensino Secundário*. Ministério da Educação. Direção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Marshall, C. & Rossman, G. B. (2006). *Designing qualitative research* (4 th ed.). Sage Publications.
- Martins, E. (2020). Educação e Diversidade cultural na realidade multidimensional: controvérsia da inter e multiculturalidade. *Revista Intersaberes*. V.15. n.º35 (13)
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J. Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Encarnação, M., Horta, M., Calçada, M., Nery, R., Rodrigues, S. (2017) Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação
- Matheus, M., & Fustinoni, S. (2006). *Pesquisa Qualitativa em Enfermagem*. Livraria Paulista Editora.
- Meireles-Coelho, C., Manuel, & Silva, Â. (2007). *Educação para a tolerância numa escola inclusiva e plural para todos*.
- Moreira, L. (2022) Um Olhar sobre a Educação Inclusiva em Portugal. *Internet Latent Corpus Journal*. Vol. 12 (2), 140-157

- Observatório da Emigração. (2024). *Observatório da Emigração*.
<https://observatorioemigracao.pt/np4/1315/>
- OCDE/OECD. (2021). *Young People with Migrant Parents, Making Integration Work*.
OECD Publishing.
- Oliveira, C. R. (2018). *Indicadores de Integração de Imigrantes*. RELATÓRIO
ESTATÍSTICO ANUAL 2018. Alto Comissariado das Migrações.
- Oliveira, C. R. (2022). *Indicadores de Integração de Imigrantes*. RELATÓRIO
ESTATÍSTICO ANUAL 2022. Alto Comissariado das Migrações.
- Padilla, B., & Ortiz, A. (2012). Fluxos Migratórios em Portugal: do boom migratório à
desaceleração no contexto de crise. *Balances e Desafios*. In *Rev. Inter. Mob. Hum*
(Vol. 39).
- Pappámikail, L., Beirante, D., & Cardoso, I. (2022). *Conjunto de Materiais: Educação
Inclusiva. Módulo 2: Diversidade, Equidade e Inclusão*. Ministério da
Educação/Direção-Geral da Educação.
- Pedroso, J. V., Pereira, F., Crespo, A., Trindade, A. R., Cosme, A., Croca, F., Breia, G.,
Franco, G., Azevedo, H., Fonseca, H., Micaelo, M., Reis, M. J., Saragoça, M. J.,
Carvalho, M., & Fernandes, R. (2018). *Para uma Educação Inclusiva: manual de
apoio à prática*.
- Pereira, C. (2017). Enquadramento e funcionamento da disciplina de PLNM no sistema
educativo português. *Revista de Estudos de Cultura, Nº7*.
- Piscalho, I., Colaço, S., Seixas, S. & Silva, F. (2022). *Conjunto de Materiais: Educação
Inclusiva. Módulo 3: Desenho Universal para a Aprendizagem*. Ministério da
Educação / Direção-Geral da Educação.
- Portaria nº223-A/2018 do Ministério da Educação e Ciência. (2018). *Diário da República*:
I Série, n.º149/2018. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/223-a-2018-115886163>
- Rebolo, A., Rodrigues, A., Costa, A., Fontanella, B., Damásio, C., Silva, C., Brandão, C.,
Formoso, C., Gómez, E., Castro, H., Ribeiro, J., Cais, J., Revez, J., Magalhães, J.,
Folguera, L., Corujo, L., Pereira, M., Xavier, S., Alzás, T., & Paul, V. (2022). *Manual
de Investigação Qualitativa*. Pactor.
- Rodrigues, D. (2013). *Equidade e Educação Inclusiva* (Lda. Profedições, Ed.).
- Santos, L., Mineiro, J., Batalha, J. & Reis, J. (2022). *Recomendações sobre o
acolhimento de migrantes e a construção de uma escola mais inclusiva*. Conselho
Nacional de Educação.

- Silveira, L. (2005). *Desenvolvimento humano e desenvolvimento sustentável: o papel da escola no século XXI*.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2014). *Como fazer investigação, dissertação, teses e relatórios segundo Bolonha* (PACTOR). Lidel.
- Souta, L., & Iturra, R. (1997). *Multiculturalidade & educação*.
- Stake, R. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso* (Fundação Calouste Gulbenkian, Ed.).
- UNESCO. (2022). *Reimaginar nossos futuros juntos*. UNESCO e Fundação SM.
- Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (2020). *Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações. Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Edições Afrontamento, Lda.

Anexo 1

Guião de entrevista a docentes de PLNM da Escola

Tema: A inclusão dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

Problema de investigação: A inclusão, no Sistema Educativo Português, de alunos migrantes cuja língua materna não é o Português.

População-alvo: Três docentes que lecionam PLNM

Natureza da investigação: Qualitativa

Objetivos gerais da entrevista:

- Caracterizar os grupos de alunos migrantes de PLNM, integrados nas turmas de PLNM;
- Compreender a organização das turmas de PLNM;
- Compreender o processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB;
- Conhecer as estratégias de inclusão adotadas para os alunos supracitados nas turmas e no contexto da Escola;
- Compreender as facilidades e as dificuldades de inclusão dos alunos nas turmas de ensino regular.

Blocos Temáticos	Categorias da Informação	Formulário de Questões	Observações
<p align="center">Legitimação da entrevista e Motivação do/a entrevistado/a</p>	<p>Promover/Fomentar um clima de colaboração e de confiança; Informar os entrevistados sobre o contexto da investigação e sobre o objetivo da entrevista e valorizar o contributo da mesma. Informar sobre os aspetos éticos, nomeadamente, da garantia da confidencialidade. Garantir a confidencialidade. Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.</p>	<p>Informar os entrevistados sobre os objetivos do trabalho de projeto e solicitar a colaboração na entrevista; Informar os entrevistados de que podem questionar acerca de algum aspeto que não entendam no decorrer da entrevista; Destacar que a colaboração da entrevistada é da maior relevância neste estudo, que pretende propor respostas/intervenção a partir de um conhecimento mais profundo do contexto estudado; Comunicar que todas as respostas serão confidenciais e que nunca serão associadas ao/a entrevistado/a.</p>	
<p align="center">A Caracterização dos entrevistados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Tempo de serviço na profissão - Situação profissional - Formação profissional - Formação especializada - Experiência com alunos migrantes de PLNM 	<ol style="list-style-type: none"> 1- Qual é a sua idade? 2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) 3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento) <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Se sim, em que área? 4- Há quanto tempo leciona? 	

		<p>5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento?</p> <p>6- Qual o vínculo ao agrupamento?</p> <p>7- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM?</p> <p>8- Já fez formação especializada em PLNM?</p> <p>8.1. Em caso afirmativo, recorda-se das formações que fez? Pode dizer-me que formações fez?</p> <p>8.2. O que mais lhe ficou dessas formações?</p> <p>8.3. Como é que essas formações a/o ajudaram?</p> <p>9- Considerando o conjunto de docentes que leciona PLNM, costumam procurar e partilhar ofertas formativas na equipa?</p> <p>10- Está ou sabe se alguém está a fazer alguma formação neste momento?</p> <p>11- Qual a vossa estratégia de formação interna?</p> <p>12- Em termos de trabalho, como se organizam os docentes de PLNM? Trabalham colaborativamente?</p> <p>13- Têm, por hábito, partilhar materiais?</p> <p>14- Interação com equipas de trabalho de outras escolas e/ou alguma instituição superior?</p>	
--	--	---	--

<p style="text-align: center;">B</p> <p style="text-align: center;">Caracterização dos grupos de alunos migrantes de PLNM</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Idades aproximadas - Níveis de proficiência linguística - Nacionalidades - Número de alunos por grupo 	<p>15- Tem ideia de quantas turmas de PLNM estão, atualmente, em funcionamento na escola?</p> <p>16- Faz ideia se existem constrangimentos na constituição de turmas de PLNM?</p> <p>16.1. Em caso afirmativo, que tipo de constrangimentos e que formas se têm encontrado na escola para os resolver?</p> <p>17- Saberá dizer quais os níveis de proficiência linguística dos alunos que integram as turmas de PLNM?</p> <p>18- Sabe, em média, quantos alunos compõem cada turma de PLNM?</p> <p>19- Sabe quais as idades dos alunos (a maioria situa-se em que faixa etária)?</p> <p>20- Quais as nacionalidades que se integram nestes grupos?</p>	
<p style="text-align: center;">C</p> <p style="text-align: center;">A dinâmica das turmas de PLNM</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A organização de trabalho dos docentes e a constituição e dinâmica das turmas de PLNM 	<p>21- Como é constituída a equipa de docentes que lecionam nas turmas de PLNM?</p> <p>22 - Sabe quais os critérios de seleção dos docentes para a lecionação das aulas de PLNM?</p>	

		<p>23 - Combinam-se nessa equipa docentes com mais experiência com docentes menos experientes?</p> <p>24 - Que condições são criadas para os docentes da equipa de PLNM poderem conhecer os perfis sociolinguísticos dos alunos? O que fazem?</p> <p>25. Como fazem para diagnosticar os níveis de proficiência dos alunos?</p> <p>26- Quantas horas semanais são lecionadas de PLNM aos alunos?</p> <p>27- Como se seleciona a turma em que se integram os alunos?</p> <p>28- Como se comportam os alunos nas turmas de PLNM, em termos de atitudes?</p> <p>29- Caso os alunos cheguem à escola depois do início do ano letivo, sabe quanto tempo medeia desde a matrícula do aluno à sua integração na turma?</p> <p>30- O aluno começa por um período de adaptação, em que terá só aulas de PLNM, ou integra imediatamente todas as disciplinas do currículo da turma?</p>	
--	--	---	--

		<p>30.1- Caso exista um período de adaptação, nessa fase o aluno tem apenas aulas de PLNM?</p> <p>30.2-Nesta situação ainda, os alunos têm estas aulas durante quanto tempo até à integração nas restantes disciplinas?</p> <p>31- Numa primeira fase de inclusão dos alunos migrantes de PLNM na escola, leva-se a cabo algum tipo de atividades de integração que promovam o estreitamento de laços entre os novos alunos migrantes e os restantes colegas de turma?</p> <p>31.1-Em caso afirmativo, consegue dar exemplo de algumas atividades?</p>	
<p>D</p> <p>Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB)</p>	<p>- O processo inicial de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas;</p> <p>- As ações educativas de integração processual dos alunos nas turmas.</p>	<p>32- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma?</p> <p>33- Que ações são levadas a cabo pelo Diretor de Turma? Que papel desempenha o Diretor de Turma no processo de inclusão?</p> <p>34- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM no processo de acolhimento?</p>	

<p style="text-align: center;">E</p> <p>As estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes de PLNM)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As estratégias de inclusão em sala de aula; - O apoio/diferenciação pedagógica prestado aos alunos em sala de aula; - A flexibilização de currículo; - A perceção da eficácia das estratégias utilizadas; - As estratégias de inclusão fora da sala de aula. 	<p>35- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma?</p> <p>36- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula?</p> <p>37- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma?</p> <p>38- Consegue referir-me particularmente como se está a flexibilizar o currículo para os alunos migrantes de PLNM?</p> <p>39- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica?</p> <p>40 – Como se comportam os alunos migrantes de PLNM nas turmas do ensino regular de que fazem parte?</p> <p>41- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português?</p>	
--	--	---	--

		<p>42- E quanto às restantes disciplinas?</p> <p>43- Tem perceção de como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula?</p> <p>44- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, com os seus pares? Relacionam-se apenas com outros alunos migrantes de PLNM? Relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades?</p> <p>45- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores?</p> <p>46- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI?</p> <p>46.1-Em caso afirmativo, em que moldes se processa essa articulação?</p>	
<p>F</p> <p>As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM)</p>	<p>- As facilidades de inclusão que os alunos migrantes de PLNM apresentam em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p>	<p>47- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas?</p> <p>48- São motivados a intervir no decurso da aula?</p> <p>49- Participam de forma autónoma?</p>	

	<p>- As dificuldades de inclusão percecionadas em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p>	<p>50- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula?</p> <p>51- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula?</p> <p>52- E fora da sala de aula?</p> <p>53- Demonstram dificuldades de comunicação?</p> <p>54- Adotam eles mesmos estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades?</p>	
<p>Validação da entrevista</p>	<p>Recolher elementos de carácter complementar.</p>	<p>55- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM?</p> <p>Solicitar ao/à entrevistado/a que avalie a relevância dos aspetos abordados e os complemente com as suas reflexões, questões e interesses na temática discutida.</p> <p>Solicitar ao/à entrevistado/a que acrescente, o que considere importante sobre o assunto e que não tenha sido referido anteriormente</p>	

ANEXO 2

Guião de entrevista a docentes de turmas com alunos de PLNM

Tema: A inclusão dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

Problema de investigação: A inclusão, no Sistema Educativo Português, de alunos migrantes cuja língua materna não é o Português.

População-alvo: Quatro docentes que lecionam a turmas que integram alunos migrantes de PLNM

Natureza da investigação: Qualitativa

Objetivos gerais da entrevista:

- Compreender o processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB;
- Conhecer as estratégias de inclusão adotadas para os alunos supracitados nas turmas e no contexto da Escola;
- Compreender as facilidades e as dificuldades de inclusão dos alunos nas turmas de ensino regular.

Blocos Temáticos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões	Observações
<p align="center">Legitimação da entrevista e Motivação do/a entrevistado/a</p>	<p>Promover/Fomentar um clima de colaboração e de confiança;</p> <p>Informar o/a entrevistado sobre o contexto da investigação e sobre o objetivo da entrevista e valorizar o contributo da mesma.</p> <p>Informar sobre os aspetos éticos, nomeadamente, da garantia da confidencialidade.</p> <p>Garantir a confidencialidade.</p> <p>Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.</p>	<p>Informar os entrevistados sobre os objetivos do trabalho de projeto e solicitar a colaboração na entrevista;</p> <p>Informar os entrevistados de que pode questionar acerca de alguma coisa que não entenda no decorrer da entrevista;</p> <p>Destacar que a colaboração do(a) entrevistado(a) é da maior relevância neste estudo;</p> <p>Comunicar que todas as respostas serão confidenciais e que nunca serão associadas ao/à entrevistado/a.</p>	
<p align="center">A Caracterização dos entrevistados</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Tempo de serviço na profissão - Situação profissional - Formação profissional - Formação especializada - Experiência com alunos migrantes de PLNM 	<ol style="list-style-type: none"> 1- Qual é a sua idade? 2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) 3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento) 3.1. Se sim, em que área? 4- Há quanto tempo leciona? 	

		<p>5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento?</p> <p>6- Qual o vínculo ao Agrupamento?</p> <p>7- Há quanto tempo leciona em turmas que integram alunos migrantes de PLNM?</p> <p>8- Já fez formação especializada em PLNM?</p> <p>8.1. Em caso afirmativo, recorda-se das formações que fez? Pode dizer-me que formações fez?</p> <p>8.2. O que mais lhe ficou dessas formações?</p> <p>8.3. Como é que essas formações a/o ajudaram?</p> <p>9- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM?</p>	
<p>B Processo de acolhimento (dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2º e 3º ciclo)</p>	<p>- O processo inicial de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas;</p> <p>- As ações educativas de integração processual dos alunos nas turmas.</p>	<p>10- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma?</p> <p>11- Que ações são levadas a cabo pelo Diretor de Turma no sentido de promover</p>	

		<p>o acolhimento dos alunos migrantes de PLNM na turma?</p> <p>12- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM aos alunos no processo de acolhimento?</p>	
<p>C As estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes de PLNM)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As estratégias de inclusão em sala de aula; - O apoio/diferenciação pedagógica prestado aos alunos em sala de aula; - A flexibilização de currículo; - A perceção da eficácia das estratégias utilizadas; - As estratégias de inclusão fora da sala de aula. 	<p>13- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma?</p> <p>14- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula?</p> <p>15- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma?</p> <p>16- Consegue referir-me particularmente que estratégias utiliza para a flexibilização do currículo na sua disciplina.</p>	

		<p>16.1-Tem, por hábito, articular esse processo com o professor de PLNM?</p> <p>17- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica?</p> <p>18- Como se comportam os alunos nas turmas de ensino regular de que fazem parte?</p> <p>19- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português?</p> <p>20- E quanto à motivação relativa aos conteúdos da disciplina que leciona?</p> <p>21- Como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula?</p> <p>22- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, nomeadamente com os seus pares?</p> <p>22.1-Caso tenha essa perceção, diria que se relacionam apenas com outros alunos migrantes de PLNM ou relacionam-se</p>	
--	--	---	--

		<p>com outros alunos de outras nacionalidades?</p> <p>23- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores?</p> <p>23.1- Em caso afirmativo, em que moldes se processa essa articulação?</p> <p>24- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI?</p> <p>24.1-Em caso afirmativo, em que moldes se processa essa articulação?</p>	
<p>D As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM)</p>	<p>- As facilidades de inclusão que os alunos migrantes de PLNM apresentam em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p> <p>- As dificuldades de inclusão percecionadas em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p>	<p>25- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas?</p> <p>26- São motivados a intervir no decurso da aula?</p> <p>27- Participam de forma autónoma?</p> <p>28- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula?</p>	

		<p>29- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula?</p> <p>30- E fora da sala de aula?</p> <p>31- Demonstam dificuldades de comunicação?</p> <p>31.1- Adotam eles mesmos estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades?</p>	
<p>Validação da entrevista</p>	<p>Recolher elementos de carácter complementar.</p>	<p>32- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM?</p> <p>Solicitar ao/à entrevistado/a que avalie a relevância dos aspetos abordados e os complemente com as suas reflexões, questões e interesses na temática discutida.</p> <p>Solicitar ao/à entrevistado/a que acrescente, o que considere importante sobre o assunto e que não tenha sido referido anteriormente</p>	

ANEXO 3

Guião da entrevista a alunos migrantes de PLNM

Tema: A inclusão dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2º e 3º Ciclo

Problema de investigação: A inclusão, no Sistema Educativo Português, de alunos migrantes cuja língua materna não é o Português.

População-alvo: 4 alunos migrantes de PLNM

Natureza da investigação: Qualitativa

Objetivos gerais da entrevista:

- Compreender o processo de integração dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º Ciclo;
- Compreender as facilidades e as dificuldades de inclusão dos alunos nas turmas e na Escola.

Blocos Temáticos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões	Observações
Legitimação da entrevista e	Promover/Fomentar um clima de colaboração e de confiança;	Informar o/a entrevistado sobre os objetivos do trabalho de projeto e	

<p>Motivação do/a entrevistado/a</p>	<p>Informar o/a entrevistado sobre o contexto da investigação e sobre o objetivo da entrevista e valorizar o contributo da mesma.</p> <p>Informar sobre os aspetos éticos, nomeadamente, da garantia da confidencialidade.</p> <p>Garantir a confidencialidade.</p> <p>Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.</p>	<p>solicitar a colaboração na entrevista;</p> <p>Informar o entrevistado que pode questionar acerca de alguma coisa que não entenda no decorrer da entrevista;</p> <p>Destacar que a colaboração do/a entrevistado/a é da maior relevância neste estudo;</p> <p>Comunicar que todas as respostas serão confidenciais e que nunca serão associadas ao/à entrevistado/a.</p>	
<p>A Caracterização dos entrevistados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - País onde nasceu - País(es) onde viveu - Língua que começou a falar quando era criança - Ano de escolaridade - Tempo de permanência em Portugal 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual é a tua idade? 2. Onde nasceste? 3. Em que país(es) já viveste? 4. Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança? 5. Qual o ano de escolaridade que frequentas? 	

	- Tempo de permanência no Sistema de Ensino Português	6. Há quanto tempo estás em Portugal? 7. Há quanto tempo frequentas uma escola portuguesa?	
B Processo de acolhimento (dos alunos migrantes PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2º e 3º ciclo)	- As ações educativas de integração processual dos alunos nas turmas; - O processo inicial de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas e o papel dos diferentes intervenientes no processo	8. Como são os alunos migrantes de PLNM acolhidos nas turmas pelos professores? 9. O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão na turma? E na escola? Se sim, podes contar como tudo acontece? 10. Como são os alunos migrantes de PLNM recebidos pelos outros alunos? A turma mostra-se recetiva? 11. Como aconteceu contigo? O que fizeram para te ajudar a incluir na turma?	
C	- As facilidades de inclusão que os alunos migrantes de PLNM	12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no	

<p>As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes PLNM)</p>	<p>apresentam em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p> <p>- As dificuldades de inclusão percebidas em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p>	<p>processo de inclusão dentro da sala de aula?</p> <p>13. São motivados a intervir no decurso da aula?</p> <p>14. Participam de forma autónoma?</p> <p>15. Como aconteceu contigo dentro da sala de aula?</p> <p>16. E como agem os alunos migrantes de PLNM fora da sala de aula?</p> <p>17. Que dificuldades sentiste dentro da sala de aula? Achas que os outros alunos migrantes de PLNM também sentem as mesmas dificuldades?</p> <p>18. E fora da sala de aula? Que dificuldades existem no recreio?</p> <p>19. Existem dificuldades de comunicação?</p> <p>20. O que fazem para ultrapassar essas dificuldades?</p>	
---	---	---	--

		21. Consegues lembrar-te de alguma situação que possas contar?	
Validação da entrevista	Recolher elementos de carácter complementar.	Solicitar ao/à entrevistado/a que avalie a relevância dos aspetos abordados e os complemente com as suas reflexões, questões e interesses na temática discutida. Solicitar ao/à entrevistado/a que acrescente, o que considere importante sobre o assunto e que não tenha sido referido anteriormente	

ANEXO 4

Interview script to migrant students of PNNL

Theme: The inclusion of migrant students (Portuguese non-native language - PNNL) in regular classes

Research problem: The inclusion of migrant students (PNNL) whose mother tongue is not Portuguese in the Portuguese education system.

Target population: 4 foreign students

Nature of research: Qualitative

General objectives of the interview:

- To understand the process of integrating migrant students (PNNL) into regular classes;
- Understand the facilities and difficulties of including students in classes and at school.

Themes	Specific objectives	Questions	Notes
Legitimizing the interview and	Promote a climate of collaboration and trust;	Inform the interviewee about the aims of the project and ask for their cooperation in the interview;	

<p>Motivation of the interviewee</p>	<p>Inform the interviewee about the context of the research and the purpose of the interview and value their contribution.</p> <p>Inform the interviewee about ethical aspects, namely guaranteeing confidentiality.</p> <p>Guarantee confidentiality.</p> <p>Request authorization for the audio recording of the interview.</p>	<p>Inform the interviewee that they can ask about anything they don't understand during the interview;</p> <p>Emphasize that the interviewee's collaboration is of the utmost importance in this study;</p> <p>Communicate that all answers will be confidential and will never be associated with the interviewee.</p>	
<p>A Characterization of interviewees.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Age - Country of birth - Country(ies) where he/she lived - First language spoken as a child - School year - How long has he/she been living in Portugal - How long has he/she been integrated in the Portuguese education system 	<ol style="list-style-type: none"> 1.How old are you? 2.Where were you born? 3.What country(ies) have you lived in? 4.What was the first language you spoke as a child? 5.What grade are you in? 6.How long have you been in Portugal? 7.How long have you attended a Portuguese school? 	

<p style="text-align: center;">C</p> <p>Integration process (of migrant students in classes)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - The educational strategies within the process of integrating migrant students (PNNL) into classes; - The initial process of including migrant students of PNNL into the classes and the different roles of the involved entities in the process 	<p>8.How are migrant students (PNNL) received in class by their teachers?</p> <p>9.Does the Class Director adopt any special procedures to facilitate inclusion into the class? And at school? If so, can you tell how it happened?</p> <p>10.How are migrant students (PNNL) received by other students (those who speak a language other than your own)? Does the class welcome you?</p> <p>11.What happened to you? What did they do to help you being included into the class?</p>	
<p style="text-align: center;">D</p> <p>The facilities and difficulties of inclusion (of migrant students)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - The facilities migrant students (PNNL) show in the school context (inside and outside the classroom). - The difficulties students perceive in terms of inclusion in the school 	<p>12.How easy do migrant students (PNNL) find the process of inclusion in the classroom?</p> <p>13.Are they motivated to intervene during the lesson?</p>	

	<p>context (inside and outside the classroom)</p>	<p>14. Do they participate autonomously?</p> <p>15. How did it happen for you in the classroom?</p> <p>16. And how do migrant students (PNNL) act outside the classroom?</p> <p>17. What difficulties did you experience in the classroom? Do you think other migrant students (PNNL) also experience the same difficulties?</p> <p>18. What about outside the classroom? What difficulties are there in the playground?</p> <p>19. Are there any communication difficulties?</p> <p>20. What do you do to overcome these difficulties?</p> <p>21. Can you think of any situations you can tell us about?</p>	
--	---	---	--

Interview validation	Gather additional information.	Ask the interviewee to evaluate the relevance of the aspects discussed and to complement them with their reflections, questions and interests in the topic discussed. Ask the interviewee to add anything they think is important on the subject that has not been mentioned before.	
-----------------------------	--------------------------------	---	--

ANEXO 5

Guião das entrevistas dos alunos portugueses

Tema: A inclusão dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º Ciclo

Problema de investigação: A inclusão, no Sistema Educativo Português, de alunos migrantes cuja língua materna não é o Português.

População-alvo: 4 alunos portugueses

Natureza da investigação: Qualitativa

Objetivos gerais da entrevista:

- Conhecer o processo de integração dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do Ensino Regular do 2.º e 3.º Ciclo;
- Analisar as oportunidades e os desafios de inclusão dos alunos nas turmas e na Escola.

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões	Observações
Legitimação da entrevista	Promover/Fomentar um clima de colaboração e de confiança;	Informar o/a entrevistado sobre os objetivos do trabalho deste projeto	

<p style="text-align: center;">e</p> <p style="text-align: center;">Motivação do/a entrevistado/a</p>	<p>Informar o/a entrevistado sobre o contexto da investigação e sobre o objetivo da entrevista e valorizar o contributo da mesma.</p> <p>Informar sobre os aspetos éticos, nomeadamente, da garantia da confidencialidade.</p> <p>Garantir a confidencialidade.</p> <p>Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.</p>	<p>e solicitar a colaboração na entrevista;</p> <p>Informar o entrevistado que pode questionar acerca de alguma coisa que não entenda no decorrer da entrevista;</p> <p>Destacar que a colaboração do/a entrevistado/a é da maior relevância neste estudo;</p> <p>Comunicar que todas as respostas serão confidenciais e que nunca serão associadas ao/à entrevistado/a.</p>	
<p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">Caracterização dos entrevistados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - País onde nasceu - País(es) onde viveu - Língua que começou a falar quando era criança - Ano de escolaridade 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual é a tua idade? 2. Onde nasceste? 2.1. Se não nasceste em Portugal, com quantos anos vieste morar para Portugal? 3. Em que país(es) já viveste? 4. Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança? 	

		5.Qual o ano de escolaridade que frequentas?	
<p style="text-align: center;">B</p> <p>Processo de acolhimento (dos alunos migrantes PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2º e 3º ciclo)</p>	<p>- As ações educativas de integração processual dos alunos nas turmas;</p> <p>- O processo inicial de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas e o papel dos diferentes intervenientes no processo.</p>	<p>6.Tens ou já tiveste alunos migrantes de PLNM na tua turma?</p> <p>6.1. Se sim, sabes de que países vinham?</p> <p>7. No primeiro dia em os alunos migrantes de PLNM são integrados na turma, como são acolhidos pelos professores? E pelos outros alunos?</p> <p>8..Consegues identificar alguma ação específica que os professores desenvolvem para incluírem os alunos migrantes de PLNM nos primeiros dias?</p> <p>9.O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM?</p>	

		<p>10. A turma mostra-se receptiva aos alunos migrantes de PLNM?</p> <p>10.1. Há algum tipo de acolhimento, alguma atitude diferente, por parte dos restantes alunos da turma?</p> <p>11. Lembras-te de alguma coisa que tenhas feito no sentido de incluir algum aluno migrante de PLNM na tua turma?</p>	
<p>C</p> <p>As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes PLNM)</p>	<p>- As facilidades de inclusão que os alunos migrantes de PLNM apresentam em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p> <p>- As dificuldades de inclusão percebidas em contexto escolar (dentro e fora da sala de aula)</p>	<p>12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula?</p> <p>13. São motivados a intervir no decurso da aula?</p> <p>14. Participam de forma autónoma?</p> <p>15. Lembras-te de alguma situação em que conseguiste ajudar?</p> <p>16. E como agem fora da sala de aula?</p>	

		<p>17. Que dificuldades são percecionadas relativamente aos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula?</p> <p>18. E fora da sala de aula?</p> <p>19. Demonstam dificuldades de comunicação?</p> <p>20. Adotam estratégias no sentido de ultrapassar essas dificuldades?</p> <p>21. Os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades? Se sim, como?</p> <p>22. Ocorre-te alguma situação em que tiveste dificuldade ou não conseguiste ajudar? Podes contá-la?</p>	
<p>Validação da entrevista</p>	<p>Recolher elementos de carácter complementar.</p>	<p>Solicitar ao/à entrevistado/a que avalie a relevância dos aspetos abordados e os complemente com as suas reflexões, questões e interesses na temática discutida.</p>	

		Solicitar ao/à entrevistado/a que acrescente, o que considere importante sobre o assunto e que não tenha sido referido anteriormente	
--	--	--	--

ANEXO 6

Autorização para realização de inquérito em meio escolar

Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 1444900001 > Inbox x



mime.noreply@min-educ.pt

to me ▾

Mar 13, 2024, 10:22 AM



 [Translate to English](#)



Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º **1444900001**, com a designação *Entrevista no âmbito de Trabalho de Projeto de Mestrado em Administração Educacional*, registado em 28-02-2024, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Manuela Conceição Farinha

Cumpre-nos informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é aprovado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Carlos Sousa

Diretor de Serviços

DGE

Observações:

a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamentos e com as unidades de observação a inquirir, no caso de crianças e jovens, com os encarregados de educação/representantes legais.

b) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos e da sua não identificabilidade, confidencialidade, proteção e segurança dos dados a recolher e tratar no presente estudo, devendo prever-se medidas adequadas. Deste modo, procura-se garantir o tratamento lícito dos mesmos e a conformidade com os termos procedimentais indicados e legislação em vigor. Considerados os documentos que foram anexados e para efeitos da proteção de dados a recolher junto dos inquiridos resultam obrigações que o responsável se propõe cumprir, enunciadas nos documentos apresentados. Destas deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados. É obrigatório recolher o consentimento inequívoco, informado e esclarecido, junto das entidades a inquirir. Recomenda-se que, dado o exposto, para efeitos de proteção de dados e cumprimento do disposto legal, o/a Encarregado/a de Proteção de Dados da entidade responsável pelo estudo possa apoiar todo o processo, ponderando acionar medidas de salvaguarda previstas na lei para segurança dos dados pessoais e devida proteção dos titulares.

Podem consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.dgeec.mec.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

ANEXO 7

Consentimento Informado

Este estudo enquadra-se no âmbito do Trabalho de Projeto de mestrado em Administração Educacional, que será apresentado na Escola Superior de Educação de Santarém para obtenção de grau de Mestre em Administração Educacional, pela aluna Manuela da Conceição Farinha.

Tendo em vista um melhor conhecimento da inclusão e integração dos alunos migrantes, cuja língua materna não é o Português, no sistema de ensino Português, nomeadamente em turmas do ensino regular dos 2.º e 3.º ciclos de escolaridade, solicita-se a participação nas entrevistas que serão realizadas, do/a seu/sua educando/educanda. Estas entrevistas visam aprofundar até que ponto o processo e as estratégias de inclusão dos alunos referido são as mais adequadas para uma integração plena dos mesmos na escola portuguesa.

A participação na entrevista tem uma duração aproximada de 20 minutos e esta será acompanhada de gravação áudio. Os resultados obtidos serão utilizados apenas e exclusivamente para fins académicos.

A confidencialidade e anonimato dos dados serão garantidos. Os dados recolhidos são para uso exclusivo da elaboração do projeto e não serão partilhados com outras entidades externas.

O tratamento da informação e os dados recolhidos poderão ser utilizados apenas no trabalho de projeto (Lei n.º 58/2019 de 8 de agosto - Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) e o Regulamento (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016).

Este trabalho de projeto será desenvolvido sob a orientação das Professoras Doutoras Isabel Piscalho e Inês Cardoso, docentes da Escola Superior de Educação de Santarém.

Para mais esclarecimentos, por favor, contactar: 150217012@ese.ipsantarem.pt

Agradeço, desde já, a sua disponibilidade e a colaboração!

Manuela Farinha

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos do estudo. Fui informado/a de todos os aspetos que considero importantes e tive a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas sobre a investigação. Autorizo a participação de forma voluntária do/a

meu/minha educando/educanda e fui informado/a de que a sua participação, ou recusa em participar, não trará quaisquer benefícios ou prejuízos para mim ou para ele/ela.

Assinatura _____ Data ____/____/____

ANEXO 8

Transcrição da entrevista - Docente 1 PLNM

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1- Qual é a sua idade? 44 anos.

2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura)

Eu sou licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Português e Inglês.

3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento)

3.1. Se sim, em que área? Tenho uma pós-graduação. A minha profissionalização: a primeira parte foi a pós-graduação, a segunda parte foi o estágio que eu interrompi, portanto eu só tenho metade do estágio.

4- Há quanto tempo leciona? Desde 2006.

5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento? Há 2 anos.

6- Qual o vínculo ao agrupamento? Sou contratada.

7- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM? Há muitos anos atrás, eu comecei a dar formação e uma das minhas primeiras formações foi dar Português, na altura, ou eram Kosovares ou qualquer coisa assim. Eu dava-lhes Português e dava-lhes Inglês e, nessa turma, eu só tinha dois nacionais. Foi para uma empresa privada que estava sob a tutela do IFP e, então, eu dava-lhes Português Língua Não Materna. Não havia manuais, não havia nada, foi tudo muito à base do oral. Levou o seu tempo, mas foi um percurso muito engraçado quer para mim, quer para eles.

8- Já fez formação especializada em PLNM? Não.

9- Considerando o conjunto de docentes que leciona PLNM, costumam procurar e partilhar ofertas formativas na equipa? Se o fazem, não tenho conhecimento.

10- Está ou sabe se alguém está a fazer alguma formação neste momento? Não, não sei e também não estou.

11- Qual a vossa estratégia de formação interna? Não tenho conhecimento.

12- Em termos de trabalho, como se organizam os docentes de PLNM? Trabalham colaborativamente? Sim. Fazemos as nossas reuniões e verificamos o currículo. No ano passado passámos pela adoção de manuais, fizemos algumas reuniões nesse

sentido para tentar perceber qual seria o manual mais adotável tendo em conta os nossos alunos.

13- Têm, por hábito, partilhar materiais? Temos. Existe, inclusive, um dossier e um banco de recursos em papel onde nós podemos ir buscar, ver e adicionar, se quisermos.

14- Interação com equipas de trabalho de outras escolas e/ou alguma instituição superior? Eu, enquanto professora/formadora, não. Não sei se a nível da coordenação, se eles o farão. Não sei.

BLOCO B e C - Caracterização dos grupos de alunos migrantes PLNM e a dinâmica das turmas de PLNM

15- Tem ideia de quantas turmas de PLNM estão, atualmente, em funcionamento na escola? São cinco turmas.

16- Faz ideia se existem constrangimentos na constituição de turmas de PLNM?

Eu penso que não. Normalmente a coordenação toma as rédeas desse procedimento. Aconselha-se com os professores, portanto se nós achamos que este aluno deve ir para aqui ou para acolá...por agora tem sido fácil.

17- Saberá dizer quais os níveis de proficiência linguística dos alunos que integram as turmas de PLNM? Penso que conseguimos ir até ao B1. Temos A1, temos A2 e B1.

18- Sabe, em média, quantos alunos compõem cada turma de PLNM? Tentamos que não passem muito dos 10, se bem que há aí uma turma, penso que seja o A2 que já são 12 ou 14, mas tentamos que não passe muito os 10, pois instala-se uma grande disparidade de níveis, principalmente no que diz respeito ao A1.

19- Sabe quais as idades dos alunos (a maioria situa-se em que faixa etária)? A maioria nos 13, penso que sim. Temos alunos com 14. No ano passado tive um aluno com 17, mas havia de ser um dos poucos, portanto, assim, a generalidade deve bater nos 13 anos.

20- Quais as nacionalidades que se integram nestes grupos? Temos os paquistaneses, temos os indianos, temos chineses...estou a lembrar-me da minha turma: ucraniano e russo.

21- Como é constituída a equipa de docentes que lecionam nas turmas de PLNM? Somos docentes do 220, portanto temos o Português no nosso currículo, temos o Inglês; homens e mulheres; mais velhos e mais novos...

22 - Sabe quais os critérios de seleção dos docentes para a leção das aulas de PLNM? Penso que terá que ser alguém que tenha Português no seu currículo; se calhar, o Inglês, também devem pensar nisso para que haja ali uma aproximação e consigamos passar a mensagem...

23 - Combinam-se nessa equipa docentes com mais experiência com docentes menos experientes? Sim, a começar por mim...eu sou quem tenho menos experiência de todos.

24 - Que condições são criadas para os docentes da equipa de PLNM poderem conhecer os perfis sociolinguísticos dos alunos? O que fazem? Tivemos uma reunião no início do ano letivo em que a Coordenadora apresentou os alunos novos, porque os restantes já tínhamos estado com eles durante o ano letivo. Portanto, à partida, já havia essa aproximação, mas nada mais do que uma reunião; apenas para dizer: vem alguém, vem do 1º ciclo. Veio inclusive a professora bilíngue e de PLNM, vieram as duas no que diz respeito aos do 1º ciclo; os que vêm de outras escolas, aí, não sei. A Coordenadora, se calhar, terá essas informações, mas, também, não as partilha. Eu passei, sim, por uma reunião com os meninos que vinham para o 5º ano, falámos com a professora titular que era a professora bilíngue, falámos com a professora de PLNM...pronto estivemos ali a tentar perceber como é que era, como é que não era, o que é que precisava...essas coisas todas.

25. Como fazem para diagnosticar os níveis de proficiência dos alunos? Temos um teste. À partida, quando o aluno chega e nós interagimos com ele já sabemos. Olha este consegue ficar no A1, este consegue estar um bocadinho mais acima. Quando há alguma dúvida ainda temos que aplicar um teste.

26- Quantas horas semanais são lecionadas de PLNM aos alunos? Quatro divididas por dois blocos.

27- Como se seleciona a turma em que se integram os alunos? Não faço ideia, não estou dentro do processo, contudo, penso que deve se procurar o nível do aluno e, se calhar, onde houver turmas que tenham vaga, o aluno é aí inserido. Penso que terão cuidado, por exemplo, na nossa escola nós temos turmas bilíngues e, se calhar, algum aluno estrangeiro cuja língua dê para falar Inglês ou saiba falar Inglês vão a essas turmas tentar perceber se há vaga ou não, mas, depois, são estrategicamente colocados no seu nível e onde há vaga.

28- Como se comportam os alunos nas turmas de PLNM, em termos de atitudes?

Também temos um menú variado; o que eu menos gosto e tento lutar contra isso é o grosso dos meus alunos que são paquistaneses e falam urdu; muitas vezes, é o falar entre si e tu estás ali, enquanto professora, a pensar assim: bolas, o que é que eles estão a dizer? Tento interagir, já tentei aprender algumas palavras e eles também sentem motivação: “ei, a teacher quer aprender!”. Por regra, penso que seja isso...eles têm uma boa atitude, eles têm bons valores, contudo basta haver algum que seja mais brincalhão ou qualquer coisa e tu pensas sempre “eh pá, devem estar a mandar-me para todos os lados e tu não estás a perceber”.

29- Caso os alunos cheguem à escola depois do início do ano letivo, sabe quanto tempo medeia desde a matrícula do aluno à sua integração na turma? Não faço ideia, mas tenho noção de que deve ser muito rápido.

30- O aluno começa por um período de adaptação, em que terá só aulas de PLNM, ou integra imediatamente todas as disciplinas do currículo da turma? Integra imediatamente tudo.

31- Numa primeira fase de inclusão dos alunos migrantes de PLNM na escola, leva-se a cabo algum tipo de atividades que promovam o estreitamento de laços entre os novos alunos migrantes e os restantes colegas de turma? Que eu saiba não, mas era uma ótima ideia.

BLOCO D – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

32- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? Formalmente, não faço ideia. Eles são apresentados à turma, eles são inseridos na turma, eles começam a ir às aulas e, depois, é o “salve-se quem puder” da parte dos alunos.

33- Que ação são levadas a cabo pelo Diretor de Turma? Que papel desempenha o Diretor de Turma no processo de inclusão? O primordial porque o aluno sabe que aquele professor é a chave, aquele professor está em contacto com os seus pais. Penso que o aluno estrangeiro consegue ter mais respeito ao DT precisamente por causa disso do que aos outros professores. Eles sabem que nós todos temos acesso a tudo, mas o DT é sempre o DT.

34- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM no processo de acolhimento? Eu acho que devia ser o principal porque o professor

de PLNM é um anfitrião, certo? E eu digo muitas vezes “qualquer dúvida que vocês tenham, mesmo que eu esteja na outra ponta da escola e que seja intervalo ou qualquer coisa, vocês vêm ter comigo, estou aqui para vos ajudar.” Eu consigo ser a ponte. Eu acho que consigo isso com os meus alunos porque, muitas vezes, as miúdas vêm ter comigo e vêm me pedir ajuda “Professora, como é que se faz isto?” Tive há pouco tempo o acolhimento de uma miúda, ela chegou em março, ela veio logo ter comigo: “Ó professora, o cartão, como é que eu faço?” Os outros professores, quem não dá PLNM, acho que andam sempre muito cheios de trabalho e, pronto, aquilo é só mais um aluno, mas a malta do PLNM consegue ver efetivamente que aqueles miúdos, às vezes, se não estão, pelos menos aparentam, estar desamparados. Quando nós chegamos aos dias em que há PLNM à escola, só os que estão cá há mais tempo é que estão em grupo, os outros estão sentados, ou estão ao sol ou estão sozinhos. Penso que devem sentir aí alguma solidão, o que também normal porque acabaram de chegar e ainda não conhecem.

BLOCO E - As estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes de PLNM)

35- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? Eu penso que não porque tive há pouco tempo um aluno que entrou numa turma de 5ºano, na qual eu leciono Inglês, portanto não tem nada a ver com o PLNM, e não houve qualquer tipo de procedimento, nem pedido ou requerido, nada. Tudo normal.

36- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Eu, como sou docente de Inglês, é fácil. Se fosse Matemática ou Geografia seria difícil, mas como é Inglês, penso que será a disciplina onde eles se sentem mais à vontade porque é uma língua, por regra, de todos os nossos alunos estrangeiros e que eles dominam.

37- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? A nível de flexibilização de currículo, nunca me apercebi de nenhum colega dizer que passava por ali. O que eu oiço mais é “eu tenho pouco tempo, mas se eu tivesse mais tempo, eu conseguia fazer só fichas para ele ou tentar organizar um glossário ou qualquer coisa para ele...” Então é isso. Mas aquilo que eu realmente oiço é “por falta de tempo, não consigo”. Nós,

enquanto professores de PLNM, também tentamos dar algumas ferramentas aos alunos, ferramentas mesmo no seu sentido físico: exercícios, para que eles, quando estão numa disciplina, as consigam utilizar.

38- Consegue referir-me particularmente como se está a flexibilizar o currículo para os alunos migrantes de PLNM? Portanto cada professor deve tentar perceber como é que funciona a sua turma, o que é que é melhor para a sua turma e, se calhar, até, às vezes, há coisas que não damos consoante o currículo ou passamo-las lá mais para a frente...

39- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica? Há várias...há várias respostas, uns ficam contentes, outros ficam aborrecidos, outros, às vezes, nem percebem o que é aquilo, dizem só “Thank you, thank you...”depende da sua motivação.

40- Como se comportam os alunos migrantes de PLNM nas turmas do ensino regular de que fazem parte? São mais caladinhos porque já não são exclusivos do professor, porque, ao fim e ao cabo, quando eles estão numa turma de PLNM eles sentem-se exclusivos: “aquele professor está ali porque eu sou estrangeiro, está bem que eu tenho que aprender, tenho que fazer a minha quota-parte, mas tenho aqui um professor”; aliás eles até interagem mais connosco nas aulas de PLNM do que quando estão em turma.

41- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? Sim.

42- E quanto às restantes disciplinas? Não sei, não estou nas restantes disciplinas. Ouço os colegas dizerem que, realmente, é difícil, mas quero acreditar que a língua também é um travão. Imagina estares num país estrangeiro e não percebes patavina e estão a falar do D.Sebastião ou qualquer coisa...é aí que eu acho que devia haver certas coisas numa escola que recebe alunos estrangeiros. Eles deviam ter uma adequação.

43-Tem perceção de como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Caberá a cada professor fazer ali um bocado daqueles jogos que nós, na formação, fazemos: um quebra-gelo. Eu espero que não seja aquela coisa seca do “Olá meninos, temos um aluno novo. É o Rachide ou o Rashibe e pronto, podes te sentar ali e vamos continuar”. Eu espero que não seja assim porque senão é muito seco... Eu falo por mim, eu tento sempre fazer uma apresentação, tento sempre quebrar ali o gelo, só fico descansada quando o aluno esboça um sorriso e não é aquele sorriso nervoso. Tem que ser mesmo uma coisa que tu vejas...pronto...já está.

44- Qual a percepção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, com os seus pares? Relacionam-se apenas com outros alunos migrantes de PLNM? Relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? O ideal seria uma mescla, eles procurarem, principalmente, os nacionais até por uma questão de língua. Eu digo para eles fazerem isso, mas não...não conseguem porque os nossos nacionais não dão essa hipótese. Então, estão sempre nos grupos deles.

45- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Eu acho que não. Eu acho que temos que preencher uma coisa que se chama PAPI, mas isso fica preenchido e penso que isso seja lido quando é preenchido e pronto. Nós temos um aluno estrangeiro e queremos trabalhar com ele certas e determinadas coisas ou apenas trabalhar com ele como fazemos com o resto da turma, mas temos ali alguns travões, então, o PAPI serve para eu colocar naquele papel o que eu acho que deve ser feito relativamente ao aluno. Por exemplo, dar oportunidade de usar o tradutor, dar oportunidade de usar umas fichas diferentes do resto da turma, contactar ou pedir ajuda ao psicólogo da escola, portanto, estão ali várias coisas que eu posso assinalar como achando uma mais-valia para a minha disciplina e para aquele aluno. Nós, enquanto professores de PLNM, temos, depois lá em baixo, um espacito onde podemos escrever uma observação e dizer realmente como é que o aluno está, se achamos que está estagnado ou não, pedir ajuda a alguma disciplina, achar que deve fazer isto ou deve fazer aquilo, pronto...mas esse papel, na minha opinião, vale o que vale, aquilo fica registado, fica arquivado digitalmente ou em papel, mas é só porque se alguém perguntar “está feito”-é a minha opinião, porque, depois, na realidade, há ali muita coisa que eu acho que falha e acabamos por ir parar á mesma coisa: tempo. As turmas são muito grandes, hoje em dia, os miúdos, até os nacionais têm todo um leque de problemas variados...com tantas turmas e tantas coisas, na minha opinião, os professores não têm tempo muitas vezes para fazer aquilo que mais importa.

46- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI?

Se calhar, ao nível da coordenação de PLNM, existe, mas eu, enquanto docente cá no fundo da hierarquia, não dei por nada.

BLOCO F – As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM)

47- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? Todas. Toda a ajuda que eles possam ter, penso que eles agradecem muito.

48- São motivados a intervir no decurso da aula? Sim.

49- Participam de forma autónoma? Sim, às vezes, sim. Às vezes até temos de dizer “calma, eu quero que seja o outro colega a responder para ver se também sabe”.

50- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula?

Eles, fora da sala de aula, estão com os seus pares nacionais e sentem-se muito à vontade. Nos intervalos dos dias em que há aulas de PLNM eu penso que eles andam mais à vontade aqui porque não há tantos portugueses. Pronto, sentem, se calhar, “eh pá, hoje, a escola é minha, eu posso andar aqui, correr e fazer...se calhar, é isso.

51- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? Eu penso que a língua, a língua trava ali muita coisa para eles...imagina, alguém cuja personalidade é ser perfeccionista ou muito metódico...ele até pode pensar assim “eu sei o que a professora está a perguntar, mas eu não me sei exprimir, se calhar vou dizer isto mal e depois os outros vão olhar para mim” e, depois, estão naquela idade em que tudo é um problema: “vão olhar para mim, vão não sei quê...” então, se calhar, até escolhem ficar calados, ali a língua é o maior travão deles todos.

52- E fora da sala de aula? Fora da sala, muitas vezes, vejo as miúdas que estão sempre só elas, mas são grupos de três ou quatro, se calhar gostavam de estar com as outras miúdas, partilhar experiências...ou vêem as nossas nacionais, às vezes, a fazerem tik-toks e essas coisas e também gostavam e, se calhar, não vão porque...não sei, têm vergonha ou sentem que as portuguesas não querem estar com elas. Alguma coisa há de haver para vermos sempre os miúdos estrangeiros juntinhos.

53- Demonstram dificuldades de comunicação? Sem dúvida.

54- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Acho que eles têm medo, têm receio.

55- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? Tem sido espetacular. Eu divirto-me imenso. Divirto-me muito porque acabas por ter ali experiências, culturas, maneiras de ser muito diferentes e eu acho que é muito divertido. Eu não sou uma professora à moda antiga, se vejo que o currículo não está a funcionar, eu tento tirar coisas da cartola, fazer coisas diferentes...mas, sim, acho que tem sido divertido. Eu gosto.

Comentário Final

Eu acho que isto podia ser muito fixe para todos, principalmente para os alunos estrangeiros porque eles chegam aqui com uma cultura diferente, às vezes uma cultura castradora e nós vimos pela maneira deles agirem, as miúdas de se vestirem, são muito fechadas, até os seus semblantes são muito fechados. Aquilo para elas esboçarem um sorriso, têm que se sentir muito à vontade contigo. Eu acho que fazia falta um ano zero, era um ano, porque é assim: para eles perder um ano ou ficar um ano a mais não lhes interessa, daquilo que eu já vi são poucos os que trazem um objetivo de “eu quero ser médico” ou “eu quero ser isto” ou “eu quero seguir estudos”, não. Parece que eles andam aqui só porque sim e, se calhar, essa também é a mensagem que os pais lhes passam em casa, não é? Até porque sabemos que isto é um país de passagem, muitas vezes eles estão aqui dois ou três anos e depois abalam. Mas, acho que fazia falta para todos, para os professores, para os Conselhos de Turma, para as turmas e para eles, principalmente para eles, os estrangeiros, um ano zero em que eles estivessem em contacto com a língua e com a cultura porque, às vezes, há coisas que eles não percebem.

ANEXO 9

Transcrição da entrevista - Docente 2 PLNM

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1- Qual é a sua idade? 63 anos.

2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante Inglês/Alemão.

3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento) Sim.

3.1. Se sim, em que área? Mestrado em Didática das Línguas.

4- Há quanto tempo leciona? Há 40 anos.

5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento? Há 35 anos.

6- Qual o vínculo ao Agrupamento? Sou do Quadro do Agrupamento.

7- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM? A primeira experiência que tive foi em 1999-2000, quando estava na Bélgica. Eu dei aulas de português aos estrangeiros adultos, foi a minha primeira experiência e gostei muito. Primeiro porque eu tinha imensas nacionalidades, porque como eu vivi numa base Internacional tinha vários alunos e durante 3 anos dei aulas de vários níveis aos estrangeiros, desde europeus até a uma japonesa que era casada com um americano, e também canadianos...portanto, de várias nacionalidades: italianos, franceses, alemães, polacos...Dava-lhes português de iniciação e a outros um pouquinho mais à frente. Depois, quando eu voltei para a Bélgica, passados 10 anos voltei para o mesmo sítio exatamente, estive lá mais 3 anos, voltei a dar aulas a estrangeiros. Portanto, foi uma experiência repetida. Agora, há 2 anos, desde que começaram as turmas que eu dou.

8- Já fez formação especializada em PLNM? Não.

9- Considerando o conjunto de docentes que leciona PLNM, costumam procurar e partilhar ofertas formativas na equipa? Sim, quando aparecem informações específicas, normalmente enviamos uns para os outros. Somos todos professores de língua estrangeira, porque nós estamos a dar português como se fosse uma língua estrangeira. Ao princípio ficou-se com aquela ideia: os professores de Português vão dar, depois podia ser um professor até de História...mas não têm o perfil adequado. A

meu ver não têm porque nós estamos a ensinar a iniciação de uma língua que é o que nós fazemos em Inglês. Portanto, acho que desde que se encaminhou para professores de línguas estrangeiras que corre melhor e as pessoas têm pelo menos o perfil adequado.

10- Está ou sabe se alguém está a fazer alguma formação neste momento? Neste momento, acho que não.

11- Qual a vossa estratégia de formação interna? Não temos.

12- Em termos de trabalho, como se organizam os docentes de PLNM? Trabalham colaborativamente? Sim, fazemos a planificação, trocamos materiais. Normalmente usamos também os de Inglês porque nós fazemos tudo à semelhança da didática das línguas estrangeiras. Aplicamos a didática da língua estrangeira para o PLNM, eu uso os mesmos materiais que os de Inglês e eu digo sempre aos colegas para o fazerem. Faz sentido porque é iniciação. Eles até deviam aprender mais depressa porque estão em ambiente imerso, não têm só 2 vezes por semana uma língua... Estão todo o dia a ouvir português, portanto, tinham obrigação de evoluir mais depressa...às vezes acontece, outras vezes não.

13- Têm, por hábito, partilhar materiais? Sim.

14- Interação com equipas de trabalho de outras escolas e/ou alguma instituição superior? Não.

BLOCO B e C - Caracterização dos grupos de alunos migrantes PLNM e a dinâmica das turmas de PLNM

15- Tem ideia de quantas turmas de PLNM estão, atualmente, em funcionamento na escola? Cinco.

16- Faz ideia se existem constrangimentos na constituição de turmas de PLNM?

O único constrangimento é o facto dos alunos estarem distribuídos em várias turmas do ensino regular, com diferentes horários...é muito difícil organizar as aulas de PLNM sem ser à tarde. É o constrangimento maior e o resultado disso dificulta muito o nosso trabalho com os alunos.

16.1. Em caso afirmativo, que tipo de constrangimentos e que formas se têm encontrado na escola para os resolver? As aulas são sempre à tarde o que obriga os alunos a estarem mais tempo na escola do que os outros. Este ano já melhorou. Do ano passado para este ano já melhorou porque algumas horas já coincidem com o

português da turma deles. É um esforço que nós pedimos aos alunos adicional e que para muitos deles é complicado. A princípio eles faltavam muito, agora eles vão percebendo que realmente é uma disciplina obrigatória e que têm exame no nono ano, os alunos assumiram que é uma disciplina muito importante e precisam mesmo dela. No ano passado, eles faltavam muito, este ano, é muito raro faltarem. Mas é um esforço adicional e é difícil realmente ser à tarde, principalmente os 4 tempos à tarde. Se conseguisse de manhã e à tarde...mas eu percebo...na minha turma, às vezes, há grupos que têm 6 turmas ou 8 turmas...acho que quem tem mais são 10 turmas. É impossível...portanto ou se tenta também diminuir o número de turmas, tentar pô-los só em 2 ou 3 turmas por ano. Mas, eu percebo que também não convém fazer guetos.

17- Saberá dizer quais os níveis de proficiência linguística dos alunos que integram as turmas de PLNM? Vai desde o A1 até ao B1.

18 - Sabe, em média, quantos alunos compõem cada turma de PLNM? Desde 10 a 16. A turma maior tem 16 e a menor tem 10.

19 - Sabe quais as idades dos alunos (a maioria situa-se em que faixa etária)? Não sei, eu acho que estão mais ou menos espalhados e vieram muitos novos também.

20- Quais as nacionalidades que se integram nestes grupos? Os que há mais são os indianos, os paquistaneses, depois há os de Bangladesh, da China e há também bastantes de Leste: ucranianos, os moldavos, há um bielorrusso...a maioria são estas.

21- Como é constituída a equipa de docentes que lecionam nas turmas de PLNM? São recrutados no Grupo 220 e no 320, Português/Francês. São os professores de língua estrangeira.

22 - Sabe quais os critérios de seleção dos docentes para a lecionação das aulas de PLNM? Um bocado o perfil, tem que ser professor de língua estrangeira, de preferência com perfil e a experiência. A maior parte já vem do ano passado.

23 - Combinam-se nessa equipa docentes com mais experiência com docentes menos experientes? Sim.

24 - Que condições são criadas para os docentes da equipa de PLNM poderem conhecer os perfis sociolinguísticos dos alunos? O que fazem? Isso é depois nas aulas. Nós para além de irmos aos conselhos de turma e conhecermos o perfil de cada aluno, falamos com os diretores de turma e, nas aulas, como qualquer professor da turma...não temos nenhuma diferença. Às vezes, temos um bocadinho mais de contato porque somos os tradutores muitas vezes para os outros colegas.

Quando eles falam inglês é ótimo. Quando não falam, com o gesto e o Português pouco que eles sabem, ajudamos normalmente..

25. Como fazem para diagnosticar os níveis de proficiência dos alunos? Com testes. Fazemos um teste no início do ano quando vem um aluno novo. Quando os alunos são nossos, nós já sabemos naturalmente em que nível estão. Quando chegamos ao final do ano, se eles evoluíram bem, passam para o nível seguinte. Se achamos que não evoluíram bem, ficam na mesma. Mas o professor que esteve o ano todo com eles, não precisa fazer um teste porque estamos sempre a fazer testes ao longo do ano, só fazemos para os novos, acabadinhos de chegar.

26- Quantas horas semanais são lecionadas de PLNM aos alunos? Quatro tempos.

27 - Como se seleciona a turma em que se integram os alunos? Pois as turmas bilingues, para quem sabe inglês, são o ideal. Só que as turmas bilíngues já estão muito cheias. Principalmente os indianos, que já vêm com bom inglês, para eles é muito bom, eles aprendem mais depressa. Mas pronto, só há uma turma em cada ano. De preferência seriam turmas mais pequenas para terem mais acompanhamento...vinte e oito alunos e depois lá estão 2 estrangeiros, coitados. Eu tenho num quinto uns 4 ou 5 estrangeiros, a gente dá-lhes o acompanhamento que consegue.

28- Como se comportam os alunos nas turmas de PLNM, em termos de atitudes?

É assim, os de Leste portam-se bem. Eles normalmente portam-se bem. Na turma normal, eles estão muito fechados no seu cantinho porque não conseguem comunicar com todos. Chegam àquela turma de PLNM e têm os coleguinhas do mesmo país, aí eles abrem-se. É uma felicidade muito grande. Os ucranianos só queriam falar com ucranianos, depois queriam juntar-se todos, pois era o grupo dos Paquistaneses e era tudo uma alegria pois eles podiam se mostrar e falar e rir...pronto, até que eles percebessem que aquilo era uma aula a sério foi difícil. Pronto, eu acho que este ano já está a correr muito melhor e eles já percebem.

29- Caso os alunos cheguem à escola depois do início do ano letivo, sabe quanto tempo medeia desde a matrícula do aluno à sua integração na turma? Isso é logo. Passados dois dias ou assim. Assim que eles podem vir, vêm logo.

30- O aluno começa por um período de adaptação, em que terá só aulas de PLNM, ou integra imediatamente todas as disciplinas do currículo da turma? Não tenho a versão oficial de toda a gente. Eu acho que ele deve integrar a turma. Eu acho é que ele não devia ser avaliado. Ele vai para a turma, mergulha, emerge, é imersão, é esse o método. Eu estudei Didática das línguas lá na Bélgica e tive uma cadeira mesmo de

língua não materna. É a melhor maneira de como se aprende uma língua para uma pessoa que vai para o país, não é? Se vai para lá e tudo à volta fala nessa língua nova...portanto, eles têm mesmo que ir. Claro que nos primeiros tempos não percebem nada, nem dizem nada, nem percebem nada. Também já tive essa experiência. Os meus filhos também já tiveram e passado meses, já falavam. A única coisa que eu sou contra e que o nosso sistema nos obriga a fazer é avaliá-los logo. Ou seja, o miúdo chega em Janeiro e nós temos que dar nota. Claro que não vamos poder dar uma nota positiva. E é muito chato. Mas também não podemos dar 4 nem 3, porque ele não fez nada, não sabe nada, mesmo que seja outra disciplina. Portanto, eu acho que, no primeiro ano, ele não devia ser avaliado se chegar a meio do ano. Como estes que chegaram agora, eles não deviam ter notas, eles deviam estar só para se ambientarem, conhecerem a língua. Não deviam ter notas, tinham só uma alínea e, pronto, para o ano, então, começavam no início do ano com outra bagagem, porque já tinham aprendido Português. Isso eu acho muito, muito injusto e custa-me imenso dar 2, às vezes, só porque tem que ser. Outra são os exames do nono, devia haver exame de A1 e não há. Também é um constrangimento, porque os miúdos que têm nível A1 deviam fazer o exame A1; se há exame A2...eu percebo se já cá estão há mais de 1 ano já deviam ter evoluído, mas não é bem assim. Quer dizer, um chinês que tem uma língua completamente diferente da nossa, alguns nem conhecem o nosso alfabeto...também não é com 1 ano que eles conseguem atingir o nível A2. Portanto, devia haver um exame A1.

31- Numa primeira fase de inclusão dos alunos migrantes de PLNM na escola, leva-se a cabo algum tipo de atividades que promovam o estreitamento de laços entre os novos alunos migrantes e os restantes colegas de turma? O que eu costumo fazer é pô-los a falar da do país de origem. A nível de escola, há aí um projeto ou outro a nível de inclusão para eles se reunirem no intervalo, está aí na forja. De resto, na turma, é mais de eles falarem de das suas coisas, portanto, para darem a conhecer aos outros alunos.

BLOCO D – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

32- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? Nós tentamos, eu pelo menos tento, que seja igual aos outros. Tento nunca

separar nem tratá-los de maneira diferente, o máximo possível, para eles não se sentirem tanto... o aluno chega ali, fica ali, dou-lhe mais tempo, não é? Não o obrigo a fazer tudo e vou lá e ajudo.

33- Que ação são levadas a cabo pelo Diretor de Turma? Que papel desempenha o Diretor de Turma no processo de inclusão? Eu acho que isso é muito importante. Nota-se quando eles têm um Diretor de turma que é muito presente e que os ajuda muito, corre muito melhor do que aqueles que os deixam soltos. Eles, ao princípio, não se orientam. Se não for o Diretor de Turma, eles perdem-se, pronto, não se orientam. Têm mesmo que os ajudar...os livros, primeiro que tenham os livros e os vouchers eles não percebem o que é aquilo. Na nossa escola, a grande maioria são muito bons, chamam os pais e preocupam-se.

34- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM no processo de acolhimento? Uma pessoa tem que falar, incentivar e promover trabalhos de pares, de grupos e pôr um a ajudar, ver os cadernos e explicar. Tento sempre, ponho os estrangeiros muitas vezes com aqueles alunos melhores para os ajudarem e lhes explicarem.

BLOCO E - As estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes PLNM)

35- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? Sim, às vezes, os professores fazem. Em Conselho de turma organizam uns materiais, umas coisas, umas atividades suplementares... Há professores que até fazem testes e materiais em inglês para eles perceberem no princípio. Eles, em vez de fazerem as coisas em Português, fazem em inglês, aqueles que sabem inglês... pronto, fazem tarefas mais fáceis.

36- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Tenho cuidado com o lugar da sala onde os sento, tento ajudá-los a traduzir, ...

37- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? Alguns fazem alguma flexibilização, outros não. Nem toda a gente faz, normalmente é mais a Matemática, a Língua Estrangeira e o Português, nós é que usamos os níveis de proficiência.

38- Consegue referir-me particularmente como se está a flexibilizar o currículo para os alunos migrantes de PLNМ? Nós tentamos, eu, pelo menos o que tento é aproveitar a cultura deles para enriquecer a turma e pronto... Nos trabalhos individuais que nós pedimos, eu peço sempre algo que tenha a ver com o país deles e eles falam do país, falam dos cantores, falam das pessoas famosas. Sempre que há um trabalho individual puxo por eles para dizerem mais qualquer coisa e eles gostam de transmitir aos outros, de ser uma coisa nova e acho que é enriquecedor tanto para eles como para os outros. Mas o resto do currículo é normal, não há alteração nenhuma.

39- Como reagem os alunos migrantes de PLNМ às estratégias de diferenciação pedagógica? Eles nem se apercebem que estão a ser avaliados pois nós aplicamos a vários alunos. Eu, por exemplo, quando dou uma ficha diferente, dou-lhes a eles como dou a outros portugueses que têm mais dificuldades, portanto eles acabam por não perceber. Às vezes, no final do ano, alguns apercebem-se que fizeram um teste C ou um teste B...

40- Como se comportam os alunos migrantes de PLNМ nas turmas do ensino regular de que fazem parte? Portam-se bem.

41- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? Varia muito. Uns sim, querem mesmo e esforçam-se imenso; outros não querem saber de nada. Alguns estão cá há 3ou 4 anos e mal sabem fazer uma frase. Não têm interesse nenhum.

42- E quanto às restantes disciplinas? É igual como o Português, enfim, não é muito, muito diferente. Temos desde o melhor ao pior.

43- Tem perceção de como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNМ com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Não é fácil. O que eu acho, do que eu vejo, muitas vezes deixam-nos um bocado de lado. Aliás, quando se diz que aquela turma é muito boa porque integra bem os meninos estrangeiros, tenho uma que realmente consegue, preocupa-se imenso e ajudam. Mas, é raro, é uma exceção. Normalmente, deixam-nos um pouquinho de lado. Por isso é que o papel do professor é muito importante, tentar incentivar, promover um intercâmbio maior porque como eles não falam, vêm de uma cultura diferente e não conhecem...o papel do professor é muito importante para tentar que eles se integrem. Mesmo nos intervalos, vê-se: eles, ou andam sozinhos ou andam com os outros do mesmo país.

44- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, com os seus pares? Relacionam-se apenas com outros alunos migrantes de PLNМ?

Relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? Depende dos miúdos, é assim: alguns miúdos falam com qualquer um e dão-se bem com todos os que apareçam à frente, mas há outros que não; só falam com os do próprio país. Juntam-se em grupinhos.

45- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Sim. Quando fazemos o PAPI planeamos um pouco, falamos do nível do aluno, o que é que será melhor para ele, como é que ele aprende melhor, se é a oralidade, se é a escrita.

46- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI? Não.

BLOCO F – As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM)

47- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? Isso tem a ver com o feitio de cada um. Tenho um que não fala, mas é um miúdo tão expressivo, tão engraçado...ele dá-se bem com todos e fala com todos, mesmo que não diga nada. Ele tem facilidade, porque ele próprio é extrovertido; não tem a ver com a língua. Às vezes é dos que fala pior, mas pronto, como é muito extrovertido...Eu acho que tem a ver com o feitio das crianças tal como um português que se integra bem na turma ou não. Não é o ser de outra nacionalidade, claro que dificulta um pouquinho, à partida, por causa da comunicação, mas se forem miúdos extrovertidos, mesmo que falem mal, eles lá se adaptam.

48- São motivados a intervir no decurso da aula? Sim, igual aos outros.

49- Participam de forma autónoma? Sim, há uns que gostam de pôr o dedo no ar, responder e ir ao quadro. Tem a ver com o ser extrovertido ou não, é igual. Tem a ver com o feitio de cada um.

50- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula? Ser extrovertido ajuda, ser estrangeiro não ajuda, mas, pronto, se eles forem extrovertidos mais tarde ou mais cedo acabam por se incluir. Então, se fizerem atividades extracurriculares, que é muito bom, ou outros clubes ou assim, acabam por se incluir.

51- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? Às vezes eles não entendem, logo, a língua, o vocabulário.

Nós temos que explicar com mais calma e dar-lhes mais tempo para escrever as letras, porque eles não conhecem o nosso alfabeto.

52- E fora da sala de aula? Quando não se incluem cada vez se encolhem mais e depois isto é uma bola de neve: quanto menos interação, menos aprendem, mais isolados ficam. E depois, às vezes, outros vão se incluindo, vão andando e, depois, há ali 2 ou 3... então, as meninas é pior. Ficam muito isoladas, tenho 2 ou 3 que já cá estão há 2 ou 3 anos. Elas estão completamente isoladas. Elas não falam com ninguém da turma, que é uma turma até muito boa. Elas não aprendem Português, têm muita dificuldade, são muito caladinhas, muito tímidas. **53- Demonstrem dificuldades de comunicação?** As dificuldades de comunicação existem e são um entrave à aculturação.

54- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Sim, alguns miúdos sim, eles lá se desenrascam bem. Pedem logo para traduzir para inglês ou pegam no telemóvel e a gente deixa.

55- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? Acho que é enriquecedor. Acho que é bom, claro. Não convém serem muitos. Por exemplo, numa turma que leciono quase metade da turma são estrangeiros e é muito complicado. Se forem dois ou três, é enriquecedor, é muito bom.

Comentário Final

Mais atividades de escola em que eles pudessem mostrar as suas coisas. Nós já tentámos no Dia europeu, mas depois aquilo veio o COVID. Fazer assim umas atividades que promovam mais intercâmbio de culturas.

ANEXO 10

Transcrição da entrevista - Docente 3 PLNM

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

- 1- **Qual é a sua idade?** Tenho 55 anos.
- 2- **Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura)** Licenciatura em Línguas e literaturas modernas, Português e Francês.
- 3- **Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento)** Não.
- 4- **Há quanto tempo leciona?** Há 31 anos.
- 5- **Há quanto tempo leciona neste Agrupamento?** Há 6.
- 6- **Qual o vínculo ao Agrupamento?** Sou docente do Quadro de Agrupamento.
- 7- **Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM?** A experiência é longa. Eu comecei a trabalhar com esses alunos já no ano em que houve a guerra na Síria. Houve muitos migrantes vindos lá da Síria e a nossa escola recebeu 2 alunos que não sabiam falar nada de Português. Eu é que fiquei com eles. Eu fiquei como tutora, lá na escola, e andei a fazer-lhes os testes de nível por muito tempo, porque eles não percebiam e tinha que ser muito devagarinho. Tive muita paciência, o mesmo aconteceu da parte da direção, mas correu bem. Eles gostavam da escola. A inserção na escola foi ótima e nas turmas também. O mais complicado mesmo foi a Língua. É sempre a língua, não é?
- 8- **Já fez formação especializada em PLNM?** Ainda não.
- 9- **Considerando o conjunto de docentes que leciona PLNM, costumam procurar e partilhar ofertas formativas na equipa?** Não.
- 10- **Está ou sabe se alguém está a fazer alguma formação neste momento?** Não estou. Não sei.
- 11- **Qual a vossa estratégia de formação interna?** Reunimos e cada um de nós partilha as nossas experiências; a partir daí, cada um elabora os materiais e também os partilhamos.
- 12- **Em termos de trabalho, como se organizam os docentes de PLNM? Trabalham colaborativamente?** Trabalhamos colaborativamente. Fazemos as planificações,

fazemos o cálculo das aulas que vamos lecionar... nós conseguimos trabalhar muito bem assim. E, depois, trabalhamos em conjunto na exploração dos materiais. Temos materiais que vêm das editoras, então conseguimos adaptar e ver qual é o melhor.

13- Têm, por hábito, partilhar materiais? Sim, sim, partilhamos. Quando cá cheguei já havia um dossier com muitos materiais e desde sempre partilhamos.

14- Interação com equipas de trabalho de outras escolas e/ou alguma instituição superior? Que eu tenha conhecimento, não.

BLOCO B e C - Caracterização dos grupos de alunos migrantes PLNM e a dinâmica das turmas de PLNM

15- Tem ideia de quantas turmas de PLNM estão, atualmente, em funcionamento na escola? Cinco turmas.

16- Faz ideia se existem constrangimentos na constituição de turmas de PLNM?

Eu penso que não, penso que está bem organizado, porque uma vez que temos as aulas de PLNM todas à tarde, portanto... não há constrangimentos. Nunca ouvi ninguém, nem mesmo os alunos...aderem e vão e não faltam. São excelentes.

17- Saberá dizer quais os níveis de proficiência linguística dos alunos que integram as turmas de PLNM? O A1, com vários níveis a nível interno, o A2 e o B1.

18- Sabe, em média, quantos alunos compõem cada turma de PLNM? Em média, mais ou menos, 13 ou 14.

19- Sabe quais as idades dos alunos (a maioria situa-se em que faixa etária)? A média de idades deve ser 13 anos.

20- Quais as nacionalidades que se integram nestes grupos? Indianos, os paquistaneses...na minha turma tenho também da Ucrânia, tenho da Argentina... Acho que não tenho mais. Ah, tenho também da Roménia.

21- Como é constituída a equipa de docentes que lecionam nas turmas de PLNM?

É constituída por professores de línguas, essencialmente de línguas estrangeiras. Eu também leciono em português, mas eu, quando estou a ensinar, ensino como se estivesse a ensinar uma língua estrangeira, porque para eles é estrangeiro.

22 - Sabe quais os critérios de seleção dos docentes para a leção das aulas de PLNM? Penso que é isso mesmo, o professor ter experiência já em ensinar alunos de língua estrangeira e como eles também são alunos de línguas estrangeiras, penso que seja esse o critério: ser docente de língua estrangeira.

23 - Combinam-se nessa equipa docentes com mais experiência com docentes menos experientes? Sim.

24 - Que condições são criadas para os docentes da equipa de PLNM poderem conhecer os perfis sociolinguísticos dos alunos? O que fazem? É a Coordenadora que nos passa essas informações.

25. Como fazem para diagnosticar os níveis de proficiência dos alunos? Fazendo um teste de diagnóstico de proficiência, que é composto pelo teste de compreensão oral, de compreensão escrita...na gramática, nós avaliamos na composição, portanto, na expressão escrita. A apresentação ainda não, porque eles têm a limitação da língua, não é?

26- Quantas horas semanais são lecionadas de PLNM aos alunos? Quatro horas.

27- Como se seleciona a turma em que se integram os alunos? É mesmo o nível de proficiência. Não tem nada a ver, não tem a ver com a turma. Nas turmas regulares, é muito complicado. Não sei como é que lá vão parar, mas eles têm dificuldades de integração, muitas.

28- Como se comportam os alunos nas turmas de PLNM, em termos de atitudes? Comigo é do melhor. Muito bom, muito bom mesmo.

29- Caso os alunos cheguem à escola depois do início do ano letivo, sabe quanto tempo medeia desde a matrícula do aluno à sua integração na turma? Não sei.

30- O aluno começa por um período de adaptação, em que terá só aulas de PLNM, ou integra imediatamente todas as disciplinas do currículo da turma? Integra imediatamente todas as disciplinas.

31- Numa primeira fase de inclusão dos alunos migrantes de PLNM na escola, leva-se a cabo algum tipo de atividades que promovam o estreitamento de laços entre os novos alunos migrantes e os restantes colegas de turma? Não, que eu tenha conhecimento.

BLOCO D – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

32- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? O aluno apresenta-se na aula e é indicado o que é que ele precisa trazer para a aula. Não passa muito mais que isso. Não tenho muita experiência porque os meus alunos já são de continuidade na escola.

33- Que ação são levadas a cabo pelo Diretor de Turma? Que papel desempenha o Diretor de Turma no processo de inclusão? Deveria desempenhar um papel muito importante. Daquilo que eu conheço, acho que os Diretores de Turma não se empenham muito...

34- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM no processo de acolhimento? Eu acho que o professor de PLNM consegue ajudar bastante se quiser, não só a lecionar as matérias ou a ensiná-los, portanto, eu já faço leituras, compreensão escrita com produção escrita como pronto...as aulas já são muito normais com um grau de dificuldade menor. Tento fazê-los explicar o que é que eles devem saber nas outras disciplinas, como é que têm que fazer, pedir ao professor se podem utilizar o dicionário, como é que têm que fazer em casa. Às vezes, até trago fichas e digo-lhe para pedirem aos professores se têm umas fichinhas mais simples para eles, para ver se conseguem fazer. Às vezes até acho que isto é ser um bocadinho diretora de turma do PLNM da minha turma. Eles vêm me perguntar porque se calhar estão mais à vontade.

BLOCO E - As estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes PLNM)

35- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? A diretora de turma informa-nos do aluno e das suas características. Pronto, informa-nos do que também sabe, o que, às vezes, não é muito. Entre os docentes não existem estratégias articuladas.

36- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Então, na minha sala, o que é que eu faço? Eles normalmente sentam-se na última cadeira, porque não conhecem ninguém, puxo-os para a frente e sento-os na primeira cadeira. No início, explico-lhes como é que funciona, têm que trazer o manual, que os cadernos são essenciais, o material de escrita é essencial e, depois, vou muitas vezes ao aluno perguntar se precisa de alguma coisa. Faço traduções de Português, Francês e Inglês. Tento ajudar ao máximo no que eu consigo. A meio do ano, trago umas fichinhas das primeiras matérias...tento começar pelo princípio das matérias para os ajudar.

37- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? Não.

38- Consegue referir-me particularmente como se está a flexibilizar o currículo para os alunos migrantes de PLNM? Essa flexibilização já é quando eu trago fichas e lhes começo a ensinar as bases. Passa por estar um bocadinho com eles por causa da oralidade e a adaptar materiais.

39- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica? Acho que eles reagem bem e ficam a simpatizar com o professor, porque o professor tem mais paciência para eles, porque tem vontade de os ensinar e, pronto, tem sido assim a minha forma de estar com essas crianças.

40- Como se comportam os alunos migrantes de PLNM nas turmas do ensino regular de que fazem parte? Eles portam-se muito bem.

41- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? Sim, os meus sim.

42- E quanto às restantes disciplinas? As restantes disciplinas...não é eles não terem vontade de aprender, os meus...é a dificuldade mesmo de perceber, por vezes, a matéria. De físico-química, eles têm aqueles termos que eles não conseguem traduzir para outra língua e depois ficam assim muito...às vezes é o que acontece, depois na minha aula, queixam-se um bocadinho da linguagem utilizada nessas disciplinas, dos termos mais técnicos.

43- Tem perceção de como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Não sei.

44- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, com os seus pares? Relacionam-se apenas com outros alunos migrantes de PLNM? Relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? No meu caso, na minha turma do B1, eles relacionam-se com os colegas da turma, da escola, da comunidade escolar, não têm problemas de inclusão. Os outros alunos, por aquilo que vejo lá fora, juntam-se muito, centram-se muito uns com os outros e fecham-se muito. É a sensação que eu tenho, é que eles se fecham um bocadinho. Eu quando encontro os meus lá fora, os meus alunos, estão sempre com alguém, não têm problemas nenhuns. Até uma aluna, que quase não fala, está lá, está incluída na comunidade escolar. Agora eu reconheço que sim, há muitos grupos muito fechados, especialmente os miúdos do nono ano que estão no A1.

45- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Não.

46- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI? Não.

BLOCO F – As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM)

47- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? Facilidades? Não, não da parte deles. Eles são muito introvertidos, são muito fechados. São tão fechados que não deixam, parece que não deixam...Depois, eu continuo a dizer da experiência que eu tenho com a minha turma B1, isso não acontece; mas a experiência que tenho também de outros anos e do que vou vendo nas minhas outras turmas regulares é que eles, às vezes, não estão muito abertos.

48- São motivados a intervir no decurso da aula? Sim.

49- Participam de forma autónoma? Sim, participam de forma autónoma.

50- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula? Eu acho que os nossos alunos portugueses é que são muito recetivos a quem vem de fora. Somos muito acolhedores e eu penso que aqui, na escola, também acontece isso. Os nossos é que promovem a inclusão deles. A facilidade parte dos nossos alunos, não é deles.

51- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? Penso que seja mesmo o acanhamento porque não falam muito bem a língua, têm vergonha. O constrangimento da língua.

52- E fora da sala de aula? Continua a ser a língua. Eu noto...mesmo, às vezes, no bar, as senhoras é que têm que perguntar o que é que querem. Não têm à vontade para falarem.

53- Demonstram dificuldades de comunicação? Sim, sim.

54- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Eles são muito passivos nisso. Eu, muitas vezes, dizia-lhes que podiam ver no dicionário porque eles não tinham essa iniciativa. Agora, já tomam mais essa iniciativa.

55- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? É difícil, é difícil porque estes alunos requerem muita atenção e nós temos turmas que não são propriamente pequenas, não é? Então temos

que dar atenção a todos. O que eu sinto é se vou dar muita atenção e vou ajudar os de língua estrangeira, estou a prejudicar os outros alunos, se faço ao contrário, estou a prejudicar os outros. É um dilema que eu tenho sempre.

Comentário Final

Era um ano só de Português. Os meninos que entram na escola em determinado ano deveriam ter esse ano só para aprender Português.

ANEXO 11

Transcrição da entrevista - Docente 1 CT

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1- Qual é a sua idade? 45

2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) Licenciatura em ensino da Geografia.

3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento)

Sim.

3.1. Se sim, em que área? Administração Escolar.

4- Há quanto tempo leciona? Há 22 anos.

5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento? Há 3 anos.

6- Qual o vínculo ao agrupamento? Sou Quadro de Zona Pedagógica.

7- Há quanto tempo leciona em turmas que integram alunos migrantes de PLNM? Há 6 anos.

8- Já fez formação especializada em PLNM? Não.

9- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM? É recente. Foi nesta escola que comecei a lecionar a alunos migrantes integrados nas turmas de ensino regular.

BLOCO B – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

10- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? Sou algo crítico no processo, porque os alunos são integrados em todas as disciplinas. Eu acho que eles não deveriam ser integrados em todas as disciplinas. Percebo a necessidade de ajustar o horário para que eles estejam na escola, mas acho que não deveriam ter todas as disciplinas deviam ter só as disciplinas que lhes permitissem praticar a língua e também adaptar à cultura, que é uma das grandes preocupações neste momento: eles integrem-se na cultura do nosso país.

11- Que ações são levadas a cabo pelo Diretor de Turma no sentido de promover a integração dos alunos migrantes de PLNM na turma? Isso depende muito do Diretor de Turma, embora ache que os bons diretores de turma fazem esforços incríveis para integrar esses alunos quer na turma quer na Escola.

12- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM aos alunos no processo de integração? O que chega a nós, professores, é mesmo só nas reuniões de avaliação ou nas reuniões intercalares. Aí ficamos a saber aquilo que se passa nas aulas de PLNM. Não temos outra maneira de ter feedback dessas aulas. Não há outra perceção do papel deles.

Bloco C – estratégias de inclusão

13- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? Os professores tentam acompanhar, mas estratégia articulada não existe.

14- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Se os alunos falarem inglês ou compreenderem inglês, torna-se ligeiramente mais fácil. Quando eles não falam o Inglês, é mais difícil, mas, embora hoje, a tecnologia permita que se possa comunicar com os mesmos alunos. Estou a falar, por exemplo, no caso dos alunos chineses, com o telemóvel, nós comunicamos com o tradutor automático. Nas turmas, eles normalmente tentam procurar os alunos com quem têm mais afinidade e que normalmente podem ter mais experiência na integração, ou seja, da mesma nacionalidade e aí torna-se mais fácil. Normalmente os alunos com a mesma nacionalidade agrupam-se, como todos os alunos se agrupam, e torna-se mais fácil a sua integração, apoiando-se nos colegas.

15- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? Não.

16- Consegue referir-me particularmente que estratégias utiliza para a flexibilização do currículo na sua disciplina. Sim. Não só em termos de avaliação, que a avaliação é a finalidade, mas mesmo a temática, e no caso da minha disciplina, torna-se, penso eu, ligeiramente mais fácil do que outros: tentar com que eles percebam a temática, ou seja, uma temática que não tem a ver com a nacionalidade, tem a ver com diferentes tipos de cultura e aí torna-se mais fácil. Depois vamos tentar perceber a

realidade que esse aluno tem e se aquilo que estamos a lecionar se enquadra na realidade que eles já sentiram, ou seja, através do construtivismo, se não for assim, torna-se mais difícil. No meu caso, na disciplina de Geografia, a flexibilização é facilmente conseguida.

16.1-Tem, por hábito, articular esse processo com o professor de PLNM? Não. Muitos professores de PLNM não os conheço, sem ser nas reuniões de avaliação.

17- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica? Normalmente reagem de maneira muito positiva, porque nós tentamos traduzir a realidade que lecionamos e aproximá-la da realidade que eles já sentiram ou ainda estão a sentir. Em Geografia isso não é difícil de conseguir.

18- Como se comportam os alunos nas turmas de ensino regular de que fazem parte? Depende muito do conhecimento que eles têm da língua. Inicialmente portam-se sempre muito bem, porque pronto estão num ambiente em que ainda não estão à vontade. Depois, se a temática lhes interessa, o comportamento continua. Se a temática lhes começa a ser um bocadinho longe da realidade deles, eles vão se distanciando e ficando um bocadinho alheios.

19- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? Alguns sim, outros recusam mesmo a aprendizagem da língua portuguesa. Temos aqui alunos que já estão aqui há 2 ou 3 anos e dizem que o interesse da língua portuguesa não é muito.

20- E quanto à motivação relativa aos conteúdos da disciplina que leciona? Sim...é assim, a Geografia sendo trabalhada para esses alunos, ou seja, eles podem ter os mesmos conteúdos dos outros colegas, mas são trabalhados de maneiras diferentes, com as realidades que eles já tiveram ou ainda têm. É fácil de conseguir e é fácil ter motivação.

21- Como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Eles próprios naturalmente procuram os seus pares. Eles fazem grupos por nacionalidade e por competência, às vezes, de português. Se houver uma nacionalidade isolada, também tenta incluir no grupo dos alunos estrangeiros e não dos alunos portugueses.

22- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, nomeadamente com os seus pares? Eles formam grupos, grupos mesmo. Se formos num intervalo ou numa hora de almoço, vimos perfeitamente esses grupos que estão sempre dispostos a serem alargados com a vinda de novos alunos, mas normalmente

por nacionalidade, ou seja, a tal segregação dentro da sala de aula continua fora da sala.

22.1-Caso tenha essa percepção, diria que se relacionam apenas com outros alunos migrantes de PLNM ou relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? Depende do grau em que eles estiverem no Português; se já tiverem alguma facilidade em exprimir-se ou compreender o Português começam-se a integrar, mas no princípio não, no princípio, quando chegam à escola, ao agrupamento, a realidade é diferente e eles procuram sempre a nacionalidade.

23- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Não.

24- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI? Não conheço.

Bloco D – facilidades e dificuldades de inclusão

25- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? É assim: depende do aluno. Alguns mostram-se interessados e são extremamente esforçados. Há outros, principalmente aqueles que nós dizemos que “estão em trânsito”, ou seja, que eles sabem que estão aqui, mas que a nível familiar lhes dizem que isto é só mais uma etapa, o empenho é muito fraco.

26- São motivados a intervir no decurso da aula? São. Na aula de Geografia todos têm de expor as suas ideias independentemente da nacionalidade e da língua. Da forma que eles quiserem, se conhecerem o inglês, certíssimo, senão através mesmo do tradutor, preparando-o em casa, podem fazê-lo na aula a seguir.

27- Participam de forma autónoma? Sim, se a temática lhes interessar, eles próprios arranjam maneiras de participar. Aliás, se a temática lhes interessar muito o Português deles parece que cresce um bocadinho.

28- Tem alguma percepção de como agem fora da sala de aula? Eles fora da sala de aula procuram os pares, ou seja, tentam através da nacionalidade fazer a sua inclusão, é muito mais fácil para um aluno que não domina a língua, que não domina o inglês estar com alguém que o possa ajudar do que ele próprio impor-se.

29- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? A motivação, porque a motivação tem que ser constante. Só

que nós não temos só esses alunos dentro da sala de aula. Temos um grupo de 20 ou 20 e muitos. Na avaliação, para aqueles que não se aplicam muito, temos de arranjar outras maneiras de avaliar, ou seja, a forma escrita e habitual, com que avaliamos, não se adequa de forma direta a esses alunos e depois depende muito do aluno.

30- E fora da sala de aula? Não, eles não têm. É assim, assim que eles arranjam o seu grupo, os seus pares, eles fixam-se ali e é ali que eles funcionam. Normalmente, se os professores querem chegar a determinado aluno procura-se o líder desse grupo e consegue-se chegar aos outros alunos.

31- Demonstram dificuldades de comunicação? Obviamente que no princípio sim, depois depende do interesse do aluno. Quando o aluno não está muito interessado, é muito fácil para ele dizer que não compreende e não percebe. Agora tem de haver uma motivação constante, ou seja, nós temos de lhes transmitir que eles conseguem independentemente da língua. Só o facto de falar inglês para eles é uma proximidade porque há colegas que têm dificuldade no inglês e a aproximação é muito diferente. Se eles perceberem que tu queres comunicar, queres falar com eles, já se sentem um bocadinho mais abertos à comunicação.

31.1- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Aqueles que estão em trânsito, ou que lhes é transmitido que estão em trânsito, não. E há aqui muitos alunos que lhes é transmitido que isto é só mais uma etapa e que, por exemplo, para o ano vão para a Irlanda. Aqueles que lhes é transmitido que este é o novo país, é uma nova realidade e que se vão fixar aqui, esses aí esforçam-se mais. Numa tarefa que se mande para casa, o aluno que está em trânsito normalmente não faz, diz que não percebe, aquele aluno que está interessado faz, faz na língua dele e muitas vezes passa para o inglês e aqueles que são mais aplicados ainda passam para português. Quando querem impressionar o professor, porque, às vezes, acontece, tentam explicar em português, um português com todas as dificuldades que se possa imaginar.

32- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? É uma turma que requer muito trabalho. Porque é assim: nós temos os alunos portugueses que têm um currículo, às vezes, já extenso e com bastantes dificuldades, e aqueles alunos que têm o mesmo currículo, mas tem de ser dado de maneira diferente. Aí obrigam o professor a fazer, às vezes, o dobro ou mais do trabalho em termos de estratégias, porque todos têm de fazer. Não há nada

pior do que ter um aluno estrangeiro na sala que não percebe português e não fazer nada. Aí é desmotivante para o aluno e penso que também para o professor.

Comentário Final

A ideia não é minha, é assim: falando com alguns dos nossos dirigentes, eles dizem que nós estamos a fazer um bom trabalho com a inclusão dos alunos na escola, ou seja, naquele espaço. Depois muitos dos alunos não têm inclusão na cultura, ou seja, têm a casa, têm a escola e depois há ali um grande espaço vazio em que os alunos não têm inclusão. Gostam de estar aqui e gostam de estar em casa, mas depois tem o resto do vazio que é a inclusão da cultura.

ANEXO 12

Transcrição da entrevista - Docente 2 CT

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

- 1- Qual é a sua idade? 49 anos.
- 2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) Licenciatura.
- 3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento) Não.
- 4- Há quanto tempo leciona? 28 anos
- 5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento? 28 anos
- 6- Qual o vínculo ao agrupamento? Sou do Quadro do Agrupamento.
- 7- Há quanto tempo leciona em turmas que integram alunos migrantes de PLNM? Três, quatro anos...talvez.
- 8- Já fez formação especializada em PLNM? Não.
- 9- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM? Eu, inicialmente, começo sempre a tentar ensinar individualmente. Depois, quando eu começo a ver que da parte deles não há o mesmo esforço que há da minha parte, que é um esforço muito grande, porque o meu inglês não é perfeito e eles corrigem-nos algumas vezes (já tive estas situações)...quando eu vejo que do outro lado, há um envolvimento e há um esforço tão grande quanto aquele que eu estou a fazer, eu continuo. Caso contrário, é para a turma toda e eles ouvem.

BLOCO B – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

- 10- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? Eu acho que o que se passa é: eles chegam à escola e consoante a idade que eles têm, não o percurso escolar porque muitos deles muitas vezes não trazem, o currículo, o percurso escolar e a idade, eles são colocados numa determinada turma. Julgo eu que tenham em conta alguma língua que eles peçam, algumas características, mas nem será pela língua porque eles até estão dispensados da segunda língua, portanto, poderá ser pelas opções, por existência de vaga ou não na turma...

11- Que ações são levadas a cabo pelo Diretor de Turma no sentido de promover a integração dos alunos migrantes de PLNM na turma? Eu agora vou falar como diretora de turma, portanto é aquilo que que eu acho que se faz é: procurar alguém na turma que possa tentar ajudar aqueles alunos, para os integrar um bocadinho melhor e ir tomando mais um bocadinho de atenção. Eu acho que o diretor de turma tenta tratar sempre da parte dos manuais, tenta falar, em alguns casos, com a educadora social. Eu como diretora de turma recorri à educadora social. Depois também tenta arranjar uns alunos que mostrem a escola, que os levem ao refeitório e depois chamar os pais à escola e tentar falar com os pais, no caso deles virem, que muitas vezes não vêm.

12- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM aos alunos no processo de integração? Não tenho nenhuma, nesse processo de integração, não tenho. Não tenho ideia.

Bloco C – estratégias de inclusão

13- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? Eu acho que quando os alunos chegam, o diretor de turma comunica, diz que tipo de alunos é que vamos receber e, depois, acho que mais ou menos cada um sabe aquilo que tem que fazer. Não há uma articulação.

14- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Inicialmente aquilo que eu faço é: há vários tipos de alunos e aqui acho que temos que falar em situações diferentes. Uma coisa é um aluno chegar no sétimo ano, outra coisa é um aluno que está no nono ano. No sétimo ano, há muita coisa que ainda se pode fazer, portanto o aluno chega, depende dos alunos e aqui falamos em situações diferentes...no caso de um aluno chinês que não fala nem português, nem inglês, a estratégia passa pelo telemóvel, por exemplo, ou, no quadro, o professor diz o que é que vai lecionar, o aluno vai à página, fotografa, tenta perceber e depois o professor vai lá e esclarece as dúvidas sempre a falar para o telemóvel. No caso de um aluno que fala inglês, aquilo que uma pessoa tenta fazer é tentar explicar em inglês. Corre bem quando o aluno está motivado e mostra que tem interesse. Ora a partir do momento que o aluno desliga e deixa de haver retorno da parte dele, relativamente ao esforço que o professor faz, aí, a estratégia muda um bocadinho e portanto, ele passa a ser um aluno

igual aos outros e eu falo para todos, como falo para ele. No caso dele me chamar eu vou lá e explico, mas já não vou eu diretamente falar com o aluno. Há aqui outra coisa que nós não nos podemos esquecer, é que estes alunos estão inseridos em turmas onde, por si só, os alunos falam a língua e têm imensas dificuldades e, portanto, não dá para todos. Não dá para chegar a todos, a falta de autonomia é tanta que eles não conseguem fazer quase nada sozinhos, portanto eu não posso estar sentada 10, 15 minutos só com aquele aluno, porque o outro aluno também precisa e o outro aluno também precisa e não há tempo. Não há espaço, não dá. Acontece um bocadinho isso e depois, às vezes, temos que fazer opções, pronto.

15- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? Não. Ou seja, eu acho que os professores fazem isso, mas não articulam entre si, não falam sobre isso, mas fazem. Há articulação, não vamos é dizer “olha, eu faço assim, eu faço desta maneira. Eu faço daquela”. Nós falamos sempre desses alunos e falamos do cuidado que temos que ter com esses alunos, mas não se define uma estratégia igual para todos.

16- Consegue referir-me particularmente que estratégias utiliza para a flexibilização do currículo na sua disciplina. No nono, não faço, é igual para todos, aquele é o programa que eles têm, portanto, a nível de estratégia, é muito difícil. No nono é muito difícil porque já há tantos pré-requisitos para trás que eles não têm que acaba por ser quase impossível de se tentar explicar. A nível do sétimo ano, sim. Por exemplo, quando estamos a ensinar as equações, enquanto que com os alunos portugueses trabalhamos com as equações mais complexas, com aqueles alunos é sempre num nível mais simples, pronto, tentamos simplificar o máximo possível. E quem diz nas equações diz com todos os conteúdos e é tentar simplificar sempre o máximo possível. Isso no sétimo ano e no sétimo eu acho que as coisas ainda conseguem funcionar bem. Aquilo que eu acho é que não é pelo facto destes alunos terem esta idade que têm que ir para aquele ano. Portanto, devia haver uma forma de fazer um diagnóstico de qual é o nível que aquele aluno deveria estar e ele era colocado nesse ano. Não sei como, agora da forma que está, agarram neles e colocam naquele ano, eles não conseguem porque eles não têm tudo o que está para trás.

16.1-Tem, por hábito, articular esse processo com o professor de PLNM? Não.

17- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica? Muito bem, este ano tenho dois casos de sucesso no sétimo que me deixa muito feliz. E um deles era uma aluna que estava com imensas dificuldades no primeiro

semestre. Depois, no segundo semestre, definimos ali uma estratégia, como é que ia ser a partir dali, e a professora de apoio que está na aula tem ajudado também muito. E foi uma subida enorme! Portanto, ela percebeu que os testes dela são diferentes. Ela percebeu que o dela e do outro aluno, os dois, são diferentes. Ela percebeu o que é que era pretendido dela, que é um nível muito mais baixo do que aquilo que é solicitado aos restantes colegas da turma. E esta avaliação, ela teve bom, por exemplo, agora nas intercalares e, no outro, ela tinha tirado negativa. Portanto, houve uma evolução muito grande e eles agradecem e eles reconhecem, mas isto quando realmente há um interesse grande. Agora, quando não há, é impossível.

18- Como se comportam os alunos nas turmas de ensino regular de que fazem parte? Quando são poucos, portam-se muito bem, quando são muitos, a experiência que eu tive este ano numa turma onde existem bastantes alunos, foi muito má. Havia um aluno que eu já conhecia estando sozinho, num contexto diferente, super educado, super correto, num grupo, gozão, a sensação que eu tinha quando me chamavam para tirar alguma dúvida e quando eu me deslocava a pé desses alunos para lhes explicar em inglês, é que aquele grupo literalmente gozava comigo. Era os risinhos, era os comentários na língua deles. Até que eu proibi a língua deles, pronto. E chegou uma altura em que os proibi de usar o telemóvel, porque usavam o telemóvel para traduzir e os abusos começaram a ser muito grandes, pois trocavam mensagens. Depois um chamava e o outro chamava logo a seguir para perguntar a mesma coisa, a mesma pergunta igualzinha. E o terceiro chamava para perguntar exatamente a mesma coisa. Portanto, quando são muitos, a sensação que eu tenho é que fazem ali um complô e que gozam. Eu senti mesmo isso e foi a partir daí que a minha atitude mudou.

19- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? Não parecem. Não me parecem motivados para aprender. Ou melhor, se calhar o português até estão. Não estão motivados para aprender a disciplina que estão a frequentar, ou seja, eles até podem saber o português, mas não é para aprender a disciplina. Para isso não me parece que tenham motivação.

20- E quanto à motivação relativa aos conteúdos da disciplina que leciona? Não. Numa turma que eu tenho, tenho 2 alunos que querem muito aprender e conseguem e uma que não quer saber nada daquilo e, portanto, não há uma forma de evoluir. Na outra turma há uma aluna que sim, se destaca porque isola-se do grupo não está com o grupo e tenta, tenta, tenta...tem interesse. No entanto, essa aluna é um caso pontual,

não me parece que seja generalizado. Não me parece que haja um grande interesse em aprender os conteúdos da disciplina.

21- Como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Eu acho que até muito bem. Acho que os alunos os integram... ou integram melhor os alunos que os recebem do que eles próprios. Eu acho que eles preferem estar entre pares, com os pares deles, e não tanto estar, neste caso, com os portugueses. Sim, é a perceção que eu tenho.

22- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, nomeadamente com os seus pares? Ainda é pior fora da sala. Parece-me ser consoante as nacionalidades. Os alunos que são indianos ou paquistaneses juntam-se com os do país deles quase sempre. Os chineses tentam mais relacionar-se com os colegas, com os portugueses. E, portanto, é aqui assim um misto, mas a ideia que me dá é que fora, é que eles ainda estão mais só com os seus grupos.

22.1-Caso tenha essa perceção, diria que se relacionam apenas com outros alunos migrantes de PLNM ou relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? É mais com os da língua deles, entre eles. Essa turma que tinha muitos alunos, eu tentei inicialmente separá-los e, todas as aulas, eles juntavam-se todos no fim. Eu tinha logo que os separar. Quando foi em trabalhos, quando era para fazerem trabalhos de grupo, tentei separá-los por grupos. Aí um veio me sugerir que, se calhar, era melhor ficarem todos juntos, porque falavam a mesma língua, então juntei-os todos e correu pessimamente. Não correu bem porque fizeram tudo, menos aquilo que era suposto fazer da tarefa, portanto, eu acho que eles próprios gostam de estar apenas com os do grupo deles.

23- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Eu acho que não, quer dizer, eles dão algumas sugestões; sugestões que devemos deixar usar o dicionário. Pronto, esse tipo de sugestões, agora, estratégias, estratégias? Não há muitas, quer dizer não, não se discute.

24- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI? Não faço ideia. Não sei.

Bloco D – facilidades e dificuldades de inclusão

25- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? Tentam incluir-se.

Tentam com os colegas, sim. Parece-me que sim, não se retraem.

26- São motivados a intervir no decurso da aula? São, até são, são bastante. Assim eles queiram, lá está. Eu não falo muito bem inglês e faço um esforço enorme para tentar falar com eles em inglês. Exponho-me à frente dos outros colegas da turma todos a fazer uma coisa que eu faço mal, estou a expor-me e eu não gosto de me expor a fazer uma coisa que faço mal, eu sei que faço mal. Portanto, espero que da outra parte exista exatamente a mesma coisa. Quando não há e me sinto a ser gozada, então aí, as coisas...pronto...e acho que é o que acontece um bocadinho, é isso, pelo menos comigo.

27- Participam de forma autónoma? Depende, tenho de tudo. Tenho uns que participam imenso, estão sempre a querer ir ao quadro. Numa turma minha, tenho dois que estão sempre a querer ir ao quadro, não percebem nada, um deles não percebe nada do que eu digo, mas assim que eu começo a fazer uma equação no quadro, levanta logo o dedo, quer ir ao quadro e vai e faz, pronto. E depois na outra turma tenho um ou outro que sim, que tenta, mas nem tanto.

28- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula? Penso que os colegas os incluem, portanto eles têm facilidade em serem incluídos, assim eles queiram, muitas vezes são eles que não querem.

29- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? A língua. A higiene. O facto de alguns alunos terem um cheirinho assim, às vezes, muito ativo, faz com que os colegas não queiram estar ao pé deles.

30- E fora da sala de aula? Fora da sala de aula, não me apercebo.

31- Demonstram dificuldades de comunicação? Alguns sim. Principalmente as raparigas, mais as raparigas que os rapazes. Os rapazes não têm. Eu tenho uma aluna que, por exemplo, na aula é a coisa mais tímida, não abre a boca, não diz nada, mas quando a aula acaba, dá uns sorrisos enormes, pronto, não consigo perceber porquê, mas ali retrai-se.

31.1- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Sim, e sempre com o telemóvel. Tentamos sempre andar com o telemóvel e comunicar através do telemóvel. Falamos para o telemóvel.

32- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? Difícil. É difícil porquê? Porque primeiro as turmas têm alunos já com muitas dificuldades e falam português e já têm imensas dificuldades para nos perceberem e para tentarmos chegar a eles e depois ainda temos estes alunos em que as dificuldades são acrescidas com a língua. E, portanto, às vezes a sensação que nós, e que eu tenho, é que não estou a fazer o meu papel a 100%, porque eu devia ter tempo para estar com todos e, às vezes, tenho que fazer opções. Ou estou com uns ou com outros. E sinto que às vezes, para alguns alunos eu estou só ali e não estou a fazer aquilo que eu devia fazer. É muito difícil, porque até para nós, às vezes, olhamos e pensamos: eu devia estar mais com aqueles alunos, mas não é possível e, portanto, é muito difícil.

Comentário Final

O que eu acho que devia acontecer é que, quando estes alunos chegam à escola, devia haver uma equipa que recebe estes alunos, devia ser feito um diagnóstico e eles estarem, eventualmente meio ano, a terem disciplinas práticas. Vão assistir às disciplinas práticas, insistir no Português. Depois havia uma equipa que fazia um diagnóstico das dificuldades: Onde é que estes alunos deveriam ser integrados e, aí sim, não era só consoante a idade, mas consoante aquilo que eles sabiam, que tinham evoluído, serem colocados num ano ou no outro, para o bem destes alunos, porque é mau para nós, mas é muito pior para eles. Eles sentem que estão um ano, outro ano, outro ano, sempre a repetir sempre no mesmo ano, não há evolução e para eles também não é bom pois cria desmotivação. Pronto cria para eles e depois cria para todos. Porque os outros alunos, uma pessoa também não consegue depois chegar a todos bem e, portanto, estamos sempre a trabalhar para um nível mais baixo, em vez de estar a trabalhar para um nível mais alto. Estes alunos poderiam ter tutoria, deveriam ter tutoria e os professores tutores, eventualmente também serem professores de PLNM que lhes pudessem dar um apoio diferente e ajudá-los de outra forma.

ANEXO 13

Transcrição da entrevista - Docente 3 CT

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1- Qual é a sua idade? 54

2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) Fiz uma licenciatura de 4 anos na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, seguida de 2 anos no ramo educacional, tendo tido estágio integrado.

3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento)

Não.

4- Há quanto tempo leciona? Há 30 anos.

5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento? Há 15 anos.

6- Qual o vínculo ao agrupamento? Sou professora do Quadro de agrupamento.

7- Há quanto tempo leciona em turmas que integram alunos migrantes de PLNM? Leciono, pelo menos, aí há uns há uns 6 anos.

8- Já fez formação especializada em PLNM? Não, não fiz formação especializada.

9- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM? Leciono, pelo menos, aí há uns 6 anos.

BLOCO A – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

10- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? O procedimento formal, portanto, daquilo que eu tenho conhecimento, até porque já fui representante da disciplina de português aqui nesta escola e, logo nessa altura, eu emiti aquilo que é o meu parecer relativamente a isto...sei que os alunos são integrados nas turmas consoante o nível que eles demonstram ter relativamente ao ensino de onde eles vinham. Eu logo aí discordo, sei que é a lei, sei que na escola se aplica a lei. Sei que a Direção irá ver em que nível é que eles estavam e então, independentemente de eles saberem ou não, ou dominarem ou não, saberem o mínimo de língua portuguesa ou não, eles podem, por exemplo, ser incluídos numa turma do

nono ano. É a ideia que eu tenho que eles são incluídos num determinado ano, tendo em conta o nível que eles traziam da escola de onde vinham, do país de onde vinham.

11- Que ações são levadas a cabo pelo Diretor de Turma no sentido de promover a integração dos alunos migrantes de PLNM na turma? Enquanto Diretora de Turma, eu dou muita importância ao acolher e acho muito importante, todos devem ser acolhidos com muita atenção e estes alunos, sobretudo os que aparecem sem saberem nada do português e que vieram há pouco tempo doutro país, eu penso que devem ter um acolhimento ainda com mais cuidado. Lembro-me do caso concreto que tenho na direção turma. Como diretora de turma estava a receber a turma e ela não sabia nada de português e até se perdeu na escola porque não sabia bem a sala, então apareceu-me a chorar. Eu acho que eu a acolhi de uma forma especial. Tentei que ela sentisse que estava a ser bem acolhida e que ia ter o apoio quer da Diretora de turma quer de todos os alunos da turma. Tenho a certeza que isso a tranquilizou naquele momento, portanto, eu acho que é muito importante o acolhimento que se faz a estes alunos. Eles sentem, sobretudo aqueles que não sabem nada do português, uma barreira tão grande porque não conseguem dizer nada em português e, às vezes, alguns mal sabem o inglês, então o francês nem se fala, e, às vezes, é muito difícil comunicar com eles. Então, considero que o acolhimento é essencial e, depois, a seguir, vem a inclusão, como é lógico.

12- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM aos alunos no processo de integração? Considero que é muito importante. Uma vez, vi uma colega que ajudou a fazer o percurso pela escola e ajudou a fazer a tradução a um aluno daquilo que estava a ser explicado. Ela ajudou recorrendo à língua inglesa, ela deu essa ajuda para se estabelecer o contacto, para ele perceber e para se inteirar do funcionamento da escola. Eles ajudam nessa parte da tradução. E, depois, tem todo o outro aspeto do ensinar a língua portuguesa da melhor forma para ver se a aprendizagem é o mais rápido possível.

Bloco C – estratégias de inclusão

13- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? Quando há reuniões, nós articulamos as estratégias e há várias coisas que articulamos. Por exemplo, se há um aluno que não sabe nada do português, nós

articulamos, em Conselho de turma, que, primeiro, tentamos traduzir para inglês, sobretudo se é a língua que eles dominam ou reconhecem mais. Tentamos articular que é importante chegar ao aluno de outra forma, ou então permitir que eles usem algumas estratégias, sobretudo pensando na parte da informática, utilizando os tradutores ou utilizando aquilo a que eles podem recorrer para traduzirem, para perceberem, numa fase inicial. Depois, também vamos articulando à medida que eles vão aprendendo mais o português. Aí já vamos depois também combinar algumas coisas, outras coisas diferentes.

14- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Na minha disciplina eu tenho esta situação: eles estão na minha aula, mas eu não sou professora deles de PLNM. Então, aí, muitas vezes, dou-lhes fichas ou que me são encaminhadas pelo professor de PLNM ou que eu, às vezes, arranjo. Eu também estou sempre a tentar motivá-los para eles irem praticando aquilo que eles vão fazendo na aula de PLNM. Tento sempre pedir ajuda aos colegas para traduzirem ou também para os ajudarem, para haver ali um aspeto de interajuda. Quando eu estou nas minhas aulas de português, eu tento sempre ver se eles estão a desenvolver alguma tarefa, eu nunca me esqueço que eles estão lá, apesar de eu não ser a professora de PLNM. Quando eu circulo pela sala e estou a ver o trabalho que os outros estão a efetuar, também vou sempre junto a eles e tento motivá-los. Tento ajudá-los naquilo que eles estão a fazer. Tento perceber o que é que eles estão a fazer e tento sempre, como faço com todos, recorrer ao estímulo positivo para os motivar, para que eles não desanimem ou desencorajem. Para ultrapassarem as dificuldades que têm. Às vezes também vou junto a eles, enquanto os outros estão a trabalhar, leio pequenas frases que eles já conseguem construir e ponho-os a ler; vou esclarecendo dúvidas e faço com eles um pequeno trabalho de pesquisa, recorrendo ao tradutor. Isso também os ajuda.

15- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? Sim, nós discutimos isso, tentamos articular nas diversas disciplinas. Discutimos de uma forma geral e depois pedimos a opinião dos colegas das diversas disciplinas que vão dizendo aquilo que fazem. Alguns não concordam muito que se recorra ao inglês. Aí noto que há uma divergência, acham que devia de ser sobretudo na língua portuguesa.

16- Consegue referir-me particularmente que estratégias utiliza para a flexibilização do currículo na sua disciplina. O que eu faço é disponibilizar fichas de

língua portuguesa não materna e é ajudá-los na tradução, quando não é possível entenderem. Agora, também devo dizer que nem sempre consigo quer para eles, quer para outras situações, ter o tempo que seria necessário para estar junto a esses alunos e fazer o que eles precisavam.

16.1-Tem, por hábito, articular esse processo com o professor de PLNM? Sim, tenho e, se calhar, ainda com mais cuidado agora no nono ano, porque eles vão fazer exame de língua portuguesa no final do ano. O próprio colega do PLNM também articula comigo, vai falando comigo e explicando o nível em que eles estão. Fala-me também dos progressos que eles vão tendo e eu tento também saber quem é que está a precisar de mais ajuda, quem é que está a precisar de mais motivação.

17- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica? Eles aceitam bem. Eu noto que eles reagem bem. Pronto, eu agora estou a falar dos que tenho este ano no nono ano, mas reagem bem, porque eles querem aprender, bem a maioria. Não são todos. A maioria até quer aprender. Eles reagem bem, porque eu noto que eles até fazem um esforço para falar português; a maioria sim, porque também não são todos, mas a maioria faz esse esforço.

18- Como se comportam os alunos nas turmas de ensino regular de que fazem parte? De uma forma geral, eles até se portam bem. Às vezes, há situações pontuais em que eles tendem a formar um grupo à parte. Mas aí também cabe quer ao diretor de turma, quer ao Conselho de turma, integrá-los e explicar-lhes que eles, por serem alunos de PLNM não devem ficar num grupo como se fosse um grupo à parte. Eles devem mesmo estar incluídos na turma e muitas vezes devem ser separados, não devem estar sentados lado a lado. Às vezes, isso pode facilitar o trabalho, mas nem sempre é útil, porque se isso acontecer, eles, às vezes, formam uma espécie de um bloco que até os pode impedir de evoluir. Às vezes ficam ali muito naquele sentido de se apoiarem uns aos outros, porque eles percebem mais a língua dele, mas isso depois também é um impeditivo para que eles evoluam na aprendizagem da língua portuguesa. Eu tento que isso não aconteça.

19- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? A maioria, mas alguns não.

20- E quanto à motivação relativa aos conteúdos da disciplina que leciona? Aqueles alunos que querem continuar a estudar, sim, os que querem muito ir para o secundário e que sabem que vão ficar no nosso país. Eu noto que, sobretudo esses, fazem um esforço grande para aprender e querem aprender o português e alguns até

aprendem rápido. Os outros não se motivam, sobretudo, porque os interesses deles também estão muito limitados porque, às vezes, eu penso que eles pensam que estão aqui de passagem. Eu noto isso em relação a alguns; para alguns pode ser um país de passagem. Esses pensam mais no Inglês, esses aí não estão motivados para o português porque acham que o português não vai ser muito útil para a vida futura. Pensam sobretudo no inglês, porque eles também estão com a ideia de que estão aqui de passagem e que vão para outro país onde não vão precisar do português.

21- Como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Isso também depende da turma e depende do trabalho que se faz com a turma. Eu dou muita importância a toda a inclusão, seja ela dos alunos que forem e eu, aí, tento sempre transmitir a ideia aos meus alunos de que é muito importante nós ajudarmos qualquer colega que precise de ajuda. Sobretudo estes do PLNM quando não falam português sequer. Eu transmito aos meus alunos que é muito importante nós ajudarmos a os alunos de PLNM até porque faz com que eles reflitam acerca da questão do posicionamento de estar no outro e coloco-os sempre a pensar e a refletir acerca do que é que eles iriam sentir se, de repente, por algum motivo, eles tivessem que ir para um país cuja língua fosse desconhecida. O que é que eles iriam sentir? E aí, eu passo para eles esta noção de que o acolhimento e a inclusão são muito importantes. Eu gosto muito de ver os meus alunos envolvidos nesta função que eu acho que é uma função essencial do ser humano. De uma maneira geral eu posso dizer que têm tido reações muito positivas e vejo os alunos motivados a ajudar os outros e isso deixa-me feliz. Lógico que nem tudo corre bem. Lógico, isto não é com todos, mas de uma maneira geral eu vejo que eles têm este cuidado.

22- Qual a percepção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, nomeadamente com os seus pares? Há de tudo. Estas turmas que são mais unidas e que interagem mais, isso também se vê lá fora. Não é só na sala de aula, mas, depois, temos exceções, temos grupos e isso acontece.

22.1-Caso tenha essa percepção, diria que se relacionam apenas com outros alunos migrantes de PLNM ou relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? Eu penso que com o aumento do número de alunos migrantes de PLNM, por vezes, vê-se que eles próprios por uma questão, talvez de defesa, se juntam aí fora e andam em grupos só deles. O que é que acontece? Falam muito só na língua deles, agora, se eles estiverem numa turma em que se sintam incluídos e bem

acolhidos, eles também se juntam lá fora. Depois também tem a ver com os anos e tem a ver com as turmas. É muito variado.

23- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Eu sinto que se promovem estratégias, não posso assegurar que seja com todos, nem todas as turmas da mesma forma, mas sim sinto que se promovem. Acho que, atualmente, até há um maior cuidado, porque também tem a ver com o aumento do número de alunos de PLNM e penso que, cada vez mais, vejo uma articulação entre os professores de PLNM e os outros. Penso que sim. Eu penso que poderá ser de carácter mais informal. Penso que se faz sobretudo aquando das reuniões no dia a dia. Penso que se faz mais diretamente com o professor de português. Com as outras disciplinas não noto.

24- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI? Atualmente, penso que começa a haver, mas noto mais com os alunos de necessidades educativas especiais do que propriamente com estes.

Bloco D – facilidades e dificuldades de inclusão

25- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? Falando concretamente da minha turma do nono ano, eu noto que eles mostram facilidade no sentido de quererem ser ajudados, sobretudo porque eles têm em mente que têm o exame de PLNM. Aí eles ouvem-nos, escutam as nossas orientações e até procuram ajuda. Os que estão mais interessados, lógico! Mas, são alunos que de uma forma geral acatam aquilo que nós dizemos, acatam as nossas orientações e que procuram, de uma forma geral, ajuda.

26- São motivados a intervir no decurso da aula? No meu caso concreto, sim, penso que sim, de forma geral.

27- Participam de forma autónoma? Alguns sim, outros... depois também tem a ver com os feitios, alguns são mais tímidos. Isso acontece com tudo.

29- Tem alguma perceção de como agem fora da sala de aula? Sim. Sinto que eles se incluem, mas, por exemplo, às vezes, têm dificuldade, porque não se conseguem fazer entender.

29- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? A mais importante, que é a maior de todas, é a língua. Eu sinto

que é muito difícil nós termos alunos nas turmas de nono ano que não sabem praticamente falar português. Porque é que eles são incluídos no nono ano sem praticamente falarem português e terem o exame no final do ano? Eu acho que isso limita muito os alunos e acho que isso não devia de acontecer. Sei que é a lei, sei que a escola aplica a lei, já tive a oportunidade de dizer e sempre defendi uma coisa que seria nós termos um ano zero, o sistema educativo em Portugal. Eu para mim, essa é a maior dificuldade: eles aparecerem numa turma do nono ano sem saberem nada, nada de português, eu digo nono ano porque é o final do terceiro ciclo, assim como também digo o mesmo para o sexto ano em que apareça um aluno que não saiba nada de português, porque é o final do segundo ciclo. Acho muito difícil.

30- E fora da sala de aula? Eu vejo muito o espírito de entreaajuda fora da sala dos outros colegas relativamente a eles e da própria comunidade educativa, quer dos professores, quer dos auxiliares. Eu acho que isso ajuda bastante.

31- Demonstram dificuldades de comunicação? Exato.

31.1- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Andam sempre a traduzir no telemóvel. Eles comunicam muito pelo telemóvel ou então há uns que são mais desenrascados, que arranjam alguém que traduz e que venha ter com eles e que ajude.

32- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? Isto é um desafio, é um desafio para todos. É um desafio, em primeiro lugar, para eles, porque perante esta mudança tão radical para a vida deles, logicamente que é um desafio para eles. É um desafio para nós que os acolhemos. É um desafio para a diretora de turma que sente que tem a tarefa mais dificultada porque tem que desenvolver um trabalho mais premente, um trabalho mais desafiador, mais difícil, mais exigente junto da sua turma. É um desafio para todos.

Comentário Final

Eu sempre defendi e continuo a dizer que eu acho que estes alunos, quando chegam a Portugal, deviam ter um ano em que estivessem a desenvolver um trabalho intensivo de aprendizagem do português. Sempre pensei isso e continuo a pensar...é a minha ideia. Porque eu acho que, sobretudo estes alunos que vêm para o nono ano, podem ficar ali numa situação muito limitadora e alguns podem desmotivar. É verdade que temos alunos que têm capacidades e conseguem aprender e superar as suas dificuldades.

ANEXO 14

Transcrição da entrevista - Docente 4 CT

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1- Qual é a sua idade? 54

2- Qual a sua formação académica inicial? (Bacharelato/licenciatura) Licenciatura em Português e Línguas modernas.

3- Tem alguma formação especializada? (Pós-graduação/mestrado/doutoramento)

Não.

4- Há quanto tempo leciona? 32 anos

5- Há quanto tempo leciona neste agrupamento? Há 12.

6- Qual o vínculo ao agrupamento? Sou efetiva, do quadro de escola.

7- Há quanto tempo leciona em turmas que integram alunos migrantes de PLNM? Talvez há 10.

8- Já fez formação especializada em PLNM? Não.

9- Qual a experiência que tem no ensino de alunos de PLNM? Já tive, antes da constituição de turmas, mais propriamente dita, mas estava com alunos na biblioteca, em grupos de 2 ou 3, a ensinar-lhes Português, nesta escola.

BLOCO B – Processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de Ensino Regular do 2.º e 3.º CEB

10- Como acontece a integração processual dos alunos migrantes de PLNM numa turma? Formalmente, são incluídos na turma, tendo em conta as aprendizagens que trazem de trás e a idade, é a ideia que eu tenho. E é-lhes aplicado um teste de proficiência para ver o nível que trazem do português. Aparece no PAPI a aplicação do teste diagnóstico e depois a professora que aplicou diz a data para o DT pôr.

11- Que ações são levadas a cabo pelo Diretor de Turma no sentido de promover a integração dos alunos migrantes de PLNM na turma? O Diretor de Turma, eu falo por mim, não faz distinção entre os alunos de PLNM e os outros, chegando mesmo, se necessário, a falar com eles ou a tentar comunicar com eles em inglês, para que as

informações que são dadas aos outros sejam também percebidas por eles no caso deles não falarem português. Geralmente é o que acontece. No caso das visitas de estudo são igualmente convidados a participar, por exemplo. Por isso, acho que é um aluno como outro qualquer com a diferença que não percebe a língua.

12- Que perceção tem do papel que desempenha o professor que leciona PLNM aos alunos no processo de integração? Eu acho que devia ser mais transversal; que é que eu quero dizer com isto: independentemente de ajudar na compreensão do Português e nas regras, eu sei que Português é complexo para aprender, não seria mau de todo se juntamente com o PLNM estivesse um professor, por exemplo, da área de Ciências que ajudasse o aluno a contactar com termos que um professor de PLNM poderá não estar à vontade para ensinar. No outro dia, houve uma aluna que me pediu, que me colocou dúvidas, em Geografia. Eu para lhe dizer aqueles nomes em Geografia... Eu até domino o Inglês numa conversação informal, mas não termos técnicos. Portanto, eu não soube dizer...estava a apontar-me para o livro...que era aquilo? Eu não soube dizer em Inglês o que equivalia aquela noção. Portanto, independentemente de ajudar o Português nas regras, na construção de frases, seria útil ser um trabalho mais a dois, eu acho.

Bloco C – estratégias de inclusão

13- Quando um aluno chega, independentemente da altura do ano letivo, existem estratégias articuladas entre os docentes do CT que visem a inclusão dos alunos na turma? Estratégias articuladas? Há o PAPI em que cada professor escolhe as estratégias que vai aplicar. Eu não falaria em articulação porque se fosse articulação, seriam as mesmas para todos e não são. Há um professor que seleciona “utilização do dicionário”, há outro que diz “ah, não. Eu Não preciso. Eu vou pôr fichas de trabalho”. Acho que cada um utiliza a estratégia que acha mais útil para a sua disciplina. Portanto, eu não falaria em articulação. O objetivo comum de todos é ajudar o aluno a fazê-lo progredir, mas daí a haver articulação, haver uma base comum... Isto é a minha perspectiva; senão teria que ser algo mais comum, vamos todos permitir um o uso do dicionário. Vamos todos dar fichas, metade português e metade em inglês...

14- Caso não se articulem estratégias entre os docentes do CT, que tipo de estratégias utiliza para promover a inclusão dos alunos em sala de aula? Não os ponho de parte, lá está. Eu distribuo uma ficha em especial para os B1, para mim só faz

sentido para os mais avançados, eu distribuo uma ficha...ainda agora no nono ano dei-lhes a ficha formativa dos Lusíadas, distribuí aos meninos de nono ano e eles fizeram aquilo que conseguiam. Vamos ao teatro ver o Auto da Barca do Inferno e os meninos foram convidados a ir. A menina chinesa foi. O que ela percebeu em termos de linguagem não terá sido muito, mas percebeu a dramatização em si. Penso eu. Portanto, é fazê-los sentir, não são mais um ali, fazem parte do todo. Eles são convidados a participar nas bancas como alunos finalistas que são, não é? E acho que isso os faz sentir incluídos como parte de um todo. Portanto, eu não faço estratégias diferentes em termos de atividades para uns e para outros. Tenho é que perceber que uns só conseguem ir, nomeadamente na ficha dos Lusíadas, até determinado ponto, mas nenhuma ficha vem em branco. Eles tentaram.

15- O Conselho de Turma promove a flexibilização do currículo? É uma medida concertada por todos os membros do Conselho de Turma? Há adaptação de testes. Eu tenho essa noção. Por exemplo, a professora, com quem ultimamente eu falei disso foi a professora de Ciências. Ela faz testes mais de ligar, de procurar até o conceito para encaixar em determinado espaço. Não é que retire os conteúdos apresenta-os de modo diferente em que não seja preciso, lá esta, tanta escrita. Mas, sim, eu tenho ideia que sim.

16- Consegue referir-me particularmente que estratégias utiliza para a flexibilização do currículo na sua disciplina. Eu, como eles não são avaliados comigo, as fichas que eu aplico aos outros, eu dou a eles. Como eu disse há pouco, sabendo sempre que eles só conseguirão determinado patamar, mas o que conseguem para mim já é uma vitória, porque estão a fazer ao mesmo nível dos outros. Podem não fazer tanto, mas o que fazem é ao mesmo nível. É assim: perceberam a análise externa de uma estância, têm que me dizer estes conceitos, e alguns conseguem.

16.1-Tem, por hábito, articular esse processo com o professor de PLNM? Não, não tenho.

17- Como reagem os alunos migrantes de PLNM às estratégias de diferenciação pedagógica? Acho que são reconhecidos por as terem. Eu penso que percebem que é para o bem deles, não é uma diferenciação negativa, mas que é para o bem deles para conseguirem progredir. Na minha, quando eu dou as tais fichas, por exemplo da obra Os Lusíadas, quando eu dou as tais fichas, eles sentem-se, entre aspas, importantes, porque eu estou-lhes a dar uma ficha igual aos outros. Eu vejo na postura deles um

certo orgulho. Eu tenho uma ficha, vou conseguir fazer o que eu conseguir, mas hei de conseguir alguma coisa.

18- Como se comportam os alunos nas turmas de ensino regular de que fazem parte? Falo pela minha experiência, mais uma vez, excelentemente. Não tenho a mínima razão de queixa em termos de comportamento de nenhum deles.

19- Os alunos parecem estar motivados para aprenderem Português? Uns mais que outros. Há um aluno numa turma que leciono que estar ali a ouvir o que eu estou a dizer ou não lhe é completamente indiferente. É de origem paquistanesa, acho eu. Há uma menina, também de origem paquistanesa, na mesma turma, que é o oposto. Quer saber, pergunta-me, traz textos para eu corrigir. Mas a exceção no interesse, a exceção é não estarem interessados porque a maior parte está motivada para aprender e quer aprender.

20- E quanto à motivação relativa aos conteúdos da disciplina que leciona? Motivados, interessados, a ouvirem atentamente. Colocam dúvidas.

21- Como se processa a inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus colegas de turma dentro da sala de aula? Nunca aconteceu comigo...Eu não teria essa perceção se não me tivessem contado, mas aqui há tempos, numa aula de história, houve uma situação de preconceito em que duas alunas portuguesas se recusaram a fazer grupo, a trabalhar em conjunto, com duas alunas, uma de origem Indiana, a outra de origem paquistanesa. A professora ralhou com elas, comunicou-me a atitude delas, eu comuniquei aos encarregados de educação que lamentaram, porque não é essa a educação que dão aos filhos, etc, etc. Mas o que é certo é que aconteceu. Também tendo em conta a menina portuguesa, com quem aconteceu isso, não me surpreendo; com os outros, não noto nada disso, eles trabalham bem e ajudam-nos.

22- Qual a perceção que tem da inclusão dos alunos fora da sala de aula, nomeadamente com os seus pares? Aí não tenho uma ideia tão positiva. Porque fora da sala de aula, eu vejo-os muito reunidos com outros meninos do mesmo país, chegando a estar aos grupos de 10 e 12. Não estão propriamente com o grupo turma cá fora, mas estão com meninos da sua nacionalidade. Mas, eu acho que é por uma necessidade também de encontrarem ali um reflexo de si próprios, não é por se darem mal, porque senão tal acontecia aa nível da sala, não é? É essa de encontrarem o seu semelhante, mas na sala de aula não tenho essa perceção. No exterior vejo-os muito mais juntos.

22.1-Caso tenha essa percepção, diria que se relacionam apenas com outros alunos migrantes de PLNM ou relacionam-se com outros alunos de outras nacionalidades? Eles juntam-se mais por nacionalidades, os meninos indianos e paquistaneses fazem um grande grupo cá fora. Daí que eu acho que tentem encontrar um reflexo de si próprios... da língua, não sei... em especial quando eles são recém-chegados. Noto muito isso porque, obviamente, procurando o seu semelhante a barreira da língua é inexistente.

23- Existe articulação de estratégias de inclusão e de trabalho entre os professores de PLNM e os restantes professores? Não. Que eu tenha conhecimento, não. Cada um faz o seu trabalho. Ainda agora falei com um dos professores de PLNM que me disse, e que não está errada de todo, que a preocupação dela é dar os conteúdos do A1 e alguns do A2, de modo a preparar os alunos, e estou a falar de PLNM no nono ano, para o exame. Visto que o exame é difícil.

24- Existe articulação entre os professores de PLNM e a equipa EMAEI? Não tenho conhecimento que exista.

Bloco D – facilidades e dificuldades de inclusão

25- Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula com o professor e os colegas? De início são mais reservados, não colocando as dúvidas que devem colocar, mas penso que essa situação vai sendo ultrapassada com o tempo. Não se sentem menos à vontade para colocarem as dúvidas que têm é a percepção que eu tenho.

26- São motivados a intervir no decurso da aula? São, nomeadamente, por exemplo, na leitura, quando eu faço leitura de texto e faço por fila para nenhum me escapar, como eu costumo dizer, chega a vez daquele menino e lendo muito bem ou assim assim, ele lê como os outros e não se recusa sabendo que tem as suas dificuldades, mas também estamos lá para treinar e ajudar.

27- Participam de forma autónoma? Sim, participam de forma autónoma, uns mais que outros, mas participam.

28- Tem alguma percepção de como agem fora da sala de aula? Também depende do timing mais uma vez; a minha percepção com as turmas de nono ano, é fácil incluírem-se no início se houver colegas que estejam dispostos a falar com eles em inglês. Eu

agora já os vejo falar em português com os colegas. Portanto, acho que depende do timing de chegada.

29- Que dificuldades são percecionadas por parte dos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? É a barreira da língua, eu acho que essa é a principal dificuldade. Não tem a ver com o relacionamento com os professores, nem com os colegas. É mesmo a barreira da língua, daí a importância de haver aquele momento, aquela aula de PLNM, que seria mais proveitosa se fosse noutros moldes. Se juntasse dois professores de áreas distintas.

30- E fora da sala de aula? Mais uma vez a língua, eu sei que tive que ir com uma menina da minha direção de turma à Secretaria, ela chegou em maio do ano passado, é Indiana...porque na Secretaria não percebiam o que ela queria dizer e eu fui ajudar no processo de tradução. Ao fim e ao cabo foi o que eu fui fazer. Portanto acho que é a língua. No início, acho que a língua é a grande barreira. Não é o não querer ajudar. Eu vi boa vontade nas senhoras da Secretaria. Mesmo quando falam com um professor, não é o professor não querer ajudar ou querer desvalorizar determinada situação, é eles quererem explicar-se e conseguirem ser entendidos, porque nem todos os colegas percebem inglês e mais, nem todos os alunos também falam inglês, como é o caso da menina chinesa, que este ano chegou ao nono. Ela para comunicar comigo, fala para o telemóvel, na língua dela, e depois mostra em português o que acabou de dizer. Eu falo para o telemóvel em português e ela depois lê na língua dela o que eu acabei de dizer. Portanto, isso é uma barreira ao fim e ao cabo, e é ultrapassada graças às tecnologias, mas não deixa de ser uma barreira.

31- Demonstram dificuldades de comunicação? Sim.

31.1- Adotam, eles mesmos, estratégias no sentido de ultrapassarem essas dificuldades? Por exemplo, essa do telemóvel que eu nunca tinha visto nem sabia que existia, é uma estratégia para ultrapassar essa dificuldade. Às vezes o gesto também é importante, não é? Eu própria, como eu já disse, eu até consigo falar inglês, mas se me falha uma palavra para explicar, encontrar um sinónimo naquele momento, há um gesto, há um desenho. Já cheguei a desenhar no caderno o nome de algo que eu queria dizer e não me lembrava. Por isso, arranjam sempre outras estratégias.

32- Como tem sido a experiência de trabalho numa turma heterogénea com crianças migrantes de PLNM? Ou eu tive muita sorte ou é uma exceção ou é mesmo assim, mas comigo tem sido positivo porque eu tenho dois nonos, os dois têm PLNM e

não considero que ter lá aqueles alunos de algum modo desvalorize a turma ou a torne menos boa que qualquer outra. É uma turma como outra qualquer, portanto gosto.

Comentário Final

Aquela sugestão que eu disse, eu sei que estou a ser um bocado chata e repetitiva que é por, tal como agora há assessoria de PLNM, que seria mais proveitoso se o futuro assessor fosse da área de ciências, por exemplo, para explicar a raiz quadrada. Como é que se diz raiz quadrada em inglês? Eu não faço ideia. Como é que se diz corola em inglês, não faço ideia. Portanto, eu acho que nessa parte, então aí o ensino seria não só de português, certo? É importantíssimo, mas um aluno tem um trabalho de casa sobre as partes constituintes da flor, dizia ao Professor de Ciências que estivesse na assessoria “Eu tenho este trabalho, não sei fazer” e o professor iria explicar, até podia ser pelo desenho as partes constituintes. Portanto, uma pessoa mais vocacionada para essa área das ciências que eu acho que, às vezes, como disse, passei por essa situação, e eu não consegui explicar pois é algo que foge completamente da minha área. Eu não sabia dizer cabo, nem baía, nem enseada em inglês. Não sei, não sei dizer, são palavras muito específicas e tive uma certa dificuldade em explicar quando essa menina abriu o livro de Geografia e me pediu para explicar o que era aquilo. E eu tive dificuldade. Pensei, faltava aqui um professor de uma área mais específica. É a sugestão que eu tenho.

ANEXO 15

Transcrição da entrevista – Aluno Migrante 1 PLNM (Traduzido com a versão gratuita do tradutor - DeepL.com)

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1. Qual é a tua idade? 16
2. Onde é que nasceste? Na África do Sul.
3. Em que país(es) viveste? Apenas na África do Sul.
4. Qual foi a primeira língua que falaste quando eras criança? Inglês.
5. Em que ano estás? Nono ano.
6. Há quanto tempo estás em Portugal? Há quase quatro anos.
7. Há quanto tempo frequentas uma escola portuguesa? Quatro anos.

Bloco B – O processo de acolhimento

8. Como é que os alunos migrantes (PNNL) são recebidos na sala de aula pelos seus professores? Os professores são ótimos. Mas às vezes, quando falamos inglês, olham para nós porque falamos um pouco depressa demais. Quando eu estava no sexto ano, os professores não falavam em inglês, falavam comigo em português. Usavam o tradutor.

9. O Diretor de Turma adopta algum procedimento especial para facilitar a inclusão na turma? E na escola? Se sim, podes dizer-nos como é que isso aconteceu? Acho que ela não faz nada de diferente. Provavelmente só diz aos outros alunos para fazerem amizade com os alunos migrantes. Acho que ela não faz nada de diferente.

10. Como é que os alunos migrantes (PNNL) são recebidos pelos outros alunos (os que falam uma língua diferente da sua)? A turma recebe-os bem? No sexto ano, quando cheguei, não tinha amigos na primeira semana, mas depois comecei a ter amigos porque algumas pessoas da minha turma falavam inglês. Na primeira semana senti-me só, mas depois comecei a falar e a fazer amigos.

11. O que é que te aconteceu? O que é que eles fizeram para te ajudar a ser incluído na turma? Na primeira semana senti-me só, mas depois comecei a falar e a fazer amigos. Eles vieram ter comigo e eu também vim ter com os outros alunos para tentar fazer amigos.

Bloco C – O papel dos alunos migrantes no processo de inclusão

12. Qual a facilidade com que os alunos migrantes (PNNL) consideram o processo de inclusão na sala de aula? Bem, para mim foi o mesmo que estar na África do Sul, foi bastante normal, apenas o problema da língua... foi só isso. Para os outros provavelmente não é fácil porque não sabem a língua, como a aluna chinesa que temos. Ela só sabe chinês e um pouco de inglês. Provavelmente é muito difícil para ela.

13. Estão motivados para intervir durante a aula? Em Ciências, o professor pede. Acho que todos os professores pedem.

14. Participam de forma autónoma? Não, acho que não. Só quando os professores pedem.

15. Como é que se passou contigo na sala de aula? Habituei-me. Como a minha mãe me disse no início, vai ser estranho, mas depois habituas-te e torna-se fácil.

16. E como é que os alunos migrantes (PNNL) se comportam fora da sala de aula? Os indianos, eles andam com os amigos deles, outros alunos indianos, não com os portugueses. É uma espécie de separação dos outros. Têm os seus próprios grupos e não se dão com os amigos portugueses. Se calhar têm medo do que os portugueses pensam deles... pode ser que não saibam a língua.

17. Que dificuldades sentiste na sala de aula? Achas que outros estudantes migrantes (PNNL) também sentem as mesmas dificuldades? A língua. Sim, acho que sim. Fazem um esforço para aprender a língua porque têm de o fazer (mesmo que não gostem ou não), mas fazer amigos acho que não. O problema não é só a língua, tem a ver com eles.

18. E fora da sala de aula? Que dificuldades existem no recreio? Eu ando com os meus amigos portugueses, mas os indianos e os paquistaneses fazem grupos e separam-se dos outros. Sentem-se mais à vontade com eles. É claro que quando se vai para uma escola nova não se fazem amigos instantaneamente.

19. Existem algumas dificuldades de comunicação? Os alunos migrantes estão a aprender português, apenas os chineses precisam de aprender mais. Quando comunicam em português, eu percebo o que dizem. Eles sabem o básico.

20. O que é que fazem para ultrapassar essas dificuldades? Não me parece que as ultrapassem. O único problema é a chinesa, que é tímida.

21. Consegues lembrar-te de alguma situação que possas contar-nos? Não me lembro de nenhuma.

Comentário

No que diz respeito aos testes, são apenas em português, deviam ter português e inglês para podermos escolher. Os professores dizem-nos para usar o tradutor, mas eu acho que o tradutor não ajuda muito, porque às vezes perdemos palavras mais adequadas. Esta é a minha sugestão.

Entrevista original

Theme A – Interviewee personal data

- 1. How old are you?** 16
- 2. Where were you born?** South Africa.
- 3. What country(ies) have you lived in?** Just South Africa.
- 4. What was the first language you spoke as a child?** English.
- 5. What grade are you in?** Ninth grade.
- 6. How long have you been in Portugal?** Almost four years.
- 7. How long have you been attending a Portuguese school?** Four years.

Theme B – The welcoming process

8. How are migrant students (PNNL) received in class by their teachers? The teachers are fine. But sometimes when we speak English they look at us because we speak a bit too fast. When I was at sixth grade the teachers didn't speak in English they spoke to me in Portuguese. They used the translator.

9. Does the Class Director adopt any special procedures to facilitate inclusion into the class? And at school? If so, can you tell us how it happened? I think she doesn't

do anything different. She probably just say to the other students to make friends with the migrant students. I don't think she does anything different.

10. How are migrant students (PNNL) received by other students (those who speak a language other than your own)? Does the class welcome you? In grade six when I first came I had no friends for the first week but then I started having friends because some of the people in my class spoke English. The first week I was lonely but then I started talking and making friends.

11. What happened to you? What did they do to help you being included into the class?

The first week I was lonely but then I started talking and gaining friends. They came to me and I also came to the other students trying to make friends.

Theme C - The role of migrant students in the inclusion process

12. How easy do migrant students (PNNL) find the process of inclusion in the classroom? Well for me it was the same as being in South Africa, it was quite normal, just the language problem...that was all. For the others probably it's not easy because they don't know the language like the Chinese student we have. She just knows Chinese and a little bit of English. It's probably a lot for her.

13. Are they motivated to intervene during the lesson? In Science the teacher does ask. I think all the teachers ask.

14. Do they participate autonomously? No, I don't think so. Only when the teachers ask.

15. How did it happen for you in the classroom? I did get used to it. As my mom told me at the beginning it will be odd but you'll get used to it and it will become easy.

16. And how do migrant students (PNNL) act outside the classroom? The Indian people, they hang around with their friends, other Indian students, not the Portuguese people. It's kind of they separate from the others. They have their own groups they don't really hang out with Portuguese friends. Probably they are scared of what the Portuguese people think about them...it could be they don't know the language.

17. What difficulties did you experience in the classroom? Do you think other migrant students (PNNL) also experience the same difficulties? The language. Yes, I think so. They make an effort to learn the language because they have to (if they don't

like it or not) but make friends I don't think so. The problem is not just the language it has to do with them.

18. What about outside the classroom? What difficulties are there in the playground? I hang around with my Portuguese friends but the Indian and the Pakistanese they make groups and get separated from the others. They feel more comfortable with them. Obviously when you go to a new school you don't make friends instantly.

19. Are there any communication difficulties? The migrant students are learning Portuguese, just the Chinese needs to learn more. When they communicate in Portuguese I understand what they say. They know the basics.

20. What do you do to overcome these difficulties? I don't think they do. The only problem is the Chinese person she's shy.

21. Can you think of any situations you can tell us about? I don't remember any.

Comment

As far as the tests are concerned they're only in Portuguese they should have Portuguese and English so we could choose. Teachers tell us to use translator but I don't think translator really helps because sometimes we miss up more suitable words. That's my suggestion.

ANEXO 16

Transcrição da entrevista – Aluno Migrante 2 PLNM

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1. **Qual é a tua idade?** Catorze anos.
2. **Onde nasceste?** Na Índia.
3. **Em que país(es) já viveste?** Já vivi na Alemanha.
4. **Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança?** Gujarati, mas também falo hindi.
5. **Qual o ano de escolaridade que frequentas?** Nono.
6. **Há quanto tempo estás em Portugal?** Há dois ano e meio. Vai fazer três anos.
7. **Há quanto tempo frequentas uma escola portuguesa?** Há dois ano e meio.

BLOCO B – O processo de acolhimento

8. **Como são os alunos migrantes de PLNM acolhidos nas turmas pelos professores?** Os professores falam com os alunos para tentar saber mais acerca deles. Quando eu cheguei, eles falaram comigo, perguntaram sobre o meu nome, de onde é que era, em que ano eu andava. Na altura eu não falava Português, mas já tinha explicação nas férias, então já entendia qualquer coisa.
9. **O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão na turma? E na escola? Se sim, podes contar como tudo acontece?** A professora também não fala Inglês, mas ajudou-me muito. Ela ajudou-me a conhecer a escola e a perceber como funcionava.
10. **Como são os alunos migrantes de PLNM recebidos pelos outros alunos (aqueles que falam outra língua diferente da tua)?** Bem.
11. **Como aconteceu contigo? O que fizeram para te ajudar a integrar na turma?** Comigo, os outros alunos queriam saber muitas coisas sobre mim porque eu era uma nova aluna que não falava Português, era a única que não falava Português. Eles ajudaram-me, mostraram-me a escola e não me deixaram sozinha.

BLOCO C - O papel dos alunos migrantes no processo de inclusão

12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula? Não é fácil porque os alunos não falam Português.

A facilidade é o acolhimento dos colegas.

13. São motivados a intervir no decurso da aula? Sim, às vezes.

14. Participam de forma autónoma? Às vezes, quando eu percebo a matéria, participo. Principalmente nas disciplinas de Inglês, Educação Física, Educação Visual, Ciências, Físico-Química, PLNM e Teatro.

15. Como aconteceu contigo dentro da sala de aula? Os meus colegas ajudaram-me.

16. E como agem os alunos migrantes de PLNM fora da sala de aula? Juntam-se em grupos. Eu tenho amigos portugueses e indianos.

17. Que dificuldades sentiste dentro da sala de aula? Achas que os outros alunos migrantes de PLNM também sentem as mesmas dificuldades? A língua. Falar com as pessoas. A comunicação.

18. E fora da sala de aula? Que dificuldades existem no recreio? Continua a ser a comunicação. Há alunos estrangeiros que andam com outros alunos estrangeiros. Eu ando com os meus amigos, quer portugueses, quer estrangeiros.

19. Existem dificuldades de comunicação? Sim, os outros sim. Eu já não tenho. Já sou aluna B1.

20. O que fazem para ultrapassar essas dificuldades? Falam em Inglês até aprenderem Português e também usam o Google Tradutor.

21. Consegues lembrar-te de alguma situação que possas contar? Achei a cultura diferente: a comida, a roupa...em História...quando comecei no sétimo ano a estudar História de Portugal era muito diferente da Alemanha. Ainda estive oito anos na Alemanha.

Comentário

Se os alunos estrangeiros falarem com os alunos portugueses, isso pode ajudar e também partilhar a cultura.

ANEXO 17

Transcrição da entrevista – Aluno Migrante 3 PLNM (Traduzido com a versão gratuita do tradutor - DeepL.com)

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

1. **Que idade tens?** 15.
2. **Onde nasceste?** Na Índia.
3. **Em que país(es) viveste?** Na Índia, na Ucrânia e em Portugal.
4. **Qual foi a primeira língua que falaste em criança?** Era uma língua indiana chamada hindi.
5. **Em que ano estás?** Nono ano.
6. **Há quanto tempo estás em Portugal?** Um ano e meio.
7. **Há quanto tempo frequentas uma escola portuguesa?** Frequentei o oitavo ano durante dois meses e o nono desde setembro até agora.

Bloco B – O processo de acolhimento

8. **Como é que os alunos migrantes (PNNL) são recebidos na sala de aula pelos seus professores?** De uma forma agradável. Acolhem sempre bem os alunos e dizem-nos como ir para as salas, porque na Índia só temos uma sala de aula. Aqui temos de ir de uma sala de aula para outra. A maioria dos meus professores disse-me que devia concentrar-me mais na língua portuguesa para ter melhores notas no futuro.
9. **O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a integração na turma? E na escola? Em caso afirmativo, podes dizer-nos como é que isso aconteceu?** A minha Diretora de Turma mostrou-me a escola, fez-me uma visita guiada e disse-me onde estavam as coisas. Sempre que há uma reunião de pais, ela diz-me no que me devo concentrar e também me fala dos exames. Também me explica o que fazer quando estou ausente da escola e ajuda-me nalgumas disciplinas, por exemplo, no ano passado, em Ciências, não sabia falar português e a professora disse-me “não podes usar o tradutor”, por isso pedi ajuda à minha Diretora de Turma e ela perguntou à professora se eu podia usar o tradutor.

10. Como é que os alunos migrantes (PNNL) são recebidos pelos outros alunos (os que falam uma língua diferente da tua)? A turma recebe-o bem? A minha experiência tem sido bastante boa. No primeiro dia em que cheguei, três ou quatro outros alunos disseram-me para ir com eles para o ginásio jogar futebol. Jogámos juntos e divertimo-nos muito. Agora na minha turma só há dois rapazes portugueses, mas no ano passado havia muitos e eu costumava andar com eles.

11. O que é que te aconteceu? O que é que eles fizeram para te ajudar a integrar na turma? Quando cheguei à escola não sabia português, por isso os outros traduziam para mim, apesar de não falarem muito bem inglês, mas eu percebia-os. Ajudavam-me com tudo, com o que devia fazer em casa... eram prestáveis.

Bloco C – O papel dos alunos migrantes no processo de inclusão

12. Qual a facilidade com que os alunos migrantes (PNNL) consideram o processo de inclusão na sala de aula? Sinto que é fácil, sinto que faço parte da turma, mas se não soubermos inglês podemos sentir-nos sozinhos, porque o inglês é uma língua universal. De facto, se soubermos inglês, é fácil sermos incluídos porque começamos a estabelecer uma ligação com toda a gente.

13. Sentes-te motivado para intervir durante a aula? Às vezes fico muito nervoso porque, em primeiro lugar, o professor pergunta em português e, às vezes, eu percebo e outras vezes não, por isso alguns dos meus amigos portugueses dizem-me ou traduzem para mim e eu tento dar o meu melhor para responder em português.

14. Participam de forma autónoma? Eu participo, porque acho que quanto mais participar, melhor aprenderei a língua, mas os meus colegas... são um pouco tímidos porque, mais uma vez, não falam português e falam inglês, mas não da melhor maneira. Alguns dos professores pedem-me para lhes traduzir em urdu, sabem as respostas em urdu, mas não sabem como dizê-las em inglês ou em português. É esse o problema. Por isso, mais uma vez, a língua é uma barreira para eles.

15. Como é que se passou contigo na sala de aula? Foi fácil tornar-me um membro da turma.

16. E como é que os alunos migrantes (PNNL) atuam fora da sala de aula? O meu irmão está cá há quatro anos e o seu português é muito bom, por isso, fora da sala de aula, ajuda-me. Já fomos à secretaria para tratar do e-mail da escola, do cartão da escola para sair... por isso não tem sido difícil para mim.

17. Que dificuldades sentiste na sala de aula? Achas que outros alunos migrantes (PNNL) também sentem as mesmas dificuldades? A principal é a língua portuguesa e outras são... por exemplo, na matemática... aqui ensinam matemática com fórmulas diferentes e as coisas que são ensinadas no nono ano aqui eu aprendi-as no sétimo ou oitavo ano na Índia. É a mesma coisa, mas fazem-no com fórmulas diferentes, de uma forma diferente. Por isso, o currículo é diferente nalgumas disciplinas e é uma dificuldade, mas se eu estudar mais, acho que consigo ultrapassar isso.

18. E fora da sala de aula? Que dificuldades existem no recreio? Mais uma vez a língua, mas tudo pode ser bastante fácil se falarmos inglês, porque toda a gente sabe um pouco de inglês.

19. Há algumas dificuldades de comunicação? Sim, sem dúvida.

20. O que é que fazem para ultrapassar essas dificuldades? Em casa, estudo com o meu irmão às vezes durante o fim de semana e ele ensina-me a aprender português mais depressa, as frases comuns em português, como usar linguagem formal e informal. Ele está a ensinar-me mais a usar a linguagem informal para usar com os outros, mas na minha aula de português a professora explica-me tudo sobre a linguagem formal.

21. Consegues lembrar-te de alguma situação de que nos possas falar? Uma situação de que posso falar é sobre os meus colegas que estão a jejuar porque são do Paquistão e têm o Ramadão. Não comem desde o amanhecer até ao pôr do sol e têm regras específicas no Paquistão durante esses períodos, mas aqui têm de vir para a escola e realizar todas as atividades normais. Se não comerem, não têm muita energia e não conseguem realizar bem as atividades e queixam-se sempre de que deviam ter umas férias durante este período.

Comentário

Penso que a escola devia contratar um professor que falasse urdu e português, porque o professor explicaria em urdu e nós aprenderíamos melhor. Um dos meus colegas do Paquistão explicou-me que no Paquistão só se começa a aprender inglês a partir do nono ano nas escolas públicas, por isso é difícil para eles.

Entrevista original

Theme A – Interviewee personal data

1. How old are you? 15.

2. **Where were you born?** In India.
3. **What country(ies) have you lived in?** In India, Ukraine and Portugal.
4. **What was the first language you spoke as a child?** It was an Indian language called hindi.
5. **What grade are you in?** Ninth.
6. **How long have you been in Portugal?** One and a half year.
7. **How long have you been attending a Portuguese school?** I attended the eighth year for two months and the ninth since September until now.

Theme B – The welcoming process

8. **How are migrant students (PNNL) received in class by their teachers?** In a pleasant way. They always welcome the students and tell us how to go to the classes because in India we just have one classroom. Here we need to go from one classroom to another. Most of my teachers told me I should focus more on the Portuguese language to be better in the future about my grades.

9. **Does the Class Director adopt any special procedures to facilitate integration into the class? And at school? If so, can you tell us how it happened?** My class Director showed me the school, made me a tour and told me where things were. Every time there is a parents' meeting she tells me what I should focus more and she also tells me about the exams. She also explains me what to do when I am absent from school and helps me in some of my subjects, for example, last year, in Science, I was speaking zero Portuguese and the teacher told me "you can't use the translator" so I seek help from my Class Director and she asked the teacher if I could use the translator and she told me I could use the translator.

10. **How are migrant students (PNNL) received by other students (those who speak a language other than your own)? Does the class welcome you?** My experience has been pretty good. The first day I came three or four other students told me to go with them to the gym to play football. We played together and had a great time. Now in my class there's just two Portuguese boys but last year there were many so I used to hang out with them.

11. **What happened to you? What did they do to help you integrate into the class?** When I came to the school I didn't know any Portuguese so the others translated for me

even though they didn't speak very good English but I did understand them. They were helping me with everything, what I should do at home...they were helpful.

Theme C - The role of migrant students in the inclusion process

12. How easy do migrant students (PNNL) find the process of inclusion in the classroom? I feel it's easy, I feel like I am part of the class but if you don't know English you can feel alone because English is an universal language. In fact if you know English it's easy to be included because you start a connection with everybody.

13. Are they motivated to intervene during the lesson? Sometimes I get really nervous because firstly the teacher asks in Portuguese and sometimes I do understand them and sometimes I don't so some of my Portuguese friends tell me or translate for me and I try my best to answer in Portuguese.

14. Do they participate autonomously? I do because I think the more I participate the better I will learn the language but my colleagues...they are a bit shy because again they don't speak Portuguese and they do speak English but not at the best. Some of the teachers ask me to translate to them in Urdu, they know the answers in Urdu but they don't know how to say it in English or in Portuguese. That's the problem. So again language is a barrier for them.

15. How did it happen for you in the classroom? It was easy to become a member of the class.

16. And how do migrant students (PNNL) act outside the classroom? My brother has been here for four years and his Portuguese is very good so outside the classroom he helps me out. We have been to the "secretaria" to take care of the school email, the school card to go out...so it has not been difficult for me.

17. What difficulties did you experience in the classroom? Do you think other migrant students (PNNL) also experience the same difficulties? The main one is the Portuguese language and others are...for example in Maths...here they do Maths with different formulas and the things that are taught in the ninth grade here I've learned them in the seventh or the eighth year in India. Here it's the same but they do it with different formulas, in a different way. So the curriculum is different in some subjects and it's a difficulty but if I study more I think I can overcome this.

18. What about outside the classroom? What difficulties are there in the playground?

Again the language but everything can be pretty easy if you speak English because everyone knows a bit of English.

19. Are there any communication difficulties? Yes, definitely.

20. What do you do to overcome these difficulties? At home I study with my brother sometimes during the weekend and he teaches me to learn Portuguese faster, the common sentences in Portuguese, how to use formal and informal language. He's teaching me more how to use informal language to use with the others but in my Portuguese class the teacher explains everything about formal language.

21. Can you think of any situations you can tell us about?

One situation I can talk about is about my colleagues that were fasting because they are from Pakistan and they have the Ramadan. They don't eat from dawn to dusk and they have specific rules at Pakistan during those times but here they have to come to school and perform all regular activities. If they don't eat they don't have much energy and they can't perform well the activities and they always complain that they should have some vacations during this time.

Comment

I think the school should hire a teacher that could speak both Urdu and Portuguese because the teacher would explain in Urdu and we would learn better. One of my colleagues from the Pakistan explained me that they just start learning English after the ninth grade in Pakistan in public schools so it's difficult for them.

ANEXO 18

Transcrição da entrevista – Aluno Migrante 4 PLNM (Traduzido com a versão gratuita do tradutor - DeepL.com)

Bloco A - Caracterização dos entrevistados

- 1. Que idade tens?** 16.
- 2. Onde nasceste?** Na Arábia Saudita.
- 3. Em que país(es) viveste?** Apenas na Arábia Saudita e em Portugal.
- 4. Qual foi a primeira língua que falaste em criança?** Urdu, a língua nacional do Paquistão. Em nossa casa falamos urdu. Também falamos em árabe, mas sentimo-nos mais à vontade a falar em urdu.
- 5. Em que ano andas?** Estou no nono ano.
- 6. Há quanto tempo estás em Portugal?** Há um ano.
- 7. Há quanto tempo frequentas uma escola portuguesa?** No ano passado, quando cheguei, frequentei a escola durante quatro meses e este ano foi o ano letivo inteiro. O ano passado foi muito difícil para mim porque eu era nova em tudo: as pessoas, a cultura, a língua, tudo era novo para mim. Foi difícil no início.

Bloco B – O processo de acolhimento

- 8. Como é que os alunos migrantes (PNNL) são recebidos na sala de aula pelos seus professores?** Os professores dão-lhes as boas-vindas e, pelo que tenho vivenciado, mesmo que não saibam falar em inglês, os professores tentam fazer o seu melhor para nos fazer compreender, mostram-nos a matéria. Se não percebo uma matéria específica, vou ter com o meu professor, mesmo que tenha de usar o Google Tradutor, e eles ajudam-me o mais que podem. Agradeço isso.
- 9. O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a integração na turma? E na escola? Se sim, podes dizer-nos como é que isso acontece?** No meu caso, a minha diretora de turma certificava-se de que eu era incluída nos grupos de alunos. Também veio ter comigo muitas vezes para me perguntar se eu percebia tudo, para me perguntar se já tinha amigos. Se me via sozinha durante o

intervalo, obrigava-me a falar com os meus colegas. Ela compreendia-me muito bem. Uma vez fiz uma apresentação e escrevi no quadro algo em português e apresentei-o na turma com o meu grupo e, quando acabei, toda a turma me aplaudiu. Apoiaram-me muito e isso encorajou-me. Este ano, a minha diretora de turma também me ajuda, ela também é simpática, mas os alunos não são cooperantes.

10. Como é que os estudantes migrantes (PNNL) são recebidos pelos outros estudantes (os que falam uma língua diferente da sua)? Tenho uma opinião mista sobre isto, nem toda a gente é igual, toda a gente é diferente. Para mim, este ano, os meus colegas não me trataram bem, mas no ano passado foi fantástico. Depende das pessoas com quem se está a conviver.

11. O que é que te aconteceu? O que é que eles fizeram para te ajudar a integrar na turma? No ano passado, senti que os meus colegas conseguiam sentir quando eu não percebia alguma coisa, quando estava confusa e vinham ter comigo. Era como se conseguissem ler a minha mente e perguntavam-me se eu estava a perceber tudo, eu dizia-lhes o que não estava a perceber e eles explicavam-me. No ano passado, tinha um grupo de amigos e eles obrigavam-me a sentar-me com eles durante a hora de almoço, por isso senti-me muito bem porque tinha amigos portugueses e estávamos sempre juntos, eles também me ajudavam com os trabalhos de casa e é sobretudo por causa deles que compreendo um pouco melhor o português.

Bloco C – O papel dos alunos migrantes no processo de inclusão

12. Qual a facilidade com que os alunos migrantes (PNNL) consideram o processo de inclusão na sala de aula? No início, nos primeiros dois meses, não foi fácil. Eu estava a adaptar-me. Não sabia como se faziam os testes, não sabia se podia usar tradutor e muitas coisas são diferentes da minha escola anterior... mas aqui uma coisa de que gosto muito é que os exames são no fim do ano e não é um fardo. Os professores estão a ensinar-nos e não estão apenas a fazer-nos testes e exames. Isso é uma coisa de que gosto muito. Bem, no início foi difícil, mas depois habituei-me, fiz amigos... tornou-se mais fácil.

13. Estão motivados para intervir durante a aula? Sim, a maior parte das vezes. Por vezes, estou mais ansiosa para responder porque penso “E se disser alguma coisa errada?”. Sinto-me motivado na maior parte das vezes.

14. Participam de forma autónoma? Por vezes. Depende da matéria. Depende se os alunos são bons ou não.

15. Como é que se passou contigo na sala de aula? A maior parte das vezes participo em inglês. Na minha aula de Ciências, participo em português porque o professor não fala inglês muito bem, por isso tento fazer o meu melhor. Às vezes uso o Google Tradutor e memorizo o que tenho a dizer e chamo-a.

16. E como é que os alunos migrantes (PNNL) se comportam fora da sala de aula? Acho que se comportam normalmente. Não noto uma grande mudança entre a forma como se comportam na sala de aula e a forma como se comportam fora dela. Na minha opinião, não são diferentes.

17. Que dificuldades sentiste na sala de aula? Achas que os outros alunos migrantes (PNNL) também sentem as mesmas dificuldades? Às vezes não consigo perceber o que os professores dizem, estão a explicar uma matéria e estão a explicar em português, o que é compreensível, mas eu pessoalmente não aprendo nada nas aulas, por isso tenho de ir para casa e aprender sozinha. No livro não é assim tão fácil. Quando o professor explica é muito mais fácil e é ótimo quando eu percebo na aula.

18. E fora da sala de aula? Que dificuldades existem no recreio? Não há muitas dificuldades, exceto, por vezes, quando as pessoas se aproximam de mim e começam a falar em português e eu não percebo nada, depois vão-se embora e eu sinto-me mal. Sinto que não posso participar como a maior parte dos outros.

19. Existem dificuldades de comunicação? Sim. É a língua...

20. O que é que fazem para ultrapassar essas dificuldades? Não encontrei uma forma de ultrapassar essas dificuldades. A única coisa que faço é apanhar o que as pessoas estão a dizer, por isso pratico português com o meu amigo emigrante. A única coisa em que me estou a concentrar é no meu português. Sinto que quando conseguir falar português plenamente a minha experiência será completamente diferente.

21. Consegues lembrar-te de alguma situação que possas contar-nos? Antes de vir para Portugal, sabíamos um ano antes que íamos pedir um visto, por isso uma coisa que gostaria de ter feito era ter aprendido português nessa altura. Em vez disso, o que fiz foi aprender as palavras básicas, por isso quando vim para cá estava completamente perdida e gostava de ter aprendido português antes de vir para cá. Teria sido muito mais fácil para mim.

Comentário

Uma coisa que eu sugeria era que não nos obrigassem a nós, novos alunos, a fazer os exames. Se chegamos no fim, dêem-nos algum tempo porque aprender uma língua não é fácil.

Entrevista original

Theme A – Interviewee personal data

- 1. How old are you?** 16.
- 2. Where were you born?** In Saudi Arabia.
- 3. What country(ies) have you lived in?** Just in Saudi Arabia and Portugal.
- 4. What was the first language you spoke as a child?** Urdu, the national language of Pakistan. In our house we speak Urdu. We speak in Arabic too but it's just we are more comfortable speaking in Urdu all together.
- 5. What grade are you in?** I'm in grade nine.
- 6. How long have you been in Portugal?** For a year.
- 7. How long have you been attending a Portuguese school?** Last year when I came I attended the school for four months and this year it has been the entire school year. Last year was very hard for me because I was new to everything: the people, the culture, the language, everything was new to me. It was hard at the beginning.

Theme B – The welcoming process

- 8. How are migrant students (PNNL) received in class by their teachers?** The teachers welcome them and for what I have experienced even if they don't know how to speak in English the teachers will try to make their best to make us understand, they will show it to us. If I don't understand a specific subject I'll go to my teacher even if I have to use Google Translator and they will help me as much as they can. I appreciate that.
- 9. Does the Class Director adopt any special procedures to facilitate integration into the class? And at school? If so, can you tell us how it happened?** In my case, my Class Director would make sure I was included into the students' groups. She also came up to me many times to ask me if I understood everything, to ask me if I already had friends. If she saw me alone during my breaktime she would make me talk to my

other classmates. She understood me really well. This one time I did a presentation and I wrote on the board something in Portuguese and I presented it on the class with my group and after I finish the entire class applauded me. They were very supportive and that just encouraged me. This year my class Director also helps me, she's also nice but the students are not cooperative.

10. How are migrant students (PNNL) received by other students (those who speak a language other than your own)? I have mixed opinion about this, not everyone is the same, everyone's different. For me, this year, I was not treated well by my classmates but last year it was amazing. It depends with the people you're staying with.

11. What happened to you? What did they do to help you integrate into the class? Last year, I feel that my classmates could sense when I didn't understand something, when I would be confused, they would come up to me. It was like they could read my mind and they would ask me if I was understanding everything, I would tell them what I wasn't understanding and they would explain it to me. Last year I had a friend group and they made me sit with them during lunch break so I felt amazing because I had Portuguese friends and we would hang out all the time, they would also help me with the homework and because of them mostly they are the reason why I understand Portuguese a bit better.

Theme C - The role of migrant students in the inclusion process

12. How easy do migrant students (PNNL) find the process of inclusion in the classroom? In the beginning, for the first two months, it wasn't easy. I was settling in. I didn't know how you give the tests, I didn't know if I could use translator and many things are different from my previous school...but here one thing I really like is that the exams are at the end of the year and it's not a burden. The teachers are teaching us and are not just making us tests and exams. That's one thing I really like. Well at the beginning it was tough but then I got used to it, I made friends...it got easier.

13. Are they motivated to intervene during the lesson? Yes, most of the time. Sometimes I'm most anxious to answer because I think "What if I say something wrong?". I do feel motivated most of the times.

14. Do they participate autonomously? Sometimes. It depends on the subject. Depending if the students are good at it or not.

15. How did it happen for you in the classroom? Mostly I participate in English. In my Science class I participate in Portuguese because the teacher can't speak English very well so I try my best. Sometimes I use Google translator and I memorize what I have to say and I call her.

16. And how do migrant students (PNNL) act outside the classroom? I think they act normal. I don't notice a big change to the way they act in class to the way they act outside. They're not different in my opinion.

17. What difficulties did you experience in the classroom? Do you think other migrant students (PNNL) also experience the same difficulties? Sometimes I can't understand what the teachers says, they're explaining a subject and they're explaining in Portuguese, which is understandable but I personally don't learn anything in class so I have to go home and learn it by myself. In the book it's not so easy. When the teacher explains it's much more easy and it's great when I understand in class.

18. What about outside the classroom? What difficulties are there in the playground?

There aren't much difficulties except sometimes when people approach me and start to speak in Portuguese and I don't understand anything, then they leave and I kind of feel bad. I feel I can't participate like most of the others do.

19. Are there any communication difficulties? Yes. And the language...

20. What do you do to overcome these difficulties? I haven't found a way to overcome those difficulties. All I do is to catch up with what people are saying so I practice Portuguese with my migrant friend. The one thing I'm focusing on is my Portuguese. I feel that when I can speak Portuguese fully my experience will be completely different.

21. Can you think of any situations you can tell us about? Before I came to Portugal we knew a year before we were going to apply for a visa so one thing I wish I did was learn Portuguese at that time. Instead what I did was to learn the basic words so when I came here I was completely lost and I was wishing to have learned Portuguese before I came here. I would have been much easier for me.

Comment

One thing I would suggest is that they wouldn't make us, new students, give the exams. If we're coming at the end give us some time because learning a language is not easy.

ANEXO 19

Transcrição da entrevista – Aluno Português 1

BLOCO A – caracterização dos entrevistados

1. **Qual é a tua idade?** 14 anos.
2. **Onde nasceste?** Nasci em Santarém.
3. **Em que país(es) já viveste?** Nunca sai de Portugal.
4. **Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança?** Português. Mas desde os três anos o meu pai punha-me vídeos em Inglês para eu aprender aquilo que estava lá. A minha outra língua da escola, neste momento, é o Espanhol.
5. **Qual o ano de escolaridade que frequentas?** Nono.

BLOCO B – Processo de acolhimento

6. **Tens ou já tiveste alunos migrantes de PLNM na tua turma?** Sim, vários.
- 6.1. **Se sim, sabes de que países vinham?** Do Paquistão, da Índia, da Arábia Saudita.
7. **No primeiro dia em os alunos migrantes de PLNM são integrados na turma, como são acolhidos pelos professores? E pelos outros alunos?** Alguns stores...há uma pequena diferença, pois alguns stores tentam ajudá-los ao máximo a aprender as coisas e há outros que não dão assim muita importância aos de PLNM. Vê-se na necessidade dos alunos estarem a perguntar a outras pessoas o que se esteve a dar na aula.
8. **Consegues identificar alguma ação específica que os professores desenvolvem para incluírem os alunos migrantes de PLNM nos primeiros dias?** Por exemplo um stor, quando acaba de explicar, quando está a dar matéria nova em português à maior parte dos alunos, depois vai às mesas em particular onde estão os alunos migrantes de PLNM e explica-lhes em Inglês e vê se eles têm alguma dúvida. Nem todos os professores fazem isso.
9. **O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM?** Não. Também é a stora de Português portanto...quer dizer, por exemplo quando são as visitas de estudo ou outras coisas que não são relacionadas com a aula, pois os alunos migrantes aprendem o Português nas aulas de

PLNM, então, a stora, a única coisa que ela traduz para aqueles que não sabem falar Português são coisas que são fora da matéria, coisas que dizem respeito à Direção de Turma.

10. A turma mostra-se recetiva aos alunos migrantes de PLNM? Sim. Nas turmas bilíngues costuma haver vários migrantes de PLNM portanto, tecnicamente, já estamos habituados a isso.

10.1. Há algum tipo de acolhimento, alguma atitude diferente, por parte dos restantes alunos da turma? Quando eles chegam, os alunos, pelo menos na minha turma, tentam acolhê-los e perceber as dificuldades deles perante o ensino português. Por exemplo, nas aulas, sempre que os professores estão a explicar alguma coisa, de vez em quando, os alunos viram-se para os alunos de PLNM e perguntam-lhes se entenderam e se é preciso traduzir alguma coisa.

11. Lembras-te de alguma coisa que tenhas feito no sentido de integrar algum aluno migrante de PLNM na tua turma? Eu tento ser a primeira a acolher esses alunos e, sinceramente, sou a pessoa na turma que mantém mais a conversa com esses alunos migrantes de PLNM, tento sempre falar com eles ao máximo e ver se eles entendem as coisas que estão a ser ditas na aula e pergunto-lhes como é que está a correr.

Bloco C – O papel dos alunos migrantes no processo de inclusão

12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula? A única coisa que eu vejo é o telemóvel que eles têm com o tradutor e traduzem as coisas que estão em Português quando não entendem.

13. São motivados a intervir no decurso da aula? Sim. Sim, quando escolhem os alunos também escolhem os alunos migrantes.

14. Participam de forma autónoma? Só alguns. Os alunos migrantes de PLNM que já sabem falar mais Português, os outros não.

15. Lembras-te de alguma situação em que conseguiste ajudar? Sim, várias situações. Normalmente quando é para fazerem as coisas e eles não entendem, eles vêm até mim perguntar-me o que a stora acabou de explicar, ver como se fazem as coisas e eu explico em Inglês. Eles falam todos Inglês, pelo que isso ajuda.

16. E como agem fora da sala de aula? Eu vejo-os sempre em grupinhos uns com os outros.

17. Que dificuldades são percecionadas relativamente aos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? As maiores dificuldades são não entenderem aquilo que é pedido na sala de aula por causa da língua, não entenderem as tarefas e, às vezes, tenho perceção das dificuldades não só por causa da língua, mas porque, por exemplo, na aula de TIC, vejo que alguns não sabem, não é por causa da língua, não sabem mexer em certos softwares.

18. E fora da sala de aula? Não sei.

19. Demonstram dificuldades de comunicação? Algumas. Maioritariamente por causa da língua. Na minha turma, os alunos de PLNM já sabem falar um pouco de Português, mas quando é para falarem com as pessoas em Português não se entende muito bem o que dizem por não ser a língua materna deles.

20. Adotam estratégias no sentido de ultrapassar essas dificuldades? Não sei.

21. Os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades? Se sim, como? Só quando é preciso.

22. Ocorre-te alguma situação em que tiveste dificuldade ou não conseguiste ajudar? Podes contá-la? Não me ocorre nenhuma.

Comentário

Há coisas a fazer. Tem que se melhorar, mas não sei como é que se podem melhorar essas coisas. Por exemplo, na parte de fazer grupos na turma, não é exclusão, eu vejo é falta de inclusão pois quando se vai a fazer os grupos é sempre os amigos. Não vejo ninguém a aproveitar a oportunidade para incluir esses alunos migrantes do PLNM.

ANEXO 20

Transcrição da entrevista – Aluno Português 2

BLOCO A – caracterização dos entrevistados

1. **Qual é a tua idade?** Tenho 14 anos.
2. **Onde nasceste?** Em Santarém.
3. **Em que país(es) já viveste?** Vivi sempre em Portugal.
4. **Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança?** O português.
5. **Qual o ano de escolaridade que frequentas?** O nono ano.

BLOCO B - Processo de acolhimento

6. **Tens ou já tiveste alunos migrantes de PLNM na tua turma?** Sim, neste momento, bastantes.

6.1. **Se sim, sabes de que países vinham?** Sim, temos da Índia, do Paquistão e do Bangladesh.

7. **No primeiro dia em os alunos migrantes de PLNM são integrados na turma, como são acolhidos pelos professores? E pelos outros alunos?** No caso da minha turma, acho que nós os acolhemos muito bem. Neste momento, já fazem parte da turma e já é igual. Sabemos que há a questão da fala para alguns alunos, mas nisso nós também ajudamos. Por parte dos professores acho que os acolhem bem, claro que, às vezes, é muito mais difícil porque há pessoas que não sabem falar tão bem inglês e, por isso, é muito mais difícil a comunicação.

8. **Consegues identificar alguma ação específica que os professores desenvolvem para incluírem os alunos migrantes de PLNM nos primeiros dias?** Sim, se calhar falar aí mais o inglês com eles, falar mais devagar, tentar perceber se eles compreendem ou não e depois até por testes em português e entre parênteses em Inglês, há professores que fazem isso.

9. **O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM?** Sim, acho que sim, tenta falar com eles com calma, tenta também fazê-los perceber que têm que estar aqui e que devem tentar esforçar-se para falar português.

10. A turma mostra-se recetiva aos alunos migrantes de PLNM?
Sim.

10.1. Há algum tipo de acolhimento, alguma atitude diferente, por parte dos restantes alunos da turma? Não, às vezes, como muitos deles não falam português e como alguns já passaram por aquele ano várias vezes, aparece algum mais desinteressado em algumas matérias. Então, às vezes, não é fácil porque o professor tem que estar a chamar atenção e depois nós desconcentramo-nos e, por isso, às vezes, alguns não gostam tanto, mas lidam com isso.

11. Lembras-te de alguma coisa que tenhas feito no sentido de integrar algum aluno migrante de PLNM na tua turma? Sim, por exemplo, falamos em português devagar e alto, mas quando eles não entendiam, aí traduzimos para inglês; para não estar sempre a falar inglês com eles, para eles começarem a falar português e assim sendo incluírem-se com os outros.

BLOCO C - As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes PLNM)

12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula? No caso da minha turma, deixam de ser um elemento estranho, até porque nós, portanto, depende das pessoas, queremos falar com eles e queremos que eles também sintam que podem passar de ano e, por isso, também os ajudamos. Nós puxamos por eles e somos uma facilidade para eles.

13. São motivados a intervir no decurso da aula? Sim, alguns professores puxam por eles.

14. Participam de forma autónoma? Não, participar de forma autónoma, não. Os professores têm que lhes perguntar as coisas. Às vezes, quando são novos, alguns professores tentam pôr um português e um migrante para facilitar. E quando eles não percebem, é bem mais fácil falarem connosco do que propriamente dizerem ao professor e participarem na aula diretamente. Em vez de perguntarem ao professor, perguntam-nos a nós.

15. Lembras-te de alguma situação em que conseguiste ajudar? Sim, numa aula de físico-química. Eu já estive ao lado de um aluno migrante e ele pediu-me ajuda numa situação. Estávamos a resolver exercícios, o professor andava pela sala, e eu consegui

ajudar. Ele não entendia a língua e também a físico-química por eles é difícil. Eu acho que das disciplinas mais difíceis é a matemática, mas é quase para todos, mesmo e também a físico-química, acho que também é muito difícil porque, pelos vistos, não estão habituados ou não têm lá dos países de onde vêm. São, assim, as duas mais difíceis.

16. E como agem fora da sala de aula? Eles normalmente estão sempre a jogar críquete, pelo menos os nossos juntam-se no grupinho deles. Penso que nos intervalos, normalmente, juntam-se no grupo deles, mas, por exemplo, quando nós não temos aulas e não temos substituição, eles vêm ter connosco e ficam aquele tempo connosco.

17. Que dificuldades são percecionadas relativamente aos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? A linguagem porque muitos deles não falam português e também não falam inglês, então é um bocado difícil. Também, às vezes, como vêm de países com currículos escolares que não são iguais ao nosso podem estar muito atrás. Os professores têm que andar, como por exemplo, a matemática é um desses casos, e não é fácil.

18. E fora da sala de aula? Uma das dificuldades é ficarem na bolha deles. Eles estão sempre num cantinho, todos juntos e, normalmente, não se juntam com os outros alunos nos intervalos isolam-se imenso.

19. Demonstram dificuldades de comunicação? Exato.

20. Adotam estratégias no sentido de ultrapassar essas dificuldades? Alguns sim. Na minha turma tenho dois alunos que esforçam-se e aliás, uma delas já está no último nível de PLNM. Uma delas, por exemplo, no início ia pela música, ou seja, ouvia músicas em inglês e depois tentava traduzir. Acho que também escrevia muito. Ela fazia muitas cópias e quando tinha dúvidas, perguntava-nos.

21. Os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades? Se sim, como? Sim, os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades. Quem fala inglês, vai mais pelo inglês. Quem não fala, e todos querem ajudar, às vezes perguntam a quem sabe mais inglês para os ajudar.

22. Ocorre-te alguma situação em que tiveste dificuldade ou não conseguiste ajudar? Podes contá-la? Sim, acho que uma vez com uma aluna, ela não fala muito inglês, estávamos a tentar explicar uma coisa...acho que até foi no atendimento ao aluno com a DT, estava eu, depois estava uma colega minha, e ninguém conseguia explicar. Tivemos que usar o tradutor.

Comentário

Na minha turma, tenho mais de metade dos alunos que não são portugueses, a maior parte deles não falam português, e depois vejo turmas sem alunos estrangeiros...se calhar, dividir mais esses alunos até para terem uma maior visão e uma maior integração, porque senão juntam-se todos na bolha deles. Como são muitos, às vezes, até na nossa sala de aula. Isso acontecia no início.

ANEXO 21

Transcrição da entrevista – Aluno Português 3

BLOCO A – caracterização dos entrevistados

1. Qual é a tua idade? 14
2. Onde nasceste? Portugal
3. Em que país(es) já viveste? Vivi sempre em Portugal.
4. Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança? Português.
5. Qual o ano de escolaridade que frequentas? Nono ano.

BLOCO B - Processo de acolhimento

6. Tens ou já tiveste alunos migrantes de PLNM na tua turma? Sim.
- 6.1. Se sim, sabes de que países vinham? Da África do Sul, da Índia e do Afeganistão.
7. No primeiro dia em os alunos migrantes de PLNM são integrados na turma, como são acolhidos pelos professores? E pelos outros alunos? Aconteceu no ano passado, no final do ano, houve uma aluna estrangeira que veio para a escola. No início, os professores foram falar mais com ela e, nesse primeiro ano, não faltava muito para a escola acabar, tentaram perceber um pouco o nível de ensino em que ela estava para verem como é que podiam ajudar. Nalgumas aulas, eles falavam inglês para eles.
8. Consegues identificar alguma ação específica que os professores desenvolvem para incluírem os alunos migrantes de PLNM nos primeiros dias? Como referi há bocado, é eles tentarem perceber um pouco qual é o nível de ensino que eles já têm e falar inglês nos primeiros dias.
9. O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM? No nosso caso, a diretora de turma leciona português, por isso é que não fala inglês durante as aulas para dar a matéria, porque eles não dão a mesma matéria que nós em português, dão português língua não materna; mas sempre que existe alguma informação que a turma precise saber, a diretora de turma ou vai até eles e fala em inglês ou quando tem algumas dificuldades e não sabe muito bem como dizer pede para nós ajudarmos e nós transmitimos.

10. A turma mostra-se receptiva aos alunos migrantes de PLNM? Sim, no primeiro dia, no caso da aluna nova, por exemplo, alguns alunos falaram logo com ela e isso normalmente costuma acontecer. Perguntam o nome e vão ver se há gostos em comum, alguma coisa do género, mas, normalmente, eles é que não falam muito por causa da língua. Não conseguem comunicar muito bem ou porque não sabem muito bem inglês ou mesmo porque não se identificam.

10.1. Há algum tipo de acolhimento, alguma atitude diferente, por parte dos restantes alunos da turma? Não. Nós, por exemplo, desde o sexto ano, temos um lugar onde a turma costuma ficar. Costumamos, às vezes, ir para lá com eles e ficamos a conversar. Às vezes, depois acaba por haver alguns que não querem e vão ter com pessoas que falam a mesma língua que eles.

11. Lembras-te de alguma coisa que tenhas feito no sentido de integrar algum aluno migrante de PLNM na tua turma? Uma vez, há dois anos atrás, quando um aluno novo veio, no primeiro dia de aulas, nós começamos a falar com ele.

BLOCO C - As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes PLNM)

12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula? Alguns não demonstram. Por exemplo, já existiam algumas aulas onde eles iam para o telemóvel ou então ficam só a conversar entre eles e não prestam atenção. Nalguns casos há vontade de ser incluído, mas a maioria não se mostra interessada.

13. São motivados a intervir no decurso da aula? Sim.

14. Participam de forma autónoma? Não. Não participam de forma autónoma.

15. Lembras-te de alguma situação em que conseguiste ajudar? Nos trabalhos de grupo. Já cheguei a fazer parte de grupos com alunos migrantes e ajudo-os.

16. E como agem fora da sala de aula? Maioritariamente não mostram facilidade em se incluírem. Nós temos cinco alunos na nossa turma e só um deles é que costuma ir ter connosco. Os outros quatro vão ter com os outros que falam a mesma língua que eles. Já os convidámos, mas não os obrigamos a vir, se quiserem vir, podem vir.

17. Que dificuldades são percecionadas relativamente aos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? A língua, porque há professores que não sabem muito

bem inglês e, então, aí, têm um pouco mais de dificuldade em ensinar os alunos de PLNM.

18. E fora da sala de aula? A língua.

19. Demonstram dificuldades de comunicação? Sim.

20. Adotam estratégias no sentido de ultrapassar essas dificuldades? Alguns esforçam-se. Há um aluno na minha turma que veio há 2 anos e já percebe o português, já consegue falar mais ou menos. Por exemplo, eu tenho uma aluna chinesa na minha turma e, às vezes, para comunicarmos usamos o tradutor. No caso dela é um pouco mais difícil comunicar, porque como o alfabeto não é o mesmo, ela tem mais dificuldade em inglês e é um pouco mais difícil para ela.

21. Os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades? Se sim, como? Sim. Recorrem também ao telemóvel.

22. Ocorre-te alguma situação em que tiveste dificuldade ou não conseguiste ajudar? Podes contá-la? Sim, algumas vezes. Por exemplo, o tradutor só começámos a usar mais este ano para ajudá-los; eu não me lembrava dessa ferramenta antes. Não diria que sou um aluno excelente em inglês, tenho dificuldades, às vezes, em comunicar-me com eles.

Comentário

Para incluir mais os alunos, a sugestão que eu tenho talvez seja fazer com que eles passem mais tempo connosco, porque, às vezes, há alturas em que eles nem chegam a tentar aproximar-se de nós. Desde o início do ano ficam sempre com os alunos que falam a mesma língua do que eles. Tentar que eles se misturassem mais. Talvez fazer alguns torneios de jogos que incluíssem jogos que eles praticam. Há um grande grupo que joga críquete mas nós não estamos muito habituados a esse jogo.

ANEXO 22

Transcrição da entrevista – Aluno Português 4

BLOCO A – caracterização dos entrevistados

1. **Qual é a tua idade?** Tenho 14 anos.
2. **Onde nasceste?** Em Portugal.
3. **Em que país(es) já viveste?** Vivi sempre em Portugal.
4. **Qual foi a primeira língua que começaste a falar em criança?** O português.
5. **Qual o ano de escolaridade que frequentas?** O nono ano.

BLOCO B - Processo de acolhimento

6. Tens ou já tiveste alunos migrantes de PLNM na tua turma? Já, bastantes e, este ano, temos mais do que cinco.

6.1. Se sim, sabes de que países vinham? Da Índia, do Paquistão e do Bangladesh.

7. No primeiro dia em os alunos migrantes de PLNM são integrados na turma, como são acolhidos pelos professores? E pelos outros alunos? Um aluno, que chegou o ano passado tinha que ter alguém ao lado dele, metade das aulas para lhe explicar a matéria, exceto quando era Inglês. Ele apanhou muito rápido a Matemática. No entanto, eu noto que, quando estes alunos aparecem nas aulas, os professores ficam desorientados, não sabem bem o que fazer porque metade dos professores não explicam as coisas em Inglês. Os professores perguntam o nome aos alunos, de onde são...

8. Consegues identificar alguma ação específica que os professores desenvolvem para incluírem os alunos migrantes de PLNM nos primeiros dias? No caso de dois alunos que chegaram no ano passado, os professores pediram a uma aluna que já cá estava para falar com um deles e, por sua vez, para este falar com o outro. Pediam ajuda aos alunos migrantes que já estavam na turma. Por exemplo, essa primeira aluna integrou-se muito bem, embora se tenha perdido no primeiro dia de aulas... tanto que a DT na reunião de apresentação falou dela, mas ela não apareceu porque se tinha perdido. De resto ela esforçou-se para aprender o Português, agora já fala muito bem e todos a incluíram bem.

9. O Diretor de Turma adota algum procedimento especial para facilitar a inclusão dos alunos migrantes de PLNM? Sim. Ela puxa muito por eles, traz-lhes fichas para praticarem o Português e elogia-os no que diz respeito ao trabalho e ao esforço.

10. A turma mostra-se recetiva aos alunos migrantes de PLNM? Algumas pessoas têm preconceito, mas certas pessoas acolhem bem. Algumas pessoas têm preconceito das danças, da cultura e da religião deles e quando estamos em Educação Física costuma haver muitos comentários palermas. Também há quem comente o odor e há muita gente que reclama.

10.1. Há algum tipo de acolhimento, alguma atitude diferente, por parte dos restantes alunos da turma? Acho que não há nenhum plano porque acabam sempre por mudar os planos. Não há nenhum tipo de acolhimento específico.

11. Lembras-te de alguma coisa que tenhas feito no sentido de integrar algum aluno migrante de PLNM na tua turma? O que eu costumo fazer é explicar a matéria e tentamos, ao máximo, não falar Inglês com eles, mas eles tentam puxar sempre para o Inglês dizendo que não falam Português.

BLOCO C - As facilidades e dificuldades de inclusão (dos alunos migrantes de PLNM)

12. Que facilidades demonstram os alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão dentro da sala de aula? Eu acho que não há assim tantas...alguns da minha sala não se mostram interessados. Há um aluno que, em algumas aulas, quando não consegue entender, junta-se aos amigos que não estão interessados, mas, noutras aulas, como Matemática, Português... ele faz um esforço para entender, ele afasta-se deles todos. Vai para as mesas da frente e ignora-os a todos. Temos outra aluna que está sempre a trabalhar. No entanto, os outros nunca fazem nada, eles não se mostram interessados com nada, exceto em Educação Física.

13. São motivados a intervir no decurso da aula? Acho que não...em Inglês sim, mas, noutros aspetos acho que não. Eles, muitas vezes, estão perdidos, nem sabem onde é que estão na matéria ou, então, estão a brincar, a atirar borrachas uns aos outros.

14. Participam de forma autónoma? Só em Inglês.

15. Lembras-te de alguma situação em que conseguiste ajudar? Houve um aluno que, quando chegou, estava desorientado na Matemática e havia muita matéria para

trás e eu comecei a tentar explicar-lhe a matéria com o pouco Inglês que eu tinha e ele, pelos vistos, apanhou muito rápido a matéria de Matemática.

16. E como agem fora da sala de aula? Eles, nos intervalos, costumam estar sempre em grupos...ou jogam críquete, ou ouvem música, mas quando há visitas de estudo ou saídas em grupo da nossa turma, eles incluem-se muito rápido. A facilidade é que a turma toda dá-se bem com eles, então eles brincam connosco. Mas, quando estamos todos na escola, ficam à parte, em grupo, a jogar críquete.

17. Que dificuldades são percecionadas relativamente aos alunos migrantes de PLNM dentro da sala de aula? A língua e a maneira de entender...por exemplo, mesmo a professora de Inglês muitos deles não entendem, porque alguns também não falam o Inglês. Muitos deles também se portam mal pois, nas aulas, estão no telemóvel e tentam estar uns com os outros. A professora de Matemática já tentou afastá-los de todas as maneiras, mas eles acabam sempre por se juntar todos novamente no dia seguinte. Numa aula, eles mudam, mas, no dia a seguir, já estão todos juntos novamente.

18. E fora da sala de aula? A dificuldade é a comunicação com as pessoas portuguesas ou com as outras pessoas. Eles juntam-se todos, até os pequenos, formam um grande grupo e estão ao lado do bloco E.

19. Demonstram dificuldades de comunicação? Sim. Às vezes recusam-se a aprender o Português porque dizem que não estão lá para aprender. Por exemplo, há um aluno que veio para cá porque foi obrigado pelos pais, não teve outra escolha, e ele diz que daqui a uns anos se vai mudar para a Irlanda por ser mais fácil por causa do Inglês. Há alguns que têm presente a ideia de “estarem de passagem”.

20. Adotam estratégias no sentido de ultrapassar essas dificuldades? Não. Às vezes, tentam falar, mas é raro. Nas fichas pedem-nos ajuda, mas depois dão-nos as fichas para nós fazermos as fichas deles.

21. Os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades? Se sim, como? Sim. Tentam falar Inglês com eles.

22. Ocorre-te alguma situação em que tiveste dificuldade em conseguir ajudar? Nas questões das brigas da turma. Houve uma aluna portuguesa e um aluno migrante de PLNM que já namoraram e houve um desentendimento e acabaram muito rapidamente. Aí notou-se muito preconceito nos grupos da turma, muito por causa de não conseguirem comunicar bem. O máximo que eu consegui fazer foi contactar a DT e pedir-lhe ajuda.

Comentário

Eu penso que eles deviam esforçar-se mais para aprenderem a Língua, de modo a comunicarem mais com as outras pessoas. Podíamos ajudar aqui fazendo jogos para que todos se conhecessem.

ANEXO 23
Análise dos dados recolhidos das entrevistas aos docentes de PLNM
Categoria de análise:

A) caracterização dos grupos de alunos migrantes de PLNM

A.1. O grupo-turma de alunos migrantes de PLNM				
A.1.1. Caracterização genérica				
Nº de turmas	Nº de alunos por turma	Média de idades	Níveis de proficiência linguística	Horas de lecionação semanal de PLNM
5	10 a 16	13	A1, A2 e B1	4 tempos
Docente D1 PLNM		Docente D2 PLNM		Docente D3 PLNM
A.1.2. A dinâmica dos grupos-turma de alunos migrantes de PLNM				
A.1.2.1. Constrangimentos na criação das turmas				
Eu penso que não. Normalmente a coordenação toma as rédeas desse procedimento. Aconselha-se com os professores, portanto se nós achamos que este aluno deve ir para	O único constrangimento é o facto dos alunos estarem distribuídos em várias turmas do ensino regular, com diferentes horários...é muito difícil organizar as aulas de PLNM sem ser à tarde. É o constrangimento maior e o	Eu penso que não, penso que está bem organizado, porque uma vez que temos as aulas de PLNM todas à tarde, portanto... não há constrangimentos. Nunca ouvi		

aqui ou para acolá...por agora tem sido fácil.	resultado disso dificulta muito o nosso trabalho com os alunos.	ninguém, nem mesmo os alunos...aderem e vão e não faltam. São excelentes.
A.1.2.2. Seleção da turma onde se integram os alunos migrantes de PLNM		
Não faço ideia, não estou dentro do processo, contudo, penso que deve se procurar o nível do aluno e, se calhar, onde houver turmas que tenham vaga, o aluno é aí inserido. Penso que terão cuidado, por exemplo, na nossa escola nós temos turmas bilíngues e, se calhar, algum aluno estrangeiro cuja língua dê para falar Inglês ou saiba falar Inglês vão a essas turmas tentar perceber se há vaga ou não, mas, depois, são estrategicamente colocados no seu nível e onde há vaga.	Pois as turmas bilingues, para quem sabe inglês, são o ideal. Só que as turmas bilíngues já estão muito cheias. Principalmente os indianos, que já vêm com bom inglês, para eles é muito bom, eles aprendem mais depressa. Mas pronto, só há uma turma em cada ano. De preferência seriam turmas mais pequenas para terem mais acompanhamento...vinte e oito alunos e depois lá estão 2 estrangeiros, coitados.	É mesmo o nível de proficiência. Não tem nada a ver, não tem a ver com a turma. Nas turmas regulares, é muito complicado. Não sei como é que lá vão parar, mas eles têm dificuldades de integração, muitas.
A.1.2.3. Quanto tempo desde a matrícula até à integração na turma dos alunos migrantes de PLNM?		
Não faço ideia, mas tenho noção de que deve ser muito rápido.	Isso é logo. Passados dois dias ou assim. Assim que eles podem vir, vêm logo.	Não sei.
A.1.2.4. Existe período de adaptação antes da integração na turma?		

<p>Integra imediatamente tudo.</p>	<p>Não tenho a versão oficial de toda a gente. Eu acho que ele deve integrar a turma. Eu acho é que ele não devia ser avaliado.</p>	<p>Integra imediatamente todas as disciplinas.</p>
<p>A.1.2.5. Promovem-se atividades de estreitamento de laços entre alunos?</p>		
<p>Que eu saiba não, mas era uma ótima ideia.</p>	<p>O que eu costumo fazer é pô-los a falar da do país de origem. A nível de escola, há aí um projeto ou outro a nível de inclusão para eles se reunirem no intervalo, está aí na forja. De resto, na turma, é mais de eles falarem de das suas coisas, portanto, para darem a conhecer aos outros alunos.</p>	<p>Não, que eu tenha conhecimento.</p>
<p>A.1.2.6. Comportamento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas</p>		
<p>Também temos um menú variado; o que eu menos gosto e tento lutar contra isso é o grosso dos meus alunos que são paquistaneses e falam urdu; muitas vezes, é o falar entre si e tu estás ali, enquanto professora, a pensar assim: bolas, o que é que eles estão a dizer? Tento interagir, já tentei aprender algumas palavras e eles também sentem</p>	<p>É assim, os de Leste portam-se bem. Eles normalmente portam-se bem. Na turma normal, eles estão muito fechados no seu cantinho porque não conseguem comunicar com todos. Chegam àquela turma de PLNM e têm os coleguinhas do mesmo país, aí eles abrem-se.</p>	<p>Comigo é do melhor. Muito bom, muito bom mesmo.</p>

motivação: “ei, a teacher quer aprender!”.		
A.2. A equipa de docentes		
A.2.1. Constituição da equipa de docentes		
Somos docentes do 220, portanto temos o Português no nosso currículo, temos o Inglês; homens e mulheres; mais velhos e mais novos...	São recrutados no Grupo 220 e no 320, Português/Francês. São os professores de língua estrangeira.	É constituída por professores de línguas, essencialmente de línguas estrangeiras. para eles é estrangeiro.
A.2.2. Critérios de seleção para a lecionação da disciplina		
Penso que terá que ser alguém que tenha Português no seu currículo; se calhar, o Inglês, também devem pensar nisso para que haja ali uma aproximação e consigamos passar a mensagem...	Um bocado o perfil, tem que ser professor de língua estrangeira, de preferência com perfil e a experiência.	Penso que é isso mesmo, o professor ter experiência já em ensinar alunos de língua estrangeira e como eles também são alunos de línguas estrangeiras, penso que seja esse o critério: ser docente de língua estrangeira.
A.3. A dinâmica de trabalho dos docentes		
A.3.1. Procedimento para tomada de conhecimento dos níveis de proficiência linguística dos alunos migrantes de PLNM		
Tivemos uma reunião no início do ano letivo em que a Coordenadora	Isso é depois nas aulas. Nós para além de irmos aos conselhos de turma e conhecermos	É a Coordenadora que nos passa essas informações.

<p>apresentou os alunos novos, porque os restantes já tínhamos estado com eles durante o ano letivo. Portanto, à partida, já havia essa aproximação, mas nada mais do que uma reunião; apenas para dizer: vem alguém, vem do 1º ciclo. Veio inclusive a professora bilíngue e de PLNM, vieram as duas no que diz respeito aos do 1º ciclo; os que vêm de outras escolas, aí, não sei. A Coordenadora, se calhar, terá essas informações, mas, também, não as partilha.</p>	<p>o perfil de cada aluno, falamos com os diretores de turma e, nas aulas, como qualquer professor da turma... não temos nenhuma diferença. Às vezes, temos um bocadinho mais de contato porque somos os tradutores muitas vezes para os outros colegas.</p>	
<p>A.3.2. Procedimento para diagnóstico dos níveis de proficiência linguística dos alunos migrantes de PLNM</p>		
<p>Temos um teste. À partida, quando o aluno chega e nós interagimos com ele já sabemos. Olha este consegue ficar no A1, este consegue estar um bocadinho mais acima. Quando há alguma dúvida ainda temos que aplicar um teste.</p>	<p>Com testes. Fazemos um teste no início do ano quando vem um aluno novo. Quando os alunos são nossos, nós já sabemos naturalmente em que nível estão. Quando chegamos ao final do ano, se eles evoluíram bem, passam para o nível seguinte. Se achamos que não evoluíram bem, ficam na</p>	<p>Fazendo um teste de diagnóstico de proficiência, que é composto pelo teste de compreensão oral, de compreensão escrita...na gramática, nós avaliamos na composição, portanto, na expressão</p>

	<p>mesma. Mas o professor que esteve o ano todo com eles, não precisa fazer um teste porque estamos sempre a fazer testes ao longo do ano, só fazemos para os novos, acabadinhos de chegar.</p>	<p>escrita. A apresentação ainda não, porque eles têm a limitação da língua, não é?</p>
--	---	---

ANEXO 24

Análise dos dados recolhidos das entrevistas aos docentes

Categorias de análise

- B) O processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM
- C) As estratégias de inclusão (adotadas para os alunos migrantes de PLNM)
- D) O papel dos alunos migrantes de PLNM: facilidades e dificuldades na inclusão

Docente D1 PLNM	Docente D2 PLNM	Docente D3 PLNM	Docente D1 CT	Docente D2 CT	Docente D3 CT	Docente D4 CT
B) O processo de acolhimento						
B.1. O acolhimento dos alunos migrantes de PLNM nas turmas do ensino regular						
Formalmente, não faço ideia.	Nós tentamos, eu pelo menos tento, que seja igual aos outros.	O aluno apresenta-se na aula e é indicado o que é que ele precisa trazer para a aula. Não passa	Sou algo crítico no processo, porque os alunos são integrados em todas as disciplinas.	Eu acho que o que se passa é: eles chegam à escola e consoante a idade que eles têm, não o percurso escolar porque	...sei que os alunos são integrados nas turmas consoante o nível que eles demonstram ter relativamente	Formalmente, são incluídos na turma, tendo em conta as aprendizagens que trazem de trás e a idade, é a ideia que eu tenho. E é-lhes aplicado um teste de proficiência para

		<p>muito mais que isso.</p>		<p>muitos deles muitas vezes não trazem, o currículo, o percurso escolar e a idade, eles são colocados numa determinada turma. Julgo eu que tenham em conta alguma língua que eles peçam, algumas características, mas nem será pela língua porque eles até estão</p>	<p>ao ensino de onde eles vinham.</p>	<p>ver o nível que trazem do português.</p>
--	--	-----------------------------	--	---	---------------------------------------	---

				dispensados da segunda língua, portanto, poderá ser pelas opções, por existência de vaga ou não na turma...		
B.2. O papel dos diferentes intervenientes neste processo						
B.2.1. O papel do Diretor de Turma						
O primordial porque o aluno sabe que aquele professor é a chave, aquele professor está em contacto com os seus pais. Penso que o aluno	Nota-se quando eles têm um Diretor de turma que é muito presente e que os ajuda muito, corre muito melhor do que aqueles que os deixam soltos. Eles, ao	Deveria desempenhar um papel muito importante. Daquilo que eu conheço, acho que os Diretores de Turma não se empenham muito...	Isso depende muito do Diretor de Turma, embora ache que os bons diretores de turma fazem esforços para integrar esses alunos quer na turma quer na Escola.	Eu agora vou falar como diretora de turma, portanto é aquilo que eu acho que se faz é: procurar alguém na turma que possa tentar	Enquanto Diretora de Turma, eu dou muita importância ao acolher e acho muito importante, todos devem ser acolhidos com muita	O Diretor de Turma, eu falo por mim, não faz distinção entre os alunos de PLNM e os outros, chegando mesmo, se necessário, a falar com eles ou a tentar comunicar com eles em

estrangeiro consegue ter mais respeito ao DT precisamente por causa disso do que aos outros professores.	princípio, não se orientam. Se não for o Diretor de Turma, eles perdem-se, pronto, não se orientam. Têm mesmo que os ajudar...			ajudar aqueles alunos, para os integrar um bocadinho melhor e ir tomando mais um bocadinho de atenção.	atenção e estes alunos, sobretudo os que aparecem sem saberem nada do português e que vieram há pouco tempo doutro país, eu penso que devem ter um acolhimento ainda com mais cuidado.	inglês, para que as informações que são dadas aos outros sejam também percebidas por eles no caso deles não falarem português.
B.2.2. O papel do professor de PLNM						
Eu consigo ser a ponte. Eu acho que consigo isso com os meus alunos	Uma pessoa tem que falar, incentivar e promover trabalhos de pares, de grupos	Eu acho que o professor de PLNM consegue ajudar bastante se quiser, não	O que chega a nós, professores, é mesmo só nas reuniões de avaliação ou nas reuniões	Não tenho nenhuma, nesse processo de integração, não tenho.	Considero que é muito importante. (...)Eles ajudam nessa parte da	Eu acho que devia ser mais transversal.

porque, muitas vezes, as miúdas vêm ter comigo e vêm me pedir ajuda...	e pôr um a ajudar, ver os cadernos e explicar. Tento sempre, ponho os estrangeiros muitas vezes com aqueles alunos melhores para os ajudarem e lhes explicarem.	só a lecionar as matérias ou a ensiná-los,(...) Às vezes até acho que isto é ser um bocadinho diretora de turma do PLNM da minha turma. Eles vêm me perguntar porque se calhar estão mais à vontade.	intercalares. Aí ficamos a saber aquilo que se passa nas aulas de PLNM. Não temos outra maneira de ter feedback dessas aulas. Não há outra perceção do papel deles.	Não tenho ideia.	tradução. E, depois, tem todo o outro aspeto do ensinar a língua portuguesa da melhor forma para ver se a aprendizagem é o mais rápido possível.	
C) O processo de inclusão promovido por docentes e outros elementos educativos						
C.1. As estratégias de inclusão						
C.1.1. Articuladas pelo Conselho de Turma dentro da sala de aula						
Eu penso que não porque tive há pouco tempo um	Sim, às vezes, os professores fazem. Em Conselho de	A diretora de turma informamos do aluno e das suas	Os professores tentam acompanhar, mas estratégia	Não há uma articulação.	Quando há reuniões, nós articulamos as estratégias e	Há o PAPI em que cada professor escolhe as estratégias que vai

aluno que entrou numa turma de 5ºano, na qual eu leciono Inglês, portanto não tem nada a ver com o PLNM, e não houve qualquer tipo de procedimento, nem pedido ou requerido, nada. Tudo normal.	turma organizam uns materiais, umas coisas, umas atividades suplementares..	características. Pronto, informamos do que também sabe, o que, às vezes, não é muito. Entre os docentes não existem estratégias articuladas.	articulada não existe.		há várias coisas que articulamos.	aplicar. Eu não falaria em articulação porque se fosse articulação, seriam as mesmas para todos e não são.
C.1.2. Promovidas por cada docente						
Eu, como sou docente de Inglês, é fácil.	Tenho cuidado com o lugar da sala onde os sento, tento	Eles normalmente sentam-se na última cadeira,	Se os alunos falarem inglês ou compreenderem inglês, torna-se	Inicialmente aquilo que eu faço é: há vários tipos de	(...)dou-lhes fichas ou que me são encaminhadas	Não os ponho de parte,...(...)Portanto, eu não faço estratégias

	ajudá-los a traduzir, ...	a	porque não conhecem ninguém, puxo-os para a frente e sento-os na primeira cadeira. No início, explico-lhes como é que funciona, têm que trazer o manual, que os cadernos são essenciais, o material de escrita é essencial e, depois, vou muitas vezes ao aluno perguntar se precisa de alguma coisa.	ligeiramente mais fácil.	alunos e aqui acho que temos que falar em situações diferentes. Uma coisa é um aluno chegar no sétimo ano, outra coisa é um aluno que está no nono ano.	pelo professor de PLNМ ou que eu, às vezes, arranjo. Eu também estou sempre a tentar motivá-los para eles irem praticando aquilo que eles vão fazendo na aula de PLNМ. Tento sempre pedir ajuda aos colegas para traduzirem ou também para os ajudarem, para haver ali um aspeto de interajuda. (...)	diferentes em termos de atividades para uns e para outros. Tenho é que perceber que uns só conseguem ir, nomeadamente na ficha dos Lusíadas, até determinado ponto, mas nenhuma ficha vem em branco. Eles tentaram.
--	---------------------------	---	---	--------------------------	---	---	---

		Faço traduções de Português, Francês e Inglês. Tento ajudar ao máximo no que eu consigo.			Tento perceber o que é que eles estão a fazer e tento sempre, como faço com todos, recorrer ao estímulo positivo para os motivar, para que eles não desanimem ou desencorajem.	
C.2. A flexibilização do currículo						
C.2.1. Articulada pelo Conselho de Turma						
A nível de flexibilização de currículo, nunca me apercebi de nenhum	Alguns fazem alguma flexibilização, outros não. Nem toda a gente faz, normalmente é	Não.	Não.	Não. Ou seja, eu acho que os professores fazem isso, mas não articulam entre	Sim, nós discutimos isso, tentamos articular nas diversas disciplinas.	Há adaptação de testes. Eu tenho essa noção.

colega dizer que passava por ali. O que eu oiço mais é “eu tenho pouco tempo, mas se eu tivesse mais tempo, eu conseguia fazer só fichas para ele ou tentar organizar um glossário ou qualquer coisa para ele...”	mais a Matemática, a Língua Estrangeira e o Português,...			si, não falam sobre isso, mas fazem.	Discutimos de uma forma geral e depois pedimos a opinião dos colegas das diversas disciplinas que vão dizendo aquilo que fazem.	
C.2.2. Promovida por cada docente						
Portanto cada professor deve tentar perceber	Nós tentamos, eu, pelo menos o que tento é aproveitar a	Essa flexibilização já é quando eu trago fichas e	(...)Depois vamos tentar perceber a realidade que esse aluno tem e se	No nono, não faço, é igual para todos, aquele é o	O que eu faço é disponibilizar fichas de língua	Eu, como eles não são avaliados comigo, as fichas que eu aplico aos

<p>como é que funciona a sua turma, o que é que é melhor para a sua turma e, se calhar, até, às vezes, há coisas que não damos consoante o currículo ou passamo-las lá mais para a frente...</p>	<p>cultura deles para enriquecer a turma e pronto... Nos trabalhos individuais que nós pedimos, eu peço sempre algo que tenha a ver com o país deles e eles falam do país, falam dos cantores, falam das pessoas famosas.(...) Mas o resto do currículo é normal, não há alteração nenhuma.</p>	<p>lhes começo a ensinar as bases. Passa por estar um bocadinho com eles por causa da oralidade e a adaptar materiais.</p>	<p>aquilo que estamos a lecionar se enquadra na realidade que eles já sentiram, ou seja, através do construtivismo, se não for assim, torna-se mais difícil.</p>	<p>programa que eles têm, portanto, a nível de estratégia, é muito difícil. (...) A nível do sétimo ano, sim. Por exemplo, quando estamos a ensinar as equações, enquanto que com os alunos portugueses trabalhamos com as equações mais complexas,</p>	<p>portuguesa não materna e é ajudá-los na tradução, quando não é possível entenderem.</p>	<p>outros, eu dou a eles. Como eu disse há pouco, sabendo sempre que eles só conseguirão determinado patamar, mas o que conseguem para mim já é uma vitória, porque estão a fazer ao mesmo nível dos outros.</p>
--	---	--	--	---	--	--

				<p>com aqueles alunos é sempre num nível mais simples, pronto, tentamos simplificar o máximo possível. E quem diz nas equações diz com todos os conteúdos e é tentar simplificar sempre o máximo possível.</p>		
C.3. Articulação com o professor de PLNM						
C.3.1. Com o Conselho de Turma						

<p>Eu acho que não. Eu acho que temos que preencher uma coisa que se chama PAPI, mas isso fica preenchido e penso que isso seja lido quando é preenchido e pronto.</p>	<p>Quando fazemos o PAPI planeamos um pouco, falamos do nível do aluno, o que é que será melhor para ele, como é que ele aprende melhor, se é a oralidade, se é a escrita.</p>	<p>Não.</p>	<p>Muitos professores de PLNM não os conheço, sem ser nas reuniões de avaliação.</p>	<p>Não.</p>	<p>Sim, tenho e, se calhar, ainda com mais cuidado agora no nono ano, porque eles vão fazer exame de língua portuguesa no final do ano. (...)Penso que se faz sobretudo aquando das reuniões no dia a dia. Penso que se faz mais diretamente com o professor de</p>	<p>Não, não tenho. (hábito de articular)</p>
--	--	-------------	--	-------------	---	--

					português. Com as outras disciplinas não noto.	
C.3.2. Com a equipa EMAEI						
Se calhar, ao nível da coordenação de PLNM, existe, mas eu, enquanto docente cá no fundo da hierarquia, não dei por nada.	Não.	Não.	Não conheço.	Eu acho que não, quer dizer, eles dão algumas sugestões; sugestões que devemos deixar usar o dicionário. Pronto, esse tipo de sugestões, agora, estratégias, estratégias? Não há muitas,	Atualmente, penso que começa a haver, mas noto mais com os alunos de necessidades educativas especiais do que propriamente com estes.	Não. Que eu tenha conhecimento, não. Cada um faz o seu trabalho.

				quer dizer não, não se discute.		
C.4. A receptividade por parte dos alunos migrantes de PLNM						
C.4.1. A receptividade das estratégias de diferenciação pedagógica por parte dos alunos migrantes de PLNM						
Há várias...há várias respostas, uns ficam contentes, outros ficam aborrecidos, outros, às vezes, nem percebem o que é aquilo, dizem só "Thank you, thank you..." depende da sua motivação.	Eles nem se apercebem que estão a ser avaliados pois nós aplicamos a vários alunos. Eu, por exemplo, quando dou uma ficha diferente, dou-lhes a eles como dou a outros portugueses que têm mais dificuldades, portanto eles	Acho que eles reagem bem e ficam a simpatizar com o professor, porque o professor tem mais paciência para eles, porque tem vontade de os ensinar e, pronto, tem sido assim a minha forma de estar com essas crianças.	Normalmente reagem de maneira muito positiva, porque nós tentamos traduzir a realidade que lecionamos e aproximá-la da realidade que eles já sentiram ou ainda estão a sentir.	Muito bem, este ano tenho dois casos de sucesso no sétimo que me deixa muito feliz.	Eles aceitam bem. Eu noto que eles reagem bem. Pronto, eu agora estou a falar dos que tenho este ano no nono ano, mas reagem bem, porque eles querem aprender, bem a maioria. Não são todos.	Acho que são reconhecidos por as terem. Eu penso que percebem que é para o bem deles, não é uma diferenciação negativa, mas que é para o bem deles para conseguirem progredir.

	acabam por não perceber.					
C.4.2. As atitudes, em termos de comportamento, dos alunos migrantes de PLNM nas turmas de ensino regular						
São mais caladinhos porque já não são exclusivos do professor, porque, ao fim e ao cabo, quando eles estão numa turma de PLNM eles sentem-se exclusivos:...	Portam-se bem.	Eles portam-se muito bem.	Depende muito do conhecimento que eles têm da língua. Inicialmente portam-se sempre muito bem, porque pronto estão num ambiente em que ainda não estão à vontade. Depois, se a temática lhes interessa, o comportamento continua. Se a temática lhes começa a ser um bocadinho longe da realidade deles, eles vão se	Quando são poucos, portam-se muito bem, quando são muitos, a experiência que eu tive este ano numa turma onde existem bastantes alunos, foi muito má. (...) Era os risinhos, era os comentários na língua deles.	De uma forma geral, eles até se portam bem. Às vezes, há situações pontuais em que eles tendem a formar um grupo à parte.	Falo pela minha experiência, mais uma vez, excelentemente. Não tenho a mínima razão de queixa em termos de comportamento de nenhum deles.

			distanciando e ficando um bocadinho alheios.			
C.4.3. A motivação dos alunos migrantes de PLNM						
C.4.3.1. Para a aprendizagem do Português						
Sim.	Varia muito. Uns sim, querem mesmo e esforçam-se imenso; outros não querem saber de nada. Alguns estão cá há 3ou 4 anos e mal sabem fazer uma frase. Não têm interesse nenhum.	Sim, os meus sim.	Alguns sim, outros recusam mesmo a aprendizagem da língua portuguesa.	Não me parecem motivados para aprender. Ou melhor, se calhar o português até estão.	A maioria, mas alguns não.	Uns mais que outros. (...)Mas a exceção no interesse, a exceção é não estarem interessados porque a maior parte está motivada para aprender e quer aprender.
C.4.3.2. Para a aprendizagem das restantes disciplinas						
Não sei, não estou nas restantes	É igual como o Português, enfim, não é	As restantes disciplinas...não é eles não	Sim...é assim, a Geografia sendo trabalhada para	Não me parece que haja um	Aqueles alunos que querem continuar a	Motivados, interessados, a ouvirem

<p>disciplinas. Ouço os colegas dizerem que, realmente, é difícil, mas quero acreditar que a língua também é um travão.</p>	<p>muito, muito diferente. Temos desde o melhor ao pior.</p>	<p>terem vontade de aprender, os meus...é a dificuldade mesmo de perceber, por vezes, a matéria.</p>	<p>esses alunos, ou seja, eles podem ter os mesmos conteúdos dos outros colegas, mas são trabalhados de maneiras diferentes, com as realidades que eles já tiveram ou ainda têm. É fácil de conseguir e é fácil ter motivação.</p>	<p>grande interesse em aprender os conteúdos da disciplina.</p>	<p>estudar, sim, os que querem muito ir para o secundário e que sabem que vão ficar no nosso país. (...)Os outros não se motivam, sobretudo, porque os interesses deles também estão muito limitados porque, às vezes, eu penso que eles pensam que estão aqui de passagem.</p>	<p>atentamente. Colocam dúvidas.</p>
---	--	--	--	---	---	--------------------------------------

D) O papel dos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão						
D.1.A percepção da inclusão dos alunos migrantes de PLNM com os seus pares no espaço escolar						
D.1.1. Dentro da sala de aula						
<p>Caberá a cada professor fazer ali um bocado daqueles jogos que nós, na formação, fazemos: um quebra-gelo. Eu espero que não seja aquela coisa seca do “Olá meninos, temos um aluno novo. É o Rachide ou o Rashibe e pronto, podes</p>	<p>Não é fácil. O que eu acho, do que eu vejo, muitas vezes deixam-nos um bocado de lado. Aliás, quando se diz que aquela turma é muito boa porque integra bem os meninos estrangeiros, tenho uma que realmente consegue, preocupa-se imenso e ajudam. Mas, é</p>	<p>Não sei.</p>	<p>Eles fazem grupos por nacionalidade e por competência, às vezes, de português. Se houver uma nacionalidade isolada, também tenta incluir no grupo dos alunos estrangeiros e não dos alunos portugueses.</p>	<p>Acho que os alunos os integram... ou integram melhor os alunos que os recebem do que eles próprios. Eu acho que eles preferem estar entre pares, com os pares deles, e não tanto estar, neste caso, com os portugueses.</p>	<p>Isso também depende da turma e depende do trabalho que se faz com a turma.(...) De uma maneira geral eu posso dizer que têm tido reações muito positivas e vejo os alunos motivados a ajudar os outros e isso deixa-me feliz.</p>	<p>Nunca aconteceu comigo...Eu não teria essa percepção se não me tivessem contado, mas aqui há tempos, numa aula de história, houve uma situação de preconceito em que duas alunas portuguesas se recusaram a fazer grupo, a trabalhar em conjunto, com duas alunas, uma de origem Indiana, a outra de origem paquistanesa.(...)...</p>

te sentar ali e vamos continuar”. Eu espero que não seja assim porque senão é muito seco...	raro, é uma exceção. Normalmente, deixam-nos um pouquinho de lado.					com os outros, não noto nada disso, eles trabalham bem e ajudam-nos.
D.1.2. Fora da sala de aula						
O ideal seria uma mescla, eles procurarem, principalmente , os nacionais até por uma questão de língua. Eu digo para eles fazerem isso, mas não...não conseguem	Depende dos miúdos, é assim: alguns miúdos falam com qualquer um e dão-se bem com todos os que apareçam à frente, mas há outros que não; só falam com os do próprio país.	No meu caso, na minha turma do B1, eles relacionam-se com os colegas da turma, da escola, da comunidade escolar, não têm problemas de inclusão. Os outros alunos, por aquilo que	Eles formam grupos, grupos mesmo. Se formos num intervalo ou numa hora de almoço, vimos perfeitamente esses grupos que estão sempre dispostos a serem alargados com a vinda de novos alunos, mas	Ainda é pior fora da sala. Parece-me ser consoante as nacionalidades .	Há de tudo. Estas turmas que são mais unidas e que interagem mais, isso também se vê lá fora. Não é só na sala de aula, mas, depois, temos exceções,	Aí não tenho uma ideia tão positiva. Porque fora da sala de aula, eu vejo-os muito reunidos com outros meninos do mesmo país, chegando a estar aos grupos de 10 e 12.

<p>porque os nossos nacionais não dão essa hipótese. Então, estão sempre nos grupos deles.</p>	<p>Juntam-se em grupinhos.</p>	<p>vejo lá fora, juntam-se muito, centram-se muito uns com os outros e fecham-se muito.</p>	<p>normalmente por nacionalidade, ou seja, a tal segregação dentro da sala de aula continua fora da sala.</p>		<p>temos grupos e isso acontece.</p>	
D.2. As facilidades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM						
D.2.1. Dentro da sala de aula						
<p>Toda a ajuda que eles possam ter, penso que eles agradecem muito.</p>	<p>Eu acho que tem a ver com o feitio das crianças tal como um português que se integra bem na turma ou não. Não é o ser de outra nacionalidade, claro que</p>	<p>Facilidades? Não, não da parte deles. Eles são muito introvertidos, são muito fechados. São tão fechados que não deixam, parece</p>	<p>É assim: depende do aluno. Alguns mostram-se interessados e são extremamente esforçados. Há outros, principalmente aqueles que nós dizemos que “estão em trânsito”,</p>	<p>Tentam incluir-se. Tentam com os colegas, sim. Parece-me que sim, não se retraem.</p>	<p>Falando concretamente da minha turma do nono ano, eu noto que eles mostram facilidade no sentido de quererem ser ajudados,</p>	<p>De início são mais reservados, não colocando as dúvidas que devem colocar, mas penso que essa situação vai sendo ultrapassada com o tempo. Não se sentem menos à vontade para</p>

	dificulta um pouquinho, à partida, por causa da comunicação, mas se forem miúdos extrovertidos, mesmo que falem mal, eles lá se adaptam.	que não deixam...	ou seja, que eles sabem que estão aqui, mas que a nível familiar lhes dizem que isto é só mais uma etapa, o empenho é muito fraco.		sobretudo porque eles têm em mente que têm o exame de PLNM. Aí eles ouvem-nos, escutam as nossas orientações e até procuram ajuda.	colocarem as dúvidas que têm é a perceção que eu tenho.
D.2.1.1. Intervenção na sala de aula por solicitação dos docentes.						
Sim.	Sim, igual aos outros.	Sim.	Na aula de Geografia todos têm de expor as suas ideias independentemente e da nacionalidade e da língua.	São, até são, são bastante (solicitados). Assim eles queiram, lá está.	No meu caso concreto, sim, penso que sim, de forma geral.	São, nomeadamente, por exemplo, na leitura, quando eu faço leitura de texto e faço por fila para nenhum me escapar, como eu costume dizer,

						chega a vez daquele menino e lendo muito bem ou assim assim, ele lê como os outros e não se recusa...
D.2.1.2. Intervenção na sala de aula de modo autónomo						
Sim, às vezes, sim. Às vezes até temos de dizer “calma, eu quero que seja o outro colega a responder para ver se também sabe”.	Sim, há uns que gostam de pôr o dedo no ar, responder e ir ao quadro. Tem a ver com o ser extrovertido ou não, é igual. Tem a ver com o feitio de cada um.	Sim, participam de forma autónoma.	Sim, se a temática lhes interessar, eles próprios arranjam maneiras de participar.	Depende, tenho de tudo. Tenho uns que participam imenso, estão sempre a querer ir ao quadro.	Alguns sim, outros... depois também tem a ver com os feitos, alguns são mais tímidos. Isso acontece com tudo.	Sim, participam de forma autónoma, uns mais que outros, mas participam.
D.2.2. Fora da sala de aula						
Eles, fora da sala de aula,	Ser extrovertido ajuda, ser	Eu acho que os nossos alunos	Eles fora da sala de aula procuram	Penso que os colegas os	Sinto que eles se incluem,	Também depende do timing mais uma

<p>estão com os seus pares nacionais e sentem-se muito à vontade. Nos intervalos dos dias em que há aulas de PLNМ eu penso que eles andam mais à vontade aqui porque não há tantos portugueses.</p>	<p>estrangeiro não ajuda, mas, pronto, se eles forem extrovertidos mais tarde ou mais cedo acabam por se incluir. Então, se fizerem atividades extracurriculares, que é muito bom, ou outros clubes ou assim, acabam por se incluir.</p>	<p>portugueses é que são muito recetivos a quem vem de fora. Somos muito acolhedores e eu penso que aqui, na escola, também acontece isso. Os nossos é que promovem a inclusão deles. A facilidade parte dos nossos alunos, não é deles.</p>	<p>os pares, ou seja, tentam através da nacionalidade fazer a sua inclusão, é muito mais fácil para um aluno que não domina a língua, que não domina o inglês estar com alguém que o possa ajudar do que ele próprio impor-se.</p>	<p>incluem, portanto eles têm facilidade em serem incluídos, assim eles queiram, muitas vezes são eles que não querem.</p>	<p>mas, por exemplo, às vezes, têm dificuldade, porque não se conseguem fazer entender.</p>	<p>vez; a minha perceção com as turmas de nono ano, é fácil incluírem-se no início se houver colegas que estejam dispostos a falar com eles em inglês. Eu agora já os vejo falar em português com os colegas. Portanto, acho que depende do timing de chegada.</p>
<p>D.3. As dificuldades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNМ</p>						
<p>D.3.1. Dentro da sala de aula</p>						

<p>Eu penso que a língua, a língua trava ali muita coisa para eles...</p>	<p>Às vezes eles não entendem, logo, a língua, o vocabulário. Nós temos que explicar com mais calma e dar-lhes mais tempo para escrever as letras, porque eles não conhecem o nosso alfabeto. Até que aquilo corra bem custa um bocadinho, trocam as letras a ler...portanto, a língua.</p>	<p>Penso que seja mesmo o acanhamento porque não falam muito bem a língua, têm vergonha. O constrangimento da língua.</p>	<p>A língua e a motivação, porque a motivação tem que ser constante.</p>	<p>A língua. A higiene. O facto de alguns alunos terem um cheirinho assim, às vezes, muito ativo, faz com que os colegas não queiram estar ao pé deles.</p>	<p>A mais importante, que é a maior de todas, é a língua.</p>	<p>É a barreira da língua, eu acho que essa é a principal dificuldade.</p>
D.3.2. Fora da sala de aula						

Fora da sala, muitas vezes, vejo as miúdas que estão sempre só elas, mas são grupos de três ou quatro, se calhar gostavam de estar com as outras miúdas, partilhar experiências...	Quando não se incluem cada vez se encolhem mais e depois isto é uma bola de neve: quanto menos interagem, menos aprendem, mais isolados ficam. E depois, às vezes, outros vão se incluindo, vão andando e, depois, há ali 2 ou 3... então, as meninas é pior.	Continua a ser a língua. Eu noto...mesmo, às vezes, no bar, as senhoras é que têm que perguntar o que é que querem. Não têm à vontade para falarem.	Não, eles não têm. É assim, assim que eles arranjam o seu grupo, os seus pares, eles fixam-se ali e é ali que eles funcionam.	Fora da sala de aula, não me apercebo.	Eu vejo muito o espírito de entreajuda fora da sala dos outros colegas relativamente a eles e da própria comunidade educativa, quer dos professores, quer dos auxiliares.	Mais uma vez a língua,...
D.3.3. De comunicação						
Sem dúvida.	As dificuldades de comunicação existem e são	Sim, sim.	Obviamente que no princípio sim, depois depende do	Alguns sim. Principalmente as raparigas,	Exato.	Sim.

	um entrave à aculturação.		interesse do aluno. Quando o aluno não está muito interessado, é muito fácil para ele dizer que não compreende e não percebe. Agora tem de haver uma motivação constante, ou seja, nós temos de lhes transmitir que eles conseguem independentement e da língua.	mais as raparigas que os rapazes. Os rapazes não têm.		
D.3.3.1. Estratégias por parte dos alunos migrantes de PLNM para ultrapassar as dificuldades de comunicação						
Acho que eles têm medo, têm receio.	Sim, alguns miúdos sim, eles lá se desenrascam bem. Pedem	Eles são muito passivos nisso. Eu, muitas vezes, dizia-lhes que	Aqueles que estão em trânsito, ou que lhes é transmitido que estão em trânsito, não.	Sim, e sempre com o telemóvel. Tentamos sempre andar	Andam sempre a traduzir no telemóvel. Eles comunicam muito pelo	Por exemplo, essa do telemóvel que eu nunca tinha visto nem sabia que existia, é uma

	logo para traduzir para inglês ou pegam no telemóvel e a gente deixa.	podiam ver no dicionário porque eles não tinham essa iniciativa. Agora, já tomam mais essa iniciativa.	(...)Aqueles que lhes é transmitido que este é o novo país, é uma nova realidade e que se vão fixar aqui, esses aí esforçam-se mais.	com o telemóvel e comunicar através do telemóvel. Falamos para o telemóvel.	telemóvel ou então há uns que são mais desenrascados, que arranjam alguém que traduz e que venha ter com eles e que ajude.	estratégia para ultrapassar essa dificuldade. Às vezes o gesto também é importante, não é? Eu própria, como eu já disse, eu até consigo falar inglês, mas se me falha uma palavra para explicar, encontrar um sinónimo naquele momento, há um gesto, há um desenho.
--	---	--	--	---	--	---

ANEXO 25

Análise dos dados recolhidos das entrevistas aos alunos

Categorias de análise

- E) O processo de acolhimento dos alunos migrantes de PLNM
- F) O papel dos alunos migrantes de PLNM: facilidades e dificuldades na inclusão

Aluno A1 PLNM	Aluno A2 PLNM	Aluno A3 PLNM	Aluno A4 PLNM	Aluno A1 PT	Aluno A2 PT	Aluno A3 PT	Aluno A4 PT
B) O processo de acolhimento							
B.1. O papel dos diferentes intervenientes neste processo							
B.1.1. O acolhimento por parte dos professores							
Os professores são ótimos. Mas às vezes, quando falamos inglês, olham para nós porque	Os professores falam com os alunos para tentar saber mais acerca deles. Quando eu cheguei, eles	De uma forma agradável. Acolhem sempre bem os alunos e dizem-nos como ir para as salas,	Os professores dão-lhes as boas-vindas e, pelo que tenho vivenciado, mesmo que não saibam	Alguns stores...há uma pequena diferença, pois alguns stores tentam ajudá-los ao máximo a aprender as coisas e há	Por parte dos professores acho que os acolhem bem, claro que, às vezes, é muito mais difícil porque	Aconteceu no ano passado, no final do ano, houve uma aluna estrangeira que veio para a escola. No início, os	(...)eu noto que, quando estes alunos aparecem nas aulas, os professores ficam desorientados, não sabem

<p>falamos um pouco depressa demais. Quando eu estava no sexto ano, os professores não falavam em inglês, falavam comigo em português. Usavam o tradutor.</p>	<p>falaram comigo, perguntaram sobre o meu nome, de onde é que era, em que ano eu andava.</p>	<p>porque na Índia só temos uma sala de aula.</p>	<p>falar em inglês, os professores tentam fazer o seu melhor para nos fazer compreender, mostram-nos a matéria.</p>	<p>outros que não dão assim muita importância aos de PLNM. Vê-se na necessidade dos alunos estarem a perguntar a outras pessoas o que se esteve a dar na aula.</p>	<p>há pessoas que não sabem falar tão bem inglês e, por isso, é muito mais difícil a comunicação . (...)falar aí mais o inglês com eles, falar mais devagar, tentar perceber se eles compreendem ou não e depois até por testes em</p>	<p>professores foram falar mais com ela e, nesse primeiro ano, não faltava muito para a escola acabar, tentaram perceber um pouco o nível de ensino em que ela estava para verem como é que podiam ajudar. Nalgumas aulas, eles falavam inglês para eles.</p>	<p>bem o que fazer porque metade dos professores não explicam as coisas em Inglês. Os professores perguntam o nome aos alunos, de onde são...</p>
---	---	---	---	--	--	---	---

					português e entre parênteses em Inglês, há professores que fazem isso.		
B.1.2. O papel do Diretor de Turma							
Acho que ela não faz nada de diferente. Provavelmente só diz aos outros alunos para fazerem amizade com os alunos migrantes.	A professora também não fala Inglês, mas ajudou-me muito. Ela ajudou-me a conhecer a escola e a perceber como funcionava.	A minha Diretora de Turma mostrou-me a escola, fez-me uma visita guiada e disse-me onde estavam as coisas.	No meu caso, a minha diretora de turma certificava-se de que eu era incluída nos grupos de alunos. Também veio ter comigo muitas vezes para me perguntar se	Não. Também é a stora de Português portanto...quer dizer, por exemplo quando são as visitas de estudo ou outras coisas que não são relacionadas com a aula, pois os alunos	(...)tenta falar com eles com calma, tenta também fazê-los perceber que têm que estar aqui e que devem tentar esforçar-se para falar português.	No nosso caso, a diretora de turma leciona português, por isso é que não fala inglês durante as aulas para dar a matéria, porque eles não dão a mesma matéria que nós em português, dão português	Sim. Ela puxa muito por eles, traz-lhes fichas para praticarem o Português e elogia-os no que diz respeito ao trabalho e ao esforço.

			<p>eu percebia tudo, para me perguntar se já tinha amigos. Se me via sozinha durante o intervalo, obrigava-me a falar com os meus colegas. Ela compreendia-me muito bem. (...)Este ano, a minha diretora de turma também me ajuda (...)</p>	<p>migrantes aprendem o Português nas aulas de PLNM, então, a stora, a única coisa que ela traduz para aqueles que não sabem falar Português são coisas que são fora da matéria, coisas que dizem respeito à Direção de Turma.</p>		<p>língua não materna; mas sempre que existe alguma informação que a turma precise saber, a diretora de turma ou vai até eles e fala em inglês ou quando tem algumas dificuldades e não sabe muito bem como dizer pede para nós ajudarmos e nós transmitimos.</p>	
B.1.3. O acolhimento por parte dos restantes alunos							

<p>No sexto ano, quando cheguei, não tinha amigos na primeira semana, mas depois comecei a ter amigos porque algumas pessoas da minha turma falavam inglês. Na primeira semana senti-me só, mas depois comecei a falar e a fazer amigos.</p>	<p>Bem. Eles ajudaram-me, mostraram-me a escola e não me deixaram sozinha.</p>	<p>A minha experiência tem sido bastante boa. No primeiro dia em que cheguei, três ou quatro outros alunos disseram-me para ir com eles para o ginásio jogar futebol. Quando cheguei à escola não sabia português,</p>	<p>Tenho uma opinião mista sobre isto, nem toda a gente é igual, toda a gente é diferente. Para mim, este ano, os meus colegas não me trataram bem, mas no ano passado foi fantástico. Depende das pessoas com quem se está a conviver. No ano passado, senti</p>	<p>Quando eles chegam, os alunos, pelo menos na minha turma, tentam acolhê-los e perceber as dificuldades deles perante o ensino português. Por exemplo, nas aulas, sempre que os professores estão a explicar alguma coisa, de vez em quando, os alunos viram-se para os alunos de PLNM e</p>	<p>No caso da minha turma, acho que nós os acolhemos muito bem. Neste momento, já fazem parte da turma e já é igual. Sabemos que há a questão da fala para alguns alunos, mas nisso nós também ajudamos. (...)</p>	<p>Sim, no primeiro dia, no caso da aluna nova, por exemplo, alguns alunos falaram logo com ela e isso normalmente costuma acontecer. Perguntam o nome e vão ver se há gostos em comum, alguma coisa do género, mas, normalmente, eles é que não falam muito por causa da</p>	<p>Algumas pessoas têm preconceito, mas certas pessoas acolhem bem. Algumas pessoas têm preconceito das danças, da cultura e da religião deles e quando estamos em Educação Física costuma haver muitos comentários palermas.</p>
--	--	--	---	--	--	---	---

		por isso os outros traduziam para mim, apesar de não falarem muito bem inglês, mas eu percebia-os.	que os meus colegas conseguiam sentir quando eu não percebia alguma coisa, quando estava confusa e vinham ter comigo.	perguntam-lhes se entenderam e se é preciso traduzir alguma coisa.		língua. Não conseguem comunicar muito bem ou porque não sabem muito bem inglês ou mesmo porque não se identificam.	Também há quem comente o odor e há muita gente que reclama.
D)O papel dos alunos migrantes de PLNM no processo de inclusão							
D.1. As facilidades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM							
D.1.1. Dentro da sala de aula							
Bem, para mim foi o mesmo que estar na África do Sul, foi bastante normal,	Não é fácil porque os alunos não falam Português. A facilidade é o	Sinto que é fácil, sinto que faço parte da turma, mas se não soubermos	No início, nos primeiros dois meses, não foi fácil. Eu estava a adaptar-me. Não sabia	A única coisa que eu vejo é o telemóvel que eles têm com o tradutor e traduzem as coisas que	No caso da minha turma, deixam de ser um elemento estranho, até porque nós,	Alguns não demonstram. Por exemplo, já existiam algumas aulas onde eles iam para o	Eu acho que não há assim tantas...alguns da minha sala não se mostram interessados.

<p>apenas o problema da língua... foi só isso. Para os outros provavelmente não é fácil porque não sabem a língua, como a aluna chinesa que temos. Ela só sabe chinês e um pouco de inglês.</p>	<p>acolhimento dos colegas.</p>	<p>inglês podemos sentir-nos sozinhos, porque o inglês é uma língua universal.</p>	<p>como se faziam os testes, não sabia se podia usar tradutor e muitas coisas são diferentes da minha escola anterior...</p>	<p>estão em Português quando não entendem.</p>	<p>portanto, depende das pessoas, queremos falar com eles e queremos que eles também sintam que podem passar de ano e, por isso, também os ajudamos. Nós puxamos por eles e somos uma facilidade para eles.</p>	<p>telemóvel ou então ficam só a conversar entre eles e não prestam atenção. Nalguns casos há vontade de ser incluído, mas a maioria não se mostra interessada.</p>	<p>Há um aluno que, em algumas aulas, quando não consegue entender, junta-se aos amigos que não estão interessados, mas, noutras aulas, como Matemática, Português... ele faz um esforço para entender, ele afasta-se deles todos. Vai para as mesas da</p>
---	---------------------------------	--	--	--	---	---	---

							frente e ignora-os a todos. Temos outra aluna que está sempre a trabalhar. No entanto, os outros nunca fazem nada, eles não se mostram interessados com nada, exceto em Educação Física.
D.1.1.1. Intervenção na sala de aula por solicitação dos docentes.							
Em Ciências, o professor pede. Acho que todos os	Sim, às vezes.	Às vezes fico muito nervoso porque, em	Sim, a maior parte das vezes. Por vezes, estou	Sim, quando escolhem os alunos também escolhem os	Sim, alguns professores puxam por	Sim.	Acho que sim...em Inglês sim, mas, noutros

<p>professores pedem.</p>		<p>primeiro lugar, o professor pergunta em português e, às vezes, eu percebo e outras vezes não, por isso alguns dos meus amigos portugueses dizem-me ou traduzem para mim e eu tento dar o meu melhor para responder em português.</p>	<p>mais ansiosa para responder porque penso “E se disser alguma coisa errada?”. Sinto-me motivado na maior parte das vezes.</p>	<p>alunos migrantes.</p>	<p>eles.</p>		<p>aspetos acho que não. Eles, muitas vezes, estão perdidos, nem sabem onde é que estão na matéria ou, então, estão a brincar, a atirar borrachas uns aos outros.</p>
---------------------------	--	---	---	--------------------------	--------------	--	---

D.1.1.2. Intervenção na sala de aula de modo autónomo							
Só quando os professores pedem.	Às vezes, quando eu percebo a matéria, participo.	Eu participo, porque acho que quanto mais participar, melhor aprenderei a língua, mas os meus colegas... são um pouco tímidos porque, mais uma vez, não falam português e falam inglês, mas não da melhor	Por vezes. Depende da matéria. Depende se os alunos são bons ou não.	Só alguns. Os alunos migrantes de PLNM que já sabem falar mais Português, os outros não.	Não, participar de forma autónoma, não. Os professores têm que lhes perguntar as coisas. Às vezes, quando são novos, alguns professores tentam pôr um português e um migrante para facilitar. E quando eles não	Não. Não participam de forma autónoma.	Só em Inglês.

		maneira. Alguns dos professores pedem-me para lhes traduzir em urdu, sabem as respostas em urdu, mas não sabem como dizê-las em inglês ou em português.			percebem, é bem mais fácil falarem connosco do que propriamente dizerem ao professor e participarem na aula diretamente. Em vez de perguntarem ao professor, perguntam-nos a nós.		
D.1.2. Fora da sala de aula							
Os indianos, eles andam com os amigos deles, outros alunos	Juntam-se em grupos. Eu tenho amigos	O meu irmão está cá há quatro anos e o seu português é	Acho que se comportam normalmente. Não noto uma grande	Eu vejo-os sempre em grupinhos uns com os outros.	Eles normalmente estão sempre a jogar críquete, pelo	Maioritariamente e não mostram facilidade em se incluírem. Nós temos	Eles, nos intervalos, costumam estar sempre em

<p>indianos, não com os portugueses. É uma espécie de separação dos outros. Têm os seus próprios grupos e não se dão com os amigos portugueses.</p>	<p>portugueses e indianos.</p>	<p>muito bom, por isso, fora da sala de aula, ajuda-me. Já fomos à secretaria para tratar do e-mail da escola, do cartão da escola para sair... por isso não tem sido difícil para mim.</p>	<p>mudança entre a forma como se comportam na sala de aula e a forma como se comportam fora dela. Na minha opinião, não são diferentes.</p>		<p>menos os nossos juntam-se no grupinho deles. Penso que nos intervalos, normalmente, juntam-se no grupo deles, mas, por exemplo, quando nós não temos aulas e não temos substituição, eles vêm ter connosco e ficam aquele tempo connosco.</p>	<p>cinco alunos na nossa turma e só um deles é que costuma ir ter connosco. Os outros quatro vão ter com os outros que falam a mesma língua que eles. Já os convidámos, mas não os obrigamos a vir, se quiserem vir, podem vir.</p>	<p>grupos...ou jogam críquete, ou ouvem música, mas quando há visitas de estudo ou saídas em grupo da nossa turma, eles incluem-se muito rápido. A facilidade é que a turma toda dá-se bem com eles, então eles brincam connosco. Mas, quando</p>
---	--------------------------------	---	---	--	--	---	---

							estamos todos na escola, ficam à parte, em grupo, a jogar críquete.
D.2. As dificuldades demonstradas pelos alunos migrantes de PLNM							
D.2.1. Dentro da sala de aula							
A língua. (...) Fazem um esforço para aprender a língua porque têm de o fazer (mesmo que não gostem ou não), mas fazer amigos acho que não.	A língua. Falar com as pessoas. A comunicação.	A principal é a língua portuguesa e outras são... por exemplo, na matemática. .. aqui ensinam matemática com fórmulas diferentes e as coisas	Às vezes não consigo perceber o que os professores dizem, estão a explicar uma matéria e estão a explicar em português, o que é compreensível, mas eu	As maiores dificuldades são não entenderem aquilo que é pedido na sala de aula por causa da língua, não entenderem as tarefas e, às vezes, tenho perceção das dificuldades	A linguagem porque muitos deles não falam português e também não falam inglês, então é um bocado difícil. Também, às vezes, como vêm de países com currículos	A língua, porque há professores que não sabem muito bem inglês e, então, aí, têm um pouco mais de dificuldade em ensinar os alunos de PLNM.	A língua e a maneira de entender...por exemplo, mesmo a professora de Inglês muitos deles não entendem, porque alguns também não falam o Inglês. Muitos

		<p>que são ensinadas no nono ano aqui eu aprendi-as no sétimo ou oitavo ano na Índia. (...)Por isso, o currículo é diferente nalgumas disciplinas e é uma dificuldade, mas se eu estudar mais, acho que consigo ultrapassar isso.</p>	<p>pessoalmente não aprendo nada nas aulas, por isso tenho de ir para casa e aprender sozinha.</p>	<p>não só por causa da língua, mas porque, por exemplo, na aula de TIC, vejo que alguns não sabem, não é por causa da língua, não sabem mexer em certos softwares.</p>	<p>escolares que não são iguais ao nosso podem estar muito atrás. Os professores têm que andar, como por exemplo, a matemática é um desses casos, e não é fácil.</p>		<p>deles também se portam mal pois, nas aulas, estão no telemóvel e tentam estar uns com os outros.</p>
D.2.2. Fora da sala de aula							

<p>Eu ando com os meus amigos portugueses, mas os indianos e os paquistaneses fazem grupos e separam-se dos outros. Sentem-se mais à vontade com eles.</p>	<p>Continua a ser a comunicação. Há alunos estrangeiros que andam com outros alunos estrangeiros. Eu ando com os meus amigos, quer portugueses, quer estrangeiros.</p>	<p>Mais uma vez a língua, mas tudo pode ser bastante fácil se falarmos inglês, porque toda a gente sabe um pouco de inglês.</p>	<p>Não há muitas dificuldades, exceto, por vezes, quando as pessoas se aproximam de mim e começam a falar em português e eu não percebo nada, depois vão-se embora e eu sinto-me mal. Sinto que não posso participar como a maior parte dos outros.</p>	<p>Não sei.</p>	<p>Uma das dificuldades é ficarem na bolha deles. Eles estão sempre num cantinho, todos juntos e, normalmente, não se juntam com os outros alunos nos intervalos isolam-se imenso.</p>	<p>A língua.</p>	<p>A dificuldade é a comunicação com as pessoas portuguesas ou com as outras pessoas. Eles juntam-se todos, até os pequenos, formam um grande grupo e estão ao lado do bloco E.</p>
--	--	---	---	-----------------	--	------------------	---

D.2.3. De comunicação								
Os alunos migrantes estão a aprender português, apenas os chineses precisam de aprender mais.	Sim, os outros sim. Eu já não tenho. Já sou aluna B1.	Sim, sem dúvida.	Sim. É a língua...	Algumas. Maioritariament e por causa da língua. Na minha turma, os alunos de PLNM já sabem falar um pouco de Português, mas quando é para falarem com as pessoas em Português não se entende muito bem o que dizem por não ser a língua materna deles.	Exato.	Sim.	? Sim. Às vezes recusam-se a aprender o Português porque dizem que não estão lá para aprender. Por exemplo, há um aluno que veio para cá porque foi obrigado pelos pais, não teve outra escolha, e ele diz que daqui a uns anos se vai mudar	

							para a Irlanda por ser mais fácil por causa do Inglês. Há alguns que têm presente a ideia de “estarem de passagem”.
D.2.3.1. Estratégias para ultrapassar as dificuldades de comunicação							
D.2.3.1.1.) Por parte dos alunos migrantes de PLNM							
Não me parece que as ultrapassem. O único problema é a chinesa, que é tímida.	Falam em Inglês até aprenderem Português e também usam o Google Tradutor.	Em casa, estudo com o meu irmão às vezes durante o fim de semana e ele ensina-me a aprender	Não encontrei uma forma de ultrapassar essas dificuldades. A única coisa que faço é apanhar o que as pessoas estão a dizer,	Não sei.	Alguns sim. Na minha turma tenho dois alunos que esforçam-se e aliás, uma delas já está no último nível de	Alguns esforçam-se. Há um aluno na minha turma que veio há 2 anos e já percebe o português, já consegue falar mais ou menos.	Não. Às vezes, tentam falar, mas é raro. Nas fichas pedem-nos ajuda, mas depois dão-nos as fichas para nós

		português mais depressa, as frases comuns em português, como usar linguagem formal e informal. Ele está a ensinar-me mais a usar a linguagem informal para usar com os outros, mas na minha aula de português a professora	por isso pratico português com o meu amigo emigrante. A única coisa em que me estou a concentrar é no meu português.		PLNM. Uma delas, por exemplo, no início ia pela música, ou seja, ouvia músicas em inglês e depois tentava traduzir. Acho que também escrevia muito. Ela fazia muitas cópias e quando tinha dúvidas, perguntávamos.	Por exemplo, eu tenho uma aluna chinesa na minha turma e, às vezes, para comunicarmos usamos o tradutor.	fazemos as fichas deles.
--	--	--	--	--	--	--	--------------------------

		explica-me tudo sobre a linguagem formal.					
D.2.3.1.2.) Por parte dos restantes alunos							
				Só quando é preciso.	Sim, os restantes alunos tentam ajudar a ultrapassar as dificuldades. Quem fala inglês, vai mais pelo inglês. Quem não fala, e todos querem ajudar, às vezes perguntam a quem sabe	Recorrem também ao telemóvel.	Tentam falar Inglês com eles.

					mais inglês para os ajudar.		
--	--	--	--	--	-----------------------------------	--	--

